

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Anderson C.F. Brettas
Orientador: Prof.º Dr.º José Carlos Souza Araújo

EURÍPEDES BARSANULPHO E O COLLÉGIO ALLAN KARDEC
*Capítulos de História da Educação e a Gênese do Espiritismo nas Terras
do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918)*

Uberlândia, MG, 2006

Anderson C.F. Brettas

EURÍPEDES BARSANULPHO E O COLLÉGIO ALLAN KARDEC
*Capítulos de História da Educação e a Gênese do Espiritismo nas Terras
do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918)*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a orientação do prof.º Dr. José Carlos Souza Araújo.

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Uberlândia, MG

2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- B845e Brettas, Anderson C. F., 1971-
Eurípedes Barsanulpho e o Collégio Allan Kardec : capítulos de História da Educação e a gênese do espiritismo nas terras do Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907-1918) / Anderson C. F. Brettas. - 2006.
244 f. : il.
- Orientador: José Carlos Souza Araújo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.
1. Educação - História - Teses. I. Araújo, José Carlos Souza. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37 (091)

Anderson C.F. Brettas

EURÍPEDES BARSANULPHO E O COLLÉGIO ALLAN KARDEC
*Capítulos de História da Educação e a Gênese do Espiritismo nas
Terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918)*

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Aprovada em 20 / 06 / 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo / UFU (Orientador)

Prof. Dra. Rosa Fátima de Souza / UNESP

Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho / UFU

Ao Paschoal Ferreira Brettas (in memorian),
*primeiro mestre no incentivo da arte
da curiosidade do saber.*

Ao Cristóvão Alexandre e Dayse Alcântara,
*das trincheiras d'O Semeador na luta incessante
pelas causas sociais; e à 'tia' Heigorina,
em Sacramento, militante histórica das lides
espirituais. Em afinidade, os três têm em
Eurípedes Barsanulfo a fonte segura de
inspiração por um mundo melhor.*

À Patrícia Kelly,
diante de todas as razões.

AGRADECIMENTOS

Durante as aulas do curso de Metodologia, ainda no primeiro semestre do mestrado, o professor Geraldo Inácio – que além de mestre, revelou-se um atento companheiro - sempre repetia um mantra: “...a ciência é um produto do trabalho coletivo... nunca se faz individualmente”. Ainda que numa época qualquer não concordasse ou não entendesse essa máxima (diga-se, não é o caso), a força das circunstâncias de uma pós-graduação conduzir-me-ia a essa convicção. E, olhando a jornada pregressa dos últimos dois anos, tenho a certeza de que nada foi ao acaso e gostaria de registrar à posteridade alguns daqueles que, mais do que contribuir, asseguraram a efetivação desta dissertação ora encaminhada à banca examinadora.

Seguramente, nada é aleatório. Em julho de 2002, lecionava no saudoso Objetivo de Uberlândia, véspera de vestibular, quando uma aluna, aflita com o possível choque entre sua crença religiosa e o curso que escolhera, procurou-me com uma revista que trazia em sua capa a chamada para a reportagem “Freud Além da Vida”. À noite, quando abro ao acaso a publicação, deparo-me com a entrevista de uma jornalista paulista, que defendera uma tese de doutorado na USP acerca da “Pedagogia Espírita”, e citava a existência, no passado longínquo, de um tal de “Collégio Allan Kardec”. A curiosidade foi instantânea e daí a decisão da pesquisa e o levantamento do potencial das fontes ocorreram a passos largos.

A ex-aluna em questão hoje é estudante de Psicologia, Mariana Paes, e a estudiosa de São Paulo, Dora Incontri –, pessoas a quem ora apresento o justo reconhecimento.

A academia, muitas vezes, é permeada por um ambiente sisudo e competitivo. Felizmente, esse não é o caso desta Faculdade de Educação, espaço onde fui acolhido de forma ímpar, contando sempre com o auxílio desprezioso e inteligente de mestres como, apenas citando alguns nomes, o Humberto Guido, uma fonte de inspiração para muitos, o já citado Geraldo, com uma visão perspicaz da universidade; a Sônia dos Santos, a Vera Abrão, o Wenceslau Gonçalves; o Décio Gatti e a Silvana Malusá, que propiciaram reflexões salutares

sobre os processos educacionais; o Carlos Henrique, exemplo de vida e dedicação, ministrou uma matéria que, certamente, nos encorajou a prosseguir nesta jornada com segurança. Na mesma sintonia desse clima leve e estimulante, é essencial mencionar os técnicos-administrativos James Mendonça e Gianni Barbosa, uma dupla que pela solicitude e disposição, aparece nos agradecimentos de dez em cada dez dissertações em Educação na UFU. E os amigos do programa, André Cruz, Geraldo Gonçalves, Cristiane Martins e Fernanda Barros, entre outros, muito contribuíram para esse encorajamento necessário. O professor do departamento de Ciências Sociais, vale também registrar, Antônio Micheloto, com indicações precisas de autores do campo das ciências da religião, foi relevante no início da jornada.

E, nem poderia ser diferente, o José Carlos Araújo, professor, orientador e amigo com uma empatia instantânea, ofereceu, com muita propriedade e rigor, os direcionamentos necessários. Além da colaboração solícita, teve a compreensão importante dos momentos de instabilidade (aliás, dois anos de mestrado com um ativismo nessa educação brasileira, numa rede particular de ensino, que articula a inarticulável equação lucro x educação, diria que essa foi uma jornada titânica...).

Um tema de estudo, cujo foco é uma cidade como Sacramento, é uma dádiva do destino que aplaca qualquer adversidade. Terra admirável com ares de mineiridade, uma gente hospitaleira e franca. Mais do que entrevistados ou fontes de pesquisa, pude agregar ali amigos no melhor sentido da palavra. Os cultos estudiosos Amir Salomão Jacob e Carlos Alberto Cerchi, conhecedores da história da região, sempre abertos ao bom debate e ao fornecimento de informações preciosas. Foram essenciais. No Arquivo Público, a Virgínia Dolabela e a Adriana Gobbo, com uma atenção dispensada, apoio e incentivos notáveis. E, ainda na fase de construção do projeto, nos idos de 2003, o Sr. José Rosa Camilo em muito contribuiu no mapeamento das fontes de pesquisa. Na Fazenda Santa Maria, berço do espiritismo no Triângulo Mineiro, a hospitalidade e a atenção do Sr. Adolfo Ramos e de seu filho, Neio Luiz, também foram fundamentais.

No movimento espírita, a Alzira Bessa Amuí, dirigente do Centro Esperança e Caridade, entidade que mantém o atual Educandário Eurípedes Barsanulfo, apesar de um ciúme compreensível do acervo do célebre professor, disponibilizou importantes documentos do passado, permitiu as fotografias devidas e abriu antigas salas do prédio para as análises pertinentes.

Das labutas cotidianas e persistentes, fundamentais nessa longa seara, muitos são os companheiros de fato. Destaco, cometendo algumas injustiças por eventuais ausências, os professores Gentil Jorge de Lima e Marival Santana, amigos da capital, companheiros da saga de Uberlândia; a Dona Ione, amiga atenciosa, com suas leituras criteriosas e revisão paciente; o Túlio Carísio, lutador incansável pela educação,; os professores Vicente e Carlão, camaradas de ideais vários; e os professores Arlindo, Simão Pedro e Marcelo Bedaque, em Patrocínio, com os diálogos sempre edificantes. Em todos, contei com os essenciais incentivos e a confiança.

Finalmente, a base de tudo está no meio familiar. A Patrícia Kelly, no apoio nas horas difíceis, oferecendo sempre a tranquilidade necessária, bem como a Suely Ferreira, no apoio constante. Foram primordiais.

Como todas as esferas da vida, a caminhada intelectual é mesmo uma construção (bem) coletiva.

“Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado, pelas causas que me comovem. Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isto não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas”.

Darcy Ribeiro,
um pajé da brasilidade, em
“Fala aos Moços”, *seu canto do cisne.*
Faria a ‘longa viagem’ dias depois.

“O respeito por meio das virtudes se consegue e nelas se sustenta. Nunca nasce do susto e do temor, que aos povos metem injúrias, calúnias e carrancas.”

Tomás Antônio Gonzaga
em Cartas Chilenas

RESUMO

No início do Século XX, surgiu na cidade do Sacramento, pequena cidade do Alto Paranaíba mineiro, uma escola singular e pioneira, embasada nos princípios do espiritismo francês, o Collégio Allan Kardec, fundado e dirigido por um professor que se tornou um ícone dessa doutrina filosófica e religiosa bem disseminada na cultura e na identidade brasileira, Eurípedes Barsanulfo. Esta dissertação tem como objetivo central o resgate da memória desse educandário no tempo vivido por Barsanulfo, da criação, em 1907, até a sua morte, em 1918, analisando em que medida as representações coletivas e o imaginário da doutrina professada e estampada na nomenclatura da instituição eram efetivamente implantadas e vivenciadas em seu cotidiano. Nosso eixo teórico é o referencial contido na linha de pesquisa *história das instituições escolares*, originada metodologicamente na importante ruptura realizada nas reflexões historiográficas pelos estudiosos franceses da *escola dos annales* com as formas tradicionais de abordagem dessa ciência, ampliando notadamente seus objetos e fontes de investigação. A história não é fragmentária, mas totalizante, englobando a sociedade, a economia, a cultura, a política, a educação, enfim, todas as esferas da existência humana inter-relacionadas. Nessa perspectiva, permeamos, neste trabalho, a busca das origens históricas, filosóficas e conceituais da doutrina espírita, bem como a trajetória de Allan Kardec, pseudônimo adotado à época da conversão à doutrina do estudo do mundo dos mortos por Hippolyte Léon-Denizard Rivail, eminente pedagogo com um currículo de serviços engajados na melhoria do ensino e da educação de seu país. Este o foco do primeiro capítulo que pontua, ainda, os alicerces contidos nos mestres antecessores de Kardec na pedagogia espírita, Comenius, Rousseau e Pestalozzi. No segundo capítulo, mapeamos, numa perspectiva histórica e sociológica a chegada do espiritismo ao Brasil e sua notável disseminação que mesclou-se mesmo à identidade nacional e às representações populares. No terceiro capítulo, tratamos da história da educação do país enfatizando as transformações econômicas e sociais brasileiras na passagem do Império para a República, momento em que ocorreu uma gradativa transição de uma sociedade agrária e exportadora para urbana e industrial, fenômeno traduzido num entusiasmo pela expansão do ensino e da educação, tendência verificada pelo discurso e pela ação de diversos atores sociais, como os intelectuais engajados na formação de um certo pensamento nacional. Finalmente, no quarto e no quinto capítulo, enveredamos pela busca de relevantes aspectos da história regional e da história da educação no Triângulo Mineiro, abordando as raízes de Sacramento e da região do Brasil Central, seu desenvolvimento social e econômico; as várias faces de atuação do cidadão e ativista religioso Eurípedes Barsanulfo; as etapas do processo de escolarização da cidade; e a constituição, desenvolvimento, cotidiano escolar e práticas pedagógicas do Collégio Allan Kardec, precursor da chamada pedagogia espírita no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritismo, Eurípedes Barsanulfo, Colégio Allan Kardec, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro, Sacramento – MG, Instituições Escolares.

ABSTRACT

In the beginning of the XX century it emerged in the city of Sacramento, a little city of Alto Paranaíba mineiro a singular and pioneer school, baseded int the French spiritualism principles, Collégio Allan Kardec, which was founded and directed by a teacher that became a symbol of this philosophical and religious doctrine very disseminated in the Brazilian culture and identity, Eurípedes Barsanulfo. This dissertataion has as principle objective the ransom of the memory of this school during the period thas was lived by Barsanulfo, since the creation in 1.907 until Barsanulfo`s death, in 1.918, analysing in what dimension the imaginary and the collective representations of the doctrine that was professed and written in the institution`s nomenclature were effectivety implanted and lived in its quotidian. Our theoretical base is the reference in the line of search history of the scholastic institutions, wich methodology was originated in the important rupture which was realizeted in the theoretical`s reflections by studious French of New History with the traditional manner of approach of this sciense, this studious amplified the notability of their objects and sources of investigation. History isn`t broken, but it is integral; it unites the society, the economy, the culture, the policy, the education, at last, all the sphires of the human existence correlated. In this perspective, we investigate in this research the inquiry of the historical, philosophical and conceptual origins of the spiritualistic doctrine, as well as the trajectory of Allan Kardec, which is a pseudonym that was adopted at the period of the conversion to the doctrine of the study of the dead`s world by Hippolyte Léon-Denizard Rivail, who was as important educator with a curriculum of services engaged in the improvement of the teaching and of education of his country. This is the first chapter that focuses on pointing the base found of the masters that preced Kardec in the spiritualistic pedagogy, Comenius, Rousseau and Pestalozzi. In the second chapter, we delineate in a historical and sociological perspective arrival of the spiritist in Brazil and its notable dissemination that itself united to national identity and a popular representations. In the third chapter, we will stdy the history of the country`s education and focalize on the economical and social transformations in Brazil during the transition of the Monarchy to the Republic, wich was amoment in which occured a gradual change from as agrarian and exporting society to an urban and industrial one. This was a phenomenon that was represented by na enthusiasm for the expansion of the instruction and the education, which was a tendency by the discourse and action of the various social actors, as the intellectual involved in the formatiton of a determined national spirit. Finally, in the fourth and fifth chapters we walk for the investigation of important aspects of the regional history and education`s history in Triângulo Mineiro, boarding the origins of Sacramento and central region of Brazil, its social and economical developments, the carious faces of the actuation of the citizen and religious militant Eurípedes Barsanulfo; the stages of the implantation of schools at the city; and the construction, development, schoolar quotidian and pedagogical practices of Collégio Allan Kardec, thas was the pioneer of the denominatied spiritualistic pedagogy.

KEY WORDS: Spiritualism, Eurípedes Barsanulfo, Colégio Allan Kardec, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro, Sacramento – MG, Instituições Escolares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
A – À guisa de prefácio.....	23
B - Reflexões teóricas e metodológicas – História e historiografia das instituições escolares.....	31
B.1 – Refletindo acerca da nova história e suas abordagens.....	31
B.2 – Refletindo sobre a historiografia das instituições escolares.....	37
B.3 – Definindo a tipologia das fontes.....	40
CAPÍTULO I – GÊNESE DO ESPIRITISMO E ALLAN KARDEC	45
1 - Definições, filosofia e história do espiritismo.....	45
1.1 - Era de transformações.....	45
1.2 - As mesas girantes em Paris.....	49
1.3 - O druida celta.....	51
1.4 - Fundamentos da filosofia espírita.....	53
2 - De Denizard Rivail a Allan Kardec – uma análise biográfica.....	58
2.1 - O discípulo de Pestalozzi – Hippolyte-Léon Denizard Rivail.....	58
2.2 - O codificador da doutrina dos espíritos – Allan Kardec.....	62
3 - Filosofia da pedagogia espírita – os precursores.....	67
3.1 - Johann Amos Comenius.....	69
3.2 - Jean-Jacques Rousseau.....	74
3.3 - Johann Heinrich Pestalozzi.....	78
CAPÍTULO II – APROPRIAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL	85
1 - Trajetória histórica do espiritismo no Brasil.....	88
2 - Brasil, terra do sincretismo religioso – uma leitura sociológica.....	101
CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ENTRE O IMPÉRIO E A PRIMEIRA REPÚBLICA	115
1 - Liberalismo e educação no Brasil – do Império ao advento republicano.....	116
1.1 - A modernidade ocidental burguesa.....	118
2 - Pedagogia e educação nos quadros da República dos coronéis.....	122
2.1 - Você sabe com quem está falando?.....	122
2.2 - Brasil, a modernidade tardia.....	126
2.3 - “O otimismo pedagógico e o entusiasmo pela educação”.....	128
3 - “Essa não é a República de nossos sonhos” - o Brasil à época de Barsanulfo.....	134

CAPÍTULO IV – SACRAMENTO, CIDADE ERGUIDA SOB A ÉGIDE DA RELIGIOSIDADE.....	143
1 – As muitas histórias das terras de Maria ausente.....	143
1.1 - As raízes	146
1.2 - As terras de Maria ausente.....	150
1.3 - O cônego e o legado: notas sobre o fundador de Sacramento.....	154
1.4 - Os trilhos da Mogiana e os bondes caipiras de Sacramento.....	156
CAPÍTULO V – EURÍPEDES BARSANULPHO E O COLLÉGIO ALLAN KARDEC.....	167
1 - Eurípedes Barsanulfo: a saga do missionário.....	167
1.1 - A mocidade.....	167
1.2 - O ativista Político.....	170
1.3 - O médium - ou, nos passos de “tio Sinhô” Mariano.....	175
2 - O Collégio Allan Kardec (1907/1918).....	189
2.1 - História da educação na Sacramento do limiar do século XX.....	189
2.2 - Do Lyceu ao educandário espírita, a ruptura.....	196
2.3 - Uma instituição pestalozziana no interior das Gerais.....	202
2.3.1 - A estrutura curricular.....	202
2.3.2 - O estudo dos astros.....	204
2.3.3 - O cotidiano escolar.....	208
2.3.4 - Em conexão com o espiritismo.....	212
2.3.5 - A educação do físico e da arte.....	213
2.3.6 - O mestre na visão dos alunos.....	214
2.3.7 - Os exames finais.....	217
2.4 - Decifrando códigos do passado: as vozes da arquitetura.....	218
2.4.1 - As linhas e o tempo.....	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
O legado do educador espírita.....	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	235

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Vapores Alacrita, navio que trazia imigrantes italianos	141
Figura 2:	Pioneiro bonde rural, com Eurípedes Barsanulfo no vagão	141
Figura 3:	Meninos da banda do maestro Simplício, início do século XX	141
Figura 4:	Igreja de N. Sra. do Desterro em Desemboque	149
Figura 5:	Barão de Rifaina, político do Império	149
Figura 6:	Caixeiros viajantes preparando-se para uma viagem	149
Figura 7:	Coronel José Affonso, destacado chefe político sacramentano	149
Figura 8:	Ponte sobre o rio Grande, divisa entre São Paulo e Minas	153
Figura 9:	Carros de boi numa rua de Sacramento dos tempos de Eurípedes	153
Figura 10:	Balsa no antigo Porto de Desemboque, no rio Grande	153
Figura 11:	Casa Mogico, loja do Sr. Hermógenes, pai de Eurípedes	153
Figura 12:	Usina Cajuru, prédio edificado por pedreiros portugueses	165
Figura 13:	Turbina alemã da Usina Cajuru	165
Figura 14:	Estação da Jaguará, primeira da Mogiana em Minas	165
Figura 15:	Propaganda da Müller & C., empresa de peças ferroviárias	165
Figura 16:	Estação inicial da linha de bondes, em Sacramento	165
Figura 17:	Escola feminina do início do século XX	195
Figura 18:	Laurindo Vieira (?/1873), primeiro professor de Sacramento	195
Figura 19:	Banca de uma escola rural com os irmãos de Barsanulfo	195
Figura 20:	Professor João Derwil Miranda com a neta	195
Figura 21:	Prédio onde funcionou o Colégio Miranda	201
Figura 22:	Grupo de alunos da banda do Colégio Miranda	201
Figura 23:	Prédio onde funcionou o Lyceu Sacramentano	201
Figura 24:	Grupo de professores do Lyceu Sacramentano	201
Figura 25:	Escola rural mista da estação da Jaguará	201
Figura 26:	Professores e alunos do Collégio Allan Kardec em 1913	211
Figura 27:	Professora Corina Novelino	211
Figura 28:	Alunos do Collégio Allan Kardec em aula de Educação Física	211
Figura 29:	Escritora Carolina Maria de Jesus, aluna do Allan Kardec	211
Figura 30:	Carteira do Collégio Allan Kardec	221
Figura 31:	Vista atual do salão superior do Collégio Allan Kardec	221
Figura 32:	Pátio do Collégio Allan Kardec	221
Figura 33:	Cômodo construído com materiais do quarto de Barsanulfo	221
Figura 34:	Eurípedes em dois momentos – foto montagem	221
Figura 35:	Primeiro centro espírita do Triângulo Mineiro, o Fé e Amor	222
Figura 36:	Herma em homenagem a Eurípedes Barsanulfo	222
Figura 37:	Túmulo de Eurípedes Barsanulfo	222
Figura 38:	Atual Escola Eurípedes Barsanulfo	222
Figura 39:	Casa Assistencial Bezerra de Menezes, em Santa Maria	222
Figuras 40 e 41:	Fachada do Collégio Allan Kardec em dois tempos históricos	223
Figura 42:	Planta do Collégio Allan Kardec	225
Figura 43:	Planta da cidade de Sacramento do fim dos anos 1910.	226
Figuras 44 a 46:	Detalhes da fachada do Collégio Allan Kardec em três ângulos	227
Figuras 47 a 51:	Prédio do Collégio Allan Kardec, com detalhes externos e internos	227
Figuras 52 a 54:	Detalhes da fachada do Collégio Allan Kardec	228

INTRODUÇÃO

A – À Guisa de Prefácio

No dia em que a seleção brasileira erguia o título do pentacampeonato do grande esporte nacional, falecia em Uberaba o maior ícone do espiritismo do país, o médium Chico Xavier, homem simples sem formação acadêmica, funcionário público aposentado que escrevera mais de 400 livros, algo em torno de 5 milhões de exemplares; só a obra “Nosso Lar”, atribuída ao espírito de André Luís, atingira mais de 50 edições.

Indubitavelmente, a figura irretocável do espírita da pacata Pedro Leopoldo, radicado nas terras do Triângulo Mineiro, contribuiu de forma decisiva e contundente para a difusão da doutrina inaugurada no século XIX pelo francês Allan Kardec, transformando o Brasil na nação com o maior número de adeptos dessa corrente religiosa do mundo.

Se a figura de Chico é incontestada, todavia outras faces do kardecismo não são notórias, merecendo referências e aprofundamentos oportunos.

Antes de consubstanciar os métodos e os postulados de sua ciência, Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, fora um destacado pedagogo discípulo de Pestalozzi, autor de diversos livros didáticos e diretor de instituições de ensino. No conjunto das obras ditas kardecistas, obtidas por intermédio da psicografia de entidades diversas, como

Emmanuel, Bezerra de Menezes, o já citado André Luís, entre outros, estão contidas teorias pedagógicas em estreita conexão com pensadores como Platão, Comenius, Rousseau e Pestalozzi, citando apenas alguns exemplos.¹

Também na região do Alto Paranaíba e Triângulo, antes de Xavier, o espiritismo surgira no início do século XX, tendo na figura emblemática de Eurípedes Barsanulfo um de seus mais célebres fundadores e, seguramente, um pilar para a disseminação da doutrina no interior do Brasil Central.

Finalmente, destacando o foco de nossa de pesquisa e dissertação efetivada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Barsanulfo construíra em sua cidade natal, Sacramento, a primeira escola de orientação espírita do Brasil – e talvez do mundo - o Collégio Allan Kardec, fundado em 1907 e por ele dirigido até sua morte em 1918.

Objetivando contribuir com o mapeamento da história da educação na região, ao mesmo tempo em que debruçamos sobre um tema que se inscreve mesmo nos quadros da própria multiplicidade da cultura e da identidade nacional - o espiritismo -, o presente trabalho objetivou o levantamento, o resgate da memória e a análise da trajetória desse educandário paradigmático e pioneiro, delimitando-o, temporalmente, à época de Barsanulfo – nos tempos da chamada Primeira República.

Em que medida os princípios educacionais do pedagogo francês e de seu mestre suíço, Johann Heinrich Pestalozzi, foram implementados em Sacramento? E, afinal, quais são os pressupostos da chamada pedagogia espírita? É pertinente classificarmos como espírita o educandário conduzido por Barsanulfo? Numa época notadamente balizada pela moral católica, ocorreu aceitação, houve inserção social?

¹ INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita** – um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004; INCONTRI, Dora. **A Educação Segundo o Espiritismo**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2003; PIRES, Herculano. **Pedagogia Espírita**. 10.ed. São Paulo: Editora Paidéia, 2004. LOBO, Ney. **Escola que educa**. Brasília: Editora Auta de Souza, 2003; COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Idéias Sociais Espíritas**. Bragança Paulista: Editora Comenius; Salvador: IDEBA, 1998

São esses os pontos essenciais que nortearam esta dissertação e que serão respondidos no decorrer do trabalho em que pontuamos, também, a estrutura pedagógica do colégio, seu cotidiano escolar e o perfil do professor Eurípedes Barsanulfo, um homem de múltiplas vocações e atribuições.

Comparando o Collégio Allan Kardec com os limitados padrões pedagógicos do período – a rigor, o caráter das escolas do país era basicamente propedêutico, focalizando, na maioria das vezes, o acesso ao curso superior com o valorizado diploma –, sustentamos que havia na escola espírita de Sacramento uma preocupação efetivamente humanista e educacional.

Respondendo a esse conjunto de indagações ao mesmo tempo em que ampliamos o leque de estudos em temáticas afins e correlatas, nosso trabalho é estruturado em cinco capítulos, além das pertinentes reflexões teóricas e metodológicas contidas na segunda parte desta introdução.

Conceitualmente, os métodos balizaram-se pelas discussões oferecidas pela linha de pesquisa *história e historiografia das instituições escolares*, cujo crescimento nos estudos acadêmicos vem na esteira das formulações da *história nova francesa* – tendência acadêmica que ampliou sobremaneira as visões, os enfoques e as abordagens dos historiadores a partir dos anos 1930, significando um notável salto qualitativo em relação à história factual difundida pelo positivismo do século retrasado.

No primeiro capítulo, “Gênese do Espiritismo e Allan Kardec”, são apresentados assuntos que perpassam os pilares do espiritismo francês surgido no século XIX, cujo ponto de partida foi a tentativa de explicação empírica e científica do fenômeno das populares “mesas girantes” e a extensão do estudo racional ao entendimento do mundo dos mortos.

Nessa parte, pontuamos as (1) definições, filosofia e história do espiritismo, doutrina constituída num período de secularização da sociedade e a consolidação da ordem burguesa capitalista; e tanto o *evolucionismo* de Spencer, fundamentado no desenvolvimento das

“Luzes” do século XVIII, quanto o *positivismo* de Comte, com os referenciais de “progresso” e “cientificismo”, constituem as categorias essenciais para o entendimento daquele agitado e, ao mesmo tempo, profícuo período histórico.

Nessa época, o homem (2) Hippolyte-Léon Denizard Rivail, cujo percurso biográfico apresentamos, educador que fez de sua trajetória um emblema para o movimento espírita. Arrematando, traçamos as (3) raízes da denominada educação espírita, cujos princípios e baluartes são estruturados em (3.1) Jan Comenius, pastor protestante boêmio, um dos fundadores da educação moderna; (3.2) o incansável e contestador Jean-Jacques Rousseau, chamado de “galileu” da pedagogia; (3.3) Johann Pestalozzi, mestre do jovem Rivail.

Vale assinalar que, atualmente, a doutrina espírita é mais conhecida, estudada e difundida em terras brasileiras do que na própria França de Kardec, ganhando mesmo ares de religiosidade no Brasil. Como ocorreu seu percurso histórico? Quais as categorias sociológicas do pensamento social brasileiro que explicam essa disseminação?

No segundo capítulo, respondendo a essas interrogações, versamos sobre a “Apropriação e Disseminação do Espiritismo no Brasil”, pautando discussões sobre (1) a trajetória histórica dessa doutrina no país e a (2) religiosidade do brasileiro à luz dos autores clássicos do pensamento nacional, estudiosos como Roger Bastide e suas teorias sobre o sincretismo religioso e as influências africanas; o célebre e controverso Gilberto Freyre, com as interações e intimidades entre a casa grande e a senzala no amalgamento cultural do brasileiro; Sérgio Buarque de Holanda e a formação do espírito cordial da brasilidade; e, finalmente, Darcy Ribeiro, ressaltando o indigenismo na formação do país.

No terceiro capítulo, na contextualização da época vivida por Eurípedes Barsanulfo e nas diversas visões acerca do processo educacional, “A Educação Brasileira entre o Império e a Primeira República”, efetuamos algumas notas da história educacional no Brasil, discutindo o (1) liberalismo e a educação no Brasil, no período histórico assinalado, sustentando a idéia de que o polêmico pensamento liberal foi fundamental para a difusão tanto do ideal de educação

popular na Europa; na articulação teórica entre *indivíduo x sociedade* e educação para a cidadania; quanto na formulação de importantes pensadores sociais brasileiros, como Carneiro Leão e José Veríssimo. Essas elaborações decorreram concomitantemente às próprias reflexões sobre a brasilidade e a construção de nossa identidade nacional.

São destacadas, também, a (2) pedagogia e a educação nos quadros da *República dos coronéis*, época tumultuada, em que sobressaíram, por um lado, a força das oligarquias do café e, por outro, a transição de uma sociedade agrário-exportadora para uma urbano-industrial; e na esteira de uma certa modernidade tardia, havia movimentos imbuídos por objetivos variados e díspares pela “desanalfabetização” do povo brasileiro, bem definidos pelas categorias expressas pelo historiador Jorge Nagle, “o otimismo pedagógico” e o “entusiasmo pela educação”.

A configuração da denominada República Velha e as frustrações suscitadas diante de suas promessas não cumpridas são alinhadas no item (3) “Essa não é a República de nossos sonhos” – O Brasil à época de Barasulfo. Com base nas concepções apresentadas pelos estudiosos dos “Annalles” franceses e a história total, abarcamos aspectos referentes à política, a economia, a sociedade, a cultura, visando compreender faces relevantes do país no limiar do século XX.

No quarto capítulo, “Sacramento, cidade erguida sob a égide da religiosidade”, resgatamos várias nuances da história sacramentana, uma pequena, mas emergente cidade embalada pelas exportações do café, que experimentou a chegada da modernidade à época enfocada neste trabalho. O município natal de Eurípedes Barasulfo, originalmente, uma vila de Desemboque – primeiro núcleo de ocupação do Brasil Central – se ergueu em torno de um oratório construído às margens do ribeirão Borá. Todavia, com uma influência consistente de políticos locais, a histórica estrada de ferro da Mogiana teve seu traçado em direção a Minas Gerais incluído em Sacramento - que chegou a contar com quatro estações em seu território -, impulsionando um desenvolvimento notável, com a instalação de luz elétrica e usina geradora

de energia, linhas de telefone e a singular linha de bondes rurais, ligando o centro da cidade à linha da Mogiana. E Barsanulfo, como vereador por dois mandatos, um importante protagonista dessas transformações.

Respondendo às principais interrogações propostas para a execução desta dissertação, sobre as correlações entre espiritismo e o empreendimento do Collégio Allan Kardec, destacamos (1) a saga de Eurípedes Barsanulfo, numa abordagem biográfica, que resgata sua (1.1) mocidade; a inserção na vida sacramentana como (1.2) um ativista político e (1.3) a conversão ao espiritismo e as atividades, que o projetaram como um conhecido médium da doutrina.

Finalmente, (2) as abordagens correspondentes à memória do Collégio Allan Kardec, na fase do educandário dirigida por Barsanulfo, entre 1907 a 1918, desde as primeiras configurações da (2.1) educação e as escolas de Sacramento do período; a (2.2) ruptura e as cisões do Lyceu Sacramentano por conta da adesão do destacado professor ao espiritismo; (2.3) as múltiplas dimensões do educandário em foco, assentado em bases espíritas e pestalozzianas; e (2.4) a interpretação de determinados aspectos culturais e o clareamento de certas dúvidas referentes ao tempo da construção do colégio pela análise de suas características arquitetônicas.

Como fontes que sustentaram a concretização desta pesquisa - cuja discussão teórica e detalhamento são efetuados no próximo item -, recorreremos a um variado acervo bibliográfico sobre os temas pertinentes e o resgate de fontes primárias, como documentos diversos da Câmara Municipal, jornais de época, cartas; depoimentos com diferentes personagens sociais vinculados à história de Sacramento e do colégio espírita; leitura da arquitetura da escola e os exames de documentos escolares como diários, boletins, cadernos, atas, entre outros.

Eurípedes Barsanulfo, um homem de seu tempo

Clareando a temática desta dissertação, destacamos, preliminarmente, certos aspectos da vida de Eurípedes Barsanulfo e a formação do singular Collégio Allan Kardec.

Nascido em 1880, na então denominada “Cidade do Sacramento”, no Alto do Paranaíba, numa família humilde de tradição católica, que prosperou pelo comércio,² realizou seus estudos secundários no pioneiro Colégio Miranda, fundado e dirigido - a convite de um chefe político local - por João Derwil, professor natural de Mariana, MG, que tivera sua formação numa das mais destacadas escolas mineiras de todos os tempos, o “Caraça”. Foi sob a orientação do professor Derwil no Miranda que o jovem Barsanulfo obteve a preciosa formação, permanecendo ali dos 9 aos 21 anos.

Em fins de 1901, quando Derwil se transferiria para Uberaba, convocou o pai de Eurípedes, o Sr. Hermógenes Ernesto – conhecido como “Seu Mógico” -, destacando-lhe as qualidades do jovem e orientando-o a buscar outras metas. No ano seguinte, seguindo as indicações do velho professor, já no Rio de Janeiro, obtivera o ingresso no preparatório para o curso de medicina da Marinha. De volta a Sacramento, visando à preparação da mudança definitiva para a capital da República, um fato inusitado mudaria seu destino: sua mãe, sensibilizada pela partida do filho, tivera uma crise de saúde. Quando ela recobrou a lucidez, o rapaz desfizera as malas, desistindo do curso – mas exerceria, posteriormente, as atividades de cura, fato que lhe renderia um processo judicial.

Em 1902, no entanto, Eurípedes Barsanulfo abraçaria outra vocação, marca principal de sua vida: a educação. Participou da fundação do Lyceu Sacramentano, onde ministrava aulas de Língua Portuguesa e difundia valores morais e intelectuais; criou, por exemplo, com seus alunos, a “Sociedade dos Amiguinhos dos Pobres”, destinada a promover leilões semanais com prendas doadas, cuja renda era destinada à filantropia.

² Sobre a vida e a obra de Barsanulfo, duas obras merecem destaque: NOVELINO, Corina. **Eurípedes – o Homem e a Missão**. 16.ed. Araras: IDE, 2004; CUNHA, Langerton Neves & COSTA, Suely Braz, **Eurípedes Barsanulfo, o Educador**. Uberaba: Editora Vitória, 1996.

Porém o católico devoto Eurípedes Barsanulfo, então presidente da Sociedade São Vicente de Paulo, descobriu os fenômenos mediúnicos por intermédio de um tio, o “Sinhô” Mariano, num centro da Fazenda Santa Maria, pequeno vilarejo rural, hoje, na divisa entre os municípios de Sacramento e Conquista. Primeiro, a leitura de um livro de León Denis, “Depois da Morte”; depois, em reunião espírita, recebeu mensagens atribuídas a Bezerra de Menezes e São Vicente de Paulo; episódios que abalaram as convicções de Barsanulfo, então, com 22 anos, e valeram sua conversão ao espiritismo.

Naturalmente, levando em conta os rígidos moldes religiosos e culturais da época, tal mudança provocou impactos nos meios sociais de Sacramento, incompreensões, o afastamento dos colegas nas atividades do Liceu Sacramentano e o cancelamento de matrículas da escola.

Entretanto, determinado e convicto na nova seara, foi a 31 de janeiro de 1907, com 27 anos de idade, que Eurípedes Barsanulfo inaugurou o pioneiro Collégio Allan Kardec, instituição que cresceria notadamente, marcando época, movido, certamente, por sua estatura moral e intelectual, tornando-se referência por toda a região e atraindo estudantes de diferentes cidades – dos interiores de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Além das disciplinas tradicionais, eram ministradas ali as matérias de Astronomia com a utilização de uma telescópio importado da França; aulas práticas de Botânica, Zoologia e, ainda, os estudos do “Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Além de educador, o personagem em tela teve destaque como colaborador de jornais da cidade, promotor de peças teatrais, proprietário de farmácia, vereador, ocupando o cargo de Secretário da Câmara, e médico prático. Faleceu, em 1918, vítima da gripe espanhola, com 38 anos e em plena atividade.

B – Reflexões Teóricas e Metodológicas – História e Historiografia das Instituições Escolares

B.1 - Refletindo acerca da nova historiografia e seus métodos

Sacramento é um município situado no sudeste de Minas Gerais, numa região outrora batizada pelos pioneiros bandeirantes paulistas que adentraram as Gerais como Sertão da Farinha Podre – o atual Triângulo Mineiro. À época de Eurípedes Barsanulfo (limiar do século XX), não contava com mais do que dez mil almas. Um arraial dentre milhares espalhados neste grande Brasil, cuja população era, predominantemente, rural, reflexo de um país então com uma economia agroexportadora situado na periferia do capitalismo mundial.

Qual é a validade de se desenvolver num programa de mestrado, numa universidade mantida com recursos públicos, estudos e análises de um assunto aparentemente tão distante no espaço e no tempo? E, ainda mais, em se tratando do estudo da corrente professada por Barsanulfo, um tanto quanto irregular e difusa, o espiritismo, que rompe com as estruturas religiosas tradicionais caras às ciências da modernidade? Quais são as ferramentas teóricas mais pertinentes, não só para o estudo em questão, mas, sobretudo, com o intento de contribuir para o mapeamento das idéias e debates em torno de questões afins e similares? Refletindo e respondendo a essas perguntas, que nortearam metodologicamente o desenvolvimento desta dissertação, apresentamos essas discussões teóricas.

A historiografia tradicional esteve imbricada sobremaneira com o positivismo de Augusto Comte e de Spencer do século XIX em todas as suas dimensões e postulados conceituais. Seduzido pelos avanços da física newtoniana e do evolucionismo darwinista, os positivistas buscaram estender às ciências da sociedade o rigor analítico daquilo que eles consideravam como conhecimento válido, o empirismo. Dotados de uma visão eurocêntrica, priorizavam, na produção científica, o estabelecimento de leis gerais que pudessem explicar tanto a organização social quanto o desenvolvimento histórico humano. Em seus estudos do campo da historiografia, os enfoques se situavam na estrutura política, fatos, datas e os

grandes protagonistas eram ressaltados; e as fontes por excelência válidas e enfatizadas seriam os documentos escritos.

Nos dizeres do célebre historiador francês do século XIX, Michelet, um dos pioneiros na crítica desse modo de abordagem e na proposição de um estudo plural, “A história (...) parecia-me ainda fraca em seus dois métodos: muito pouco material (...) falando de leis, de atos políticos, não de idéias e costumes (...)”.³

Sem dúvidas, essa historiografia tradicional com propósitos totalizantes sacrificou a história como ciência, sufocou a criatividade e a imaginação, tornando esse campo do saber um tanto quanto árido.

A rigor, duas grandes rupturas com o tradicionalismo processaram-se ao longo do século XX: na França do entreguerras, surgiu a denominada *nova história*, a partir da edição da revista dos *Annalles*; e, na Inglaterra, com o rompimento do “marxismo vulgar”, em que célebres historiadores, como Perry Anderson e Eric Hobsbawn, entre outros, se afastaram do Partido Comunista em meados dos anos 1950.⁴

Nossos marcos teóricos referenciais são justamente a abordagem e as reflexões desencadeadas pela historiografia francesa, teorias e métodos que vêm influenciando pesquisas em diversos centros acadêmicos do mundo, oferecendo um novo vigor aos estudos históricos, seja na política, na economia, ou no próprio marxismo; na antropologia histórica, arqueologia, religiões, mentalidades, imaginário; literatura, arte, cinema;⁵ enfim, como diria Janine Ribeiro,⁶ “... saber nos vários sentidos da palavra, de conhecimento e tempero, da ciência e cheiro... [refazendo] a história enquanto sabor – que se comunica aos cinco ou mais sentidos”.

³ LE GOFF & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

⁴ GATTI JÚNIOR, Décio. A história das instituições educacionais, inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). **Novos temas em história da educação brasileira**. Campinas: editores associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, pp.3-24.

⁵ LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

⁶ GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. [Apresentação da edição brasileira]

Pautada na interdisciplinaridade, bem traduzida nos vários compostos - história sociológica, demografia histórica, antropologia histórica, entre outras - a *história nova* surge na França impulsionada pela renovação da geografia em sua vertente “humana”⁷ e sua influência nos mestres da historiografia, como Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel, fundadores da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*”, lançada em Estrasburgo em 1929.

Não foi casual esse nascimento num ano de profunda crise do capitalismo mundial decorrente da quebra da bolsa. A primeira luta travada foi contra a história política, tradição oriunda do século XIX, embasada numa história-narrativa factual, num teatro de aparências que mascarava os verdadeiros propósitos dos atores em conflito. Em 1969, Fernand Braudel e Georges Friedann confiam os *Annales* a uma nova equipe, com Marc ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros expoentes da nova geração de talentosos historiadores franceses.

Sucesso de público com 130.000 exemplares vendidos entre novembro de 1975 a abril de 1978, um dos pioneiros na elaboração de uma história regional e de uma micro-história foi Emmanuel Le Roy Ladurie, historiador dessa tradição, com o seu *Montaillou*, povoado occitânico, 1294-1324,⁸ obra-prima da antropologia histórica, em que analisa uma minúscula e, aparentemente, insignificante aldeia medieval do século XIV, varrida pela Inquisição. Suas análises, construídas por meio de uma narrativa instigante, atravessa por largos aspectos do cotidiano e da vida privada da comunidade, desde a libido do padre Clergue e os vários jogos de sedução das mulheres, até as concepções de vida e morte daqueles simples camponeses.

Longe de ser uma simples descrição de aspectos pouco relevantes ou comportamentos corriqueiros, Le Roy apresenta um rico acervo acerca da vida social cotidiana num momento de crise aguda da Igreja Católica (por sessenta e nove anos, entre 1309 e 1378, o papado instalara-se em Avignon, na França, com Clemente V), da própria desagregação do modo de

⁷ LE GOFF, Jacques. **História Nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 26-42.

⁸ LADURIE, Emmanuel de Roy. **Montaillou, povoado occitânico** – 1294-1324. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

produção feudal e da emergência da modernidade ocidental. Dentre as diversas faces e reflexões que a narrativa oferece, numa perspectiva cara ao nosso tema, a descrição do imaginário francês medieval acerca do além-túmulo e da vida n'outro mundo – em visões mais próximas a Kardec do século XIX e seus pressupostos de mediunidade e contato com os mortos, do que o pensamento católico então hegemônico.

Nessa perspectiva historiográfica pela qual enveredamos, vale a menção, ainda, do alemão Norbert Elias e do italiano Carlo Ginzburg.

Elias foi um intelectual múltiplo, cujas obras transitam com riqueza metodológica e rigor analítico pela sociologia, antropologia, história, literatura e psicanálise. Seus livros, como o *Processo Civilizador*, entre outros, exerceram notável influência e sedução sobre os historiadores franceses, dada a amplitude dos temas, referenciais e análises interdisciplinares.

Na Itália, um grupo de historiadores, cujo maior expoente fora Ginzburg, lançou a concepção de “história com lupas”, próxima da antropologia, como a nova história, e que privilegiou mais particularmente os temas da vida privada, do pessoal e do vivido. O equivalente italiano da revista dos *Annalles* seria o *Quaderni Storici*.⁹

Quando focamos nossos esforços acadêmicos numa instituição escolar de Minas do início do século passado, não pretendemos fragmentar a história (como diria George Friedman, articular uma “história em migalhas”). Não é o micro desarticulado do todo, num espaço vazio e desordenado, muito pelo contrário, o que desejamos é justamente compreender com mais clareza o macro (comparando com a biologia, numa intrincada e complexa formação genética humana, a constituição do indivíduo, o todo, está inscrito em cada DNA).

Temos uma escola na antiga “Vila de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento”, inserida num período conturbado e difuso da história brasileira, a “República Velha”, com os esforços de escolarização e desanalfabetização levados a cabo na maioria das vezes pela sociedade civil – processos os quais o professor Jorge Nagle trata em seu ótimo

⁹ Id. *Ibidem.*, p.24.

“Educação e Sociedade na Primeira República”,¹⁰ construindo uma categoria chave fundamental, *o entusiasmo pela educação*, termo analítico que expressa o engajamento de variados atores sociais no incentivo à expansão educacional.

Homem de seu tempo, um intelectual local engajado nas lides filantrópicas e assistenciais, Eurípedes Barsanulfo, buscou disseminar nas terras do Paranaíba e do Triângulo os ideais filosóficos e religiosos em voga na França, de um certo pedagogo discípulo de Pestalozzi, Hippolyte-Léon Rivail Denizard, mais conhecido aqui pelo seu pseudônimo de origem celta, Allan Kardec.

Corroborando a idéia da relevância das microesferas que compõem a esteira da história, numa razão dialética, a escola em questão inaugurou uma linha pedagógica que se disseminaria pelo país, a chamada pedagogia espírita. Estamos nos deparando com um importante elo na compreensão de um sistema religioso que se consolidou e se expandiu no Brasil e, mais do que as estatísticas – segundo dados do Censo Demográfico de 2000, existem cerca de 2,8 milhões declaradamente espíritas -, faz parte mesmo da cultura e da identidade nacional.

Todas as vertentes que se configuram, com a história nova, são tentativas de uma história total¹¹. Na verdade, não existe uma história da pedagogia, ou uma história diplomática, ou ainda, econômica. Por suposto, há a história em sua unidade, toda ela social por definição. Assim, entendemos a *história social* como uma perspectiva globalizante, capaz de analisar as inter-relações entre fatores educacionais, políticos, econômicos, sociais, ideológicos, religiosos e culturais, que permitem delinear o real conteúdo das propostas pedagógicas inseridas no pensamento e na ação dos atores envolvidos com a conjuntura histórica - o panorama do Brasil da Primeira República e das categorias contidas na filosofia espiritualista francesa.

Finalizando o presente item, embora o foco essencial de nossa dissertação não seja a análise do fenômeno da difusão das doutrinas espiritualistas em si, valem alguns destaques

¹⁰ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001, passim.

¹¹ PATLAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Op.cit., pp.292-312.

teóricos acerca da validade e da pertinência de tais estudos na Academia. Quais as categorias de análise disponíveis na moderna historiografia mais adequados para essas abordagens?

Um dos recursos analíticos para a leitura do tema em questão – ou ainda do amplo leque dos novos fenômenos espiritualistas presentes na pós-modernidade – é o enfoque contido na linha historiográfica denominada “imaginário social”.

O polonês Bronislaw Backzo diria que o princípio que leva o homem a agir é o coração, são as suas paixões e seus desejos. “A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se ascendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem ‘enérgica’ dos símbolos e dos emblemas”.¹² Sua interpretação vai ao encontro do estudo de Evelyne Patlagean, em a História do imaginário, e, a partir delas, compreendemos o imaginário como a codificação das paixões e dos desejos de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Um conjunto de signos, dos quais esses sujeitos se utilizam para agir - ou não - no mundo.

Para essa estudiosa dos Annales, o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que extrapolam os limites colocados pela experiência e pelos encadeamentos dedutivos que elas permitem. De acordo com Patlagean, a cristianização da cultura européia inaugurou uma nova época na história das representações que incluíram um domínio do imaginário sobre o mundo dos mortos, as relações divinas e do homem com seu corpo. A cultura cristã apresentou um riquíssimo domínio do imaginário, com farta massa documental durante séculos.¹³ Podemos analiticamente situar o pensamento de Allan Kardec nessa perspectiva cultural e histórica.

¹² BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol.5, Anthropos - Homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, pp. 296-332.

¹³ PATLAGEAN, Evelyne. Op.cit., pp.300-6.

B.2 - Refletindo sobre a historiografia das Instituições Escolares

Tendência recente da historiografia, a história das instituições escolares vem se consolidando nos últimos anos, fato comprovado pelo crescimento significativo tanto quantitativo quanto qualitativo de publicações. Com o exame cuidadoso de uma instituição desse gênero, ainda com um enfoque preliminar no singular e no estudo de caso, são extraídas valiosas fontes que permitem testar a dinâmica das próprias políticas públicas ou ainda da história da educação mesma do país. Décio Gatti Júnior, professor e pesquisador da Universidade Federal de Uberlândia, argumenta que,¹⁴

De modo geral, pode-se afirmar que as escolas e o sistema educacional, por mais heterogêneas que sejam, aparecem como localidades que não podem ser negligenciadas como amostra significativa do que realmente acontece em termos educacionais em qualquer país e, especialmente, no Brasil, onde as análises governamentais têm a tendência de obscurecer a problemática real de seu sistema escolar.

Ao estudarmos uma instituição desse gênero, não estamos enfocando uma unidade autônoma, e nem tampouco a análise é limitada aos aspectos da escola. Mais do que um mero reducionismo, é da maior relevância estabelecer suas conexões com outros sistemas sociais e variáveis analíticas.

A rigor, em termos históricos, o processo de educação inserido, efetivamente, numa instituição escolar, assim como a gênese da pedagogia, é um produto da *modernidade*. Ainda na Itália renascentista, Vittorino da Feltre (1373?-1446), um mestre de concepções humanistas, convidado para ser o preceptor dos filhos de um marquês, fundou uma das escolas pioneiras, a “Casa Giocosa”, em Mântua. Numa placa na entrada da escola, lia-se: “vinde, meninos, aqui se ensina, não se atormenta”.¹⁵

No terreno das reflexões filosóficas da educação, um dos grandes baluartes da moderna pedagogia, sobretudo essa educação percebida numa perspectiva popular e pluralista, o boêmio

¹⁴ GATTI JÚNIOR, Décio. Op.cit., p.4.

¹⁵ CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, pp.237-9.

João Amos Comenius (1592-1670) já enfatizava a relevância do tema. Para ele, a formação deve começar na mais tenra idade e deve ocorrer na *instituição escolar*. Na afirmação comeniana da necessidade da escola, deve-se um argumento caro à nascente civilização capitalista, o da especialização:

O homem, quando precisa de farinha, vai ao moleiro; de carne, ao açougueiro; de bebida, ao taberneiro; de roupas, ao alfaiate; de sapatos, ao sapateiro; quando precisa de uma construção ou de um arado, ou de um prego, vai ao pedreiro, ao carpinteiro, ao serralheiro, e assim por diante (...) Por que então não devem existir escolas para a juventude? É claro que há muito menos dispêndio de energia, quando alguém faz uma coisa só e não é distraído por outras: desse modo um só pode servir utilmente a muitos e não a um só.¹⁶

A escola, como instância central dos modernos e contemporâneos sistemas educativos, seja estatal ou não, assumiu funções de produção e reprodução sócio-cultural, funções de controle e conformação vinculados aos comportamentos, ideologias e representações.¹⁷

Na moderna historiografia, essa renovação do enfoque nas instituições educativas corresponde a um esforço interdisciplinar, lançado pela sociologia, pela análise organizacional, entre outras ciências da educação, assim como a contribuição dos Annales pela nova história francesa, buscando a construção dos sujeitos e o sentido de suas ações.¹⁸

Essa nova abordagem das Ciências da Educação, centrada na sala de aula e correlacionada às perspectivas sócio-institucionais com foco no sistema educativo, busca escapar do vaivém tradicional entre percepções micro e um olhar macro, ressaltando um plano *meso* de compreensão. As escolas têm sua dimensão própria, como espaço organizacional em que também se tomam importantes decisões ou inovações educativas, curriculares e pedagógicas.¹⁹

¹⁶ COMENIUS, J. **Didática Magna**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002., p.85

¹⁷ MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denice Bárbara (orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998, pp.51-69.

¹⁸ Id. *Ibidem.*, p.60.

¹⁹ NÓVOA, Antônio. Para uma análise das instituições escolares. In: NÓVOA, Antônio (coord.) **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Seguindo a linha de raciocínio delineada no item anterior- aspectos que tangem à relevância do estudo do particular e do micro –, analisar a trajetória de uma escola não se resume a uma simples abordagem descritiva, mas é um esforço teórico, empírico e metodológico de contextualização a um quadro de evolução mais amplo, que se inscreve numa dimensão regional e conjuntural, com suas multidimensões e um sentido histórico e sociológico.

Tais enfoques devem, necessariamente, ser estruturados em torno das complexas matrizes relacionais dessas instituições – inerentemente estruturas abertas ao exterior, organismos e *locus* humanos. É implicada, portanto, uma visão de conjunto.²⁰

Outro ponto que vale ressaltar, assim como a instituição educacional reproduz e transmite uma cultura, não deixa, por outro lado, de produzir culturas.²¹ Essa inserção e convergência da escola numa política pública pedagógica e estruturas correlatas ocorrem de forma crítica e capacidade adaptativa. Licínio Lima utiliza o termo “infidelidades normativas”, ao demonstrar que a fidelidade dos atores aos seus objetivos e às estratégias contrapõe-se ao “normativismo burocrático” vigente.²²

Finalizando, seguindo o percurso teórico do historiador português Justino Pereira de Magalhães, professor da Universidade de Lisboa,

(...) a construção da história de uma instituição educativa visa, por fim, conferir uma identidade cultural e educacional. Uma interpretação do itinerário histórico, à luz do seu próprio modelo educacional. A história de uma instituição educativa constrói-se a partir de uma investigação coerente e sob um grau de complexificação crescente, pelo que, à triangulação entre os históricos anteriores, à memória e ao arquivo, se haverá de contrapor uma representação sintética, orgânica e funcional da instituição – o seu modelo pedagógico.²³

²⁰ MAGALHÃES, Justino. **Contributo para história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo**. Lisboa: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, s.d.

²¹ Id. *Ibidem.*, p.9.

²² Id. *Ibidem.*, pp. 9-10.

²³ MAGALHÃES, Justino. Breve apontamento para a história das instituições educativas. MAGALHÃES, Justino. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, José; SAVIANI, Demerval & LOMBARDI, José Claudinei (orgs.). **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: Autores Associados, 1999, pp. 67-72.

É um esforço de pesquisa e análise que contribuiu sobremaneira para a construção e compreensão para a própria história da Pedagogia.

B.3 - Definindo a tipologia das fontes

Outra originalidade francesa, na história nova, foi a ampliação significativa do campo do documento considerado histórico. Dos textos escritos da história positivista, um leque de novas possibilidades foi aberto:²⁴ registros de todos os tipos, produtos de escavações, documentos orais; fotografias, filmes, iconografias, produções artísticas, enfim, elementos variados em que podem ser apreendidas lições ou indícios do remontar do tempo.

Do mesmo modo paradigmático, Ginzburg muito contribuiu com a historiografia europeia e mundial com o método indiciário.²⁵ Inspirado em Conan Doyle e seu personagem clássico, o detetive Sherlock Holmes, o estudioso italiano buscou nos detalhes, muitas vezes, aparentemente insignificantes, a chave de suas descobertas intelectuais; seja na conexão entre influências nazistas e os estudos do linguísta George Dumézil sobre mitos indo-europeus; ou seja na leitura pioneira de um caso de feitiçaria ilustrando suas conexões com a religiosidade popular. Das explicações científicas de Ginzburg, vale a citação de Aby Warburg contida na epígrafe do ensaio: “Deus está no particular”.

Tanto na perspectiva da nova história quanto na história em lupas de Ginzburg, ou ainda nas pesquisas do intelectual alemão Norbert Elias, o termo interdisciplinaridade não é mera figura de retórica acadêmica, mas um importante referencial no desenvolvimento analítico das ciências sociais. Assim, interfaces com a literatura, a semiótica, a psicanálise em suas várias linhas, constituem importante campo de diálogo e aprofundamento dos objetos e problemas abordados.

²⁴ LE GOFF, Jacques. *Op.cit.*, p.28.

²⁵ GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Um espectro consistente de perspectivas de leitura do *real* se configura com a possibilidade de efetivação de uma historiografia das instituições escolares:²⁶ documentos da escola, fotos de época, jornais, entrevistas, literatura pertinente; elementos arquitetônicos do prédio, localização, acabamento, entre inúmeras outras opções em que a disponibilidade, o acesso e a leitura garantem o desenvolvimento das pesquisas.

Objetivando fundamentar, conceitualmente, a compreensão das várias matizes do problema, levantamos uma ampla bibliografia acerca da temática e os assuntos afins, obras de escopos distintos, sobre a doutrina espírita e a biografia de Allan Kardec, tanto em sua trajetória como pedagogo quanto na fase da sistematização do espiritismo; livros de autores clássicos do pensamento social brasileiro e da história do espiritismo no Brasil; pesquisas de história da educação e propriamente a história do país; estudos da história regional e história sacramentana; abordagens biográficas espíritas sobre Eurípedes Barsanulfo; além das fundamentais teorias historiográficas e história das instituições escolares.

A figura do médium e professor de Sacramento transformou-se em símbolo para o espiritismo brasileiro, e o Collégio Allan Kardec em tela é o pioneiro nesse segmento religioso.

Todavia, em que pesem a abrangência e a pluralidade da ação do homem Eurípedes Barsanulfo, foi a sua face religiosa e, diríamos, até mítica que prevaleceu. Nessa linha, foi fundamental e essencial para a viabilização deste trabalho, o resgate de diferentes fontes primárias.

A trajetória do homem público e a análise de seu pensamento são características pouco discutidas, mas nem por isso com menos importância. No Arquivo Público Municipal de Sacramento, acessamos a dois volumes completos com as atas entre 29/3/1900 a 13/1/1904 e entre 24/12/1904 a 1/1/1908. Barsanulfo foi vereador em duas legislaturas, nos triênios 1904 a

²⁶ GATTI JÚNIOR, Décio. A história das Instituições Educacionais – inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). **Novos temas em história da educação brasileira: Instituições Escolares e Educação na Imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002, pp.3-24.

1907, e reeleito até 1911. No segundo livro, várias das atas foram lavradas por ele, na condição de secretário da Câmara.

O terceiro volume original, referente ao período entre 1908 a 1912, foi extraviado recentemente da coleção municipal, mas algumas atas avulsas xerocopiadas foram levantadas. É, sem dúvida, um manancial rico em discussões e pensamentos ideológicos, o cotidiano do interior mineiro, aspectos que se inscrevem mesmo nos quadros dos primeiros anos da República brasileira.

Um importante suporte para os pesquisadores em História da Educação que permite uma visão mais abrangente do processo político, social e educacional,²⁷ consiste na leitura, catalogação e análise de documentos oficiais. E essas fontes foram também muito preciosas para o nosso trabalho. Recorremos a coleção de leis, aos livros de balancetes da Câmara Municipal, ao livro contábil de impostos municipais de indústrias e profissões – materiais que exigem uma leitura paciente e meticulosa mas que revelam preciosas radiografias do passado.

No Centro Espírita “Fé e Caridade”, instituição fundada por Eurípedes Barsanulfo e que, desde então, funciona nas mesmas instalações do Collégio Allan Kardec, está instalada a “Sala de Eurípedes”, um rico memorial das atividades do médium e professor. Existem quase 1500 fontes documentais catalogadas, parte considerável em processo de restauro. Todavia, a maioria é referente aos receituários, atividades assistenciais e espíritas de Barsanulfo – a valorização do mito que prevaleceria nas décadas seguintes, e poucos são aqueles rigorosamente da esfera pedagógica da escola.

Dos documentos educacionais dessa instituição que foram relevantes nesta pesquisa, constam diários dos anos 1930 da professora Corina Novelino, boletim de aluno, notas de

²⁷ Interessante análise acerca da documentação oficial é encontrada em GONÇALVES NETO, Wenceslau. A documentação oficial de Uberabinha e a compreensão da História da Educação em Minas Gerais e na região do Triângulo Mineiro. **Cadernos de História da Educação / Universidade Federal de Uberlândia**. V.1, n.º 1, Jan./Dez. 2002. Uberlândia: EDUFU, 2002.

caderno, apostila; termo de visita do inspetor regional de ensino, panfleto distribuído por Eurípedes por ocasião de uma polêmica com o clero católico, notas de compras e alguns depoimentos de ex-alunos.

Livros que pertenceram a Eurípedes Barsanulfo ou ao tio, “Sinhô” Mariano; documentos primários do movimento espírita da região; fotos diversas, certidões e cartas com fins diversos, procedentes de valiosas coleções particulares, foram coletados e analisados.

Na coletânea organizada pelos professores da UFU, “Novos Temas em História da Educação: Instituições Escolares e Educação na Imprensa”, são tecidas reflexões sobre a importância dos veículos impressos de comunicação como recurso que propicia uma abordagem mais ampla da vida social e cultural. Tanto aqui, quanto em outros lugares do mundo, a imprensa foi vista como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. E os jornais foram considerados relevantes mecanismos educativos.²⁸

São referenciais e fontes, portanto, extremamente ricos, que ensejam diversos ângulos de abordagem e “um conjunto de representações de épocas importantes de nossa história, que permitem demonstrar o grau de imbricação entre as elites central e periféricas, bem como a capacidade de circulação da ideologia dominante, na busca de legitimação por parte do grupo que empalma o poder e se esforça para manter a dominação”.²⁹

Notoriamente, por outro lado, o Brasil é um país que carece da consciência da preservação da memória. Em Sacramento, não existe um arquivo com os jornais sistematizados, e o que restou da ação do tempo são exemplares esparsos em coleções particulares. Mas dada a relevância do referencial - como abordado nessas discussões teóricas - foram importantes para este resgate histórico.

²⁸ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX – uma introdução. In: ARAÚJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). Op.cit., pp.133-151.

²⁹ GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação – Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos & GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). Op.cit., pp.197-225.

Sobre as singularidades locais e as repercussões das intervenções de Eurípedes naquela sociedade, acessamos alguns preciosos jornais de época: a “Cidade do Sacramento”; “O Borá”, “A Bonança”, “O Patriota”. Na década de 1920, os irmãos de Eurípedes, Homilton Wilson e Waltercides Wilon fundaram o jornal “A Semana” que circulou entre 1925 a 1927. Deste órgão, conseguimos analisar a coleção completa de seu primeiro ano, cinquenta e três edições entre agosto de 1925 a agosto de 1926. Na região, a imprensa também registrava as ações de Barsanulfo e alguns fatos do colégio. A “Tribuna de Conquista”, no antigo distrito e emancipada cidade vizinha; “O Pharol”, na paulista Pedregulho; a “Tribuna de Franca” e o “Lavoura e Comércio”, de Uberaba.

Recorrendo aos depoimentos e ao potencial da história oral, entrevistamos estudiosos da cidade e personagens ligados ao movimento educacional e espírita da região; e buscamos, ainda, relatos dados por antigos alunos e discípulos de Eurípedes Barsanulfo a outros autores, estratégia que clareou importantes nuances do passado estudado.

São essas as perspectivas teóricas e os referenciais documentais primários e secundários que fundamentaram nossa pesquisa e a presente dissertação, esforços que objetivam o clareamento de uma importante face da história da escolarização em Minas e no Brasil.

CAPÍTULO I

GÊNESE DO ESPIRITISMO E ALLAN KARDEC

1 – Definições, Filosofia e História do Espiritismo

1.1 – Era de Transformações

1848. Na França, a Monarquia de Luís Filipe, o “rei burguês”, em meio a uma séria crise do capitalismo, descontentamentos diversos e ainda envolto em corrupção e conservadorismo, seria derrubada por uma ruidosa e ampla oposição – que mesclava republicanos, liberais, socialistas, legitimistas, bonapartistas – num episódio conhecido como *Revolução de Fevereiro*. Em junho, após o fracasso dos socialistas em alçarem ao poder liderados por Louis Blanc, venceria as eleições presidenciais Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte.

Numa onda revolucionária implacável, as bandeiras do liberalismo e do nacionalismo varreriam o obsoleto absolutismo monárquico; na Itália, verificaram-se movimentos em todos os estados em prol da unificação; o mesmo ocorreu na Alemanha (então, Confederação Germânica); e na Áustria, onde as nacionalidades reprimidas rebelaram-se, sendo contidas energicamente pelo Habsburgo Francisco José.³⁰ E até no Brasil do estável Pedro II, o Partido

³⁰ HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. 19.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Liberal pernambucano, a “turma da praia”, levantou-se contra os Cavalcantis e em defesa da ampliação das liberdades civis.³¹

O ciclo iniciado com os revolucionários de 1789 na célebre França de Robespierre, Danton e Desmoulins, atingira seu ápice - num período ao qual o célebre historiador inglês Eric Hobsbawm chamaria de a “Era das Revoluções”.³² A burguesia se fazia poder, o capitalismo ocidental se tornava pleno e, efetivamente, o mundo atingia outro patamar.

Ainda em 1848, Karl Marx e o inseparável Friederich Engels lançaram, em Bruxelas, a primeira edição do “Manifesto Comunista”, um documento de apenas 40 páginas, que se tornaria um dos maiores *bestsellers* mundiais da história da imprensa. Em setembro, o pensador socialista, envolvido na intrincada política prussiana, seria preso e, mesmo absolvido após brava defesa, seguiria para o exílio em Londres.

31 de março de 1848. Bem longe do epicentro que mudaria a face política e econômica da história, especificamente numa aldeia de Hydesville, condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, Estados Unidos. Numa pequena casa, cujos moradores anteriores já ouviam ruídos estranhos, foi travado um diálogo um tanto quanto insólito: por meio de sons de pancadas e arranhões na parede, duas irmãs da família Fox, Kate e Margaret, meninas de 11 e 14 anos respectivamente, entram em contato com um suposto *espírito* de um humilde mascate assassinado na mesma aldeia, cinco anos antes.³³

³¹ FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 6.ed. São Paulo: EDUSP / Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1998, pp.176-9.

³² HOBBSAWM, Eric. Op.cit., passim.

³³ WANTUIL, Zêus, **As Mesas Girantes e o Espiritismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994; RIZZINI, JORGE. **Kardec, Irmãs Fox e outros**. 2.ed. São Paulo: Editora Eldorado Espírita de São Paulo, 1995; DOYLE, Arthur Conan, **História do Espiritismo**. São Paulo: Editora Pensamento / Cultrix, 1996. Assim Doyle, o mestre da literatura inglesa convertido à doutrina de Kardec, autor das sagas de Sherlock Holmes, descreveu o episódio a partir de notas tomadas com a matriarca dos Fox: “...*Minha filha menor, Kate, disse, batendo palmas: ‘Sr. Pé Rachado, faça o que eu faço’*. Imediatamente seguiu o som, com o mesmo número de palmadas. (...) Então pensei em fazer um teste de que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fossem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. Instantaneamente foi dada a exata idade de cada um, fazendo uma pausa de um para o outro, a fim de os separar até o sétimo, depois do que se fez uma pausa maior e três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido”, (Idem, p.78).

O episódio em questão é paradigmático na história do movimento espírita internacional; em que pesem a simplicidade dos personagens e o ambiente rústico, o caso ganharia projeção.

A rigor, tanto o fenômeno da denominada mediunidade quanto os pensamentos acerca da imortalidade da alma têm seus registros longínquos no tempo. Apenas com o intuito de citar alguns exemplos sobre a noção de reencarnação, sem a pretensão de mapear ou esgotar tal assunto, vale frisar quatro casos.

O maior paradigma no tema é, notoriamente, o filósofo grego Platão³⁴, que supunha a existência de dois mundos; o primeiro constituído por idéias eternas e invisíveis, dotadas de existência diferente das coisas concretas; e o segundo composto por cópias das idéias (chamadas de coisas sensíveis). Os sentidos nos enganam permanentemente, e a verdadeira realidade, intuída pela razão, está no mundo das idéias. Pela teoria da metempsicose, supõe-se que a alma, que passara por sucessivas reencarnações, iria recordar o que outrora contemplou no mundo das idéias - o fundamento da reminiscência.

No Renascimento científico e cultural dos anos 1300 aos 1500, cujo melhor vértice foi, indubitavelmente, a Itália de Miquelângelo e Da Vinci, o padre dominicano Giordano Bruno seria a derradeira vítima do movimento das fogueiras da Santa Inquisição. Duvidando dos dogmas católicos, da virgindade de Maria e da transubstanciação do pão na ceia eucarística, o napolitano Bruno abandonou a Igreja, exilou-se na Suíça e depois na França. Suas crenças acerca da infinitude do universo com a existência de outros sóis e mundos (“Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos”);³⁵ e da imortalidade da alma (“De immortalitate animae”), renderam-lhe a condenação pela Inquisição, que, mediante procedimentos escusos, conseguiu capturá-lo em Veneza e tê-lo em Roma.

³⁴ PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Abril Cultural, 2004, pp.117-190. (Os Pensadores, v..2)

³⁵ BRUNO, Giordano. **Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos**. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores, v.12).

Todavia, o espiritualismo, gestado no século XIX, tem suas matrizes intelectuais e o *imaginário*, segundo os historiadores da temática, esboçados no século XVIII, tendo, na figura dos místicos Emmanuel Swedenborg e Kaspar Lavater, seus antecessores.³⁶

Sueco nascido em Estocolmo em 1688,³⁷ Swendenborg era filho de um pastor luterano e capelão real, que foi mais tarde Bispo de Sakara. Matemático e engenheiro, tinha importante destaque social e trânsito nas esferas políticas. Foi assessor Real para assuntos de mineração e, após a morte do pai, como filho mais velho, passou a ter assento no parlamento.

Em 1745, aos 56 anos, sua vida sofreu uma reviravolta. Numa das inúmeras viagens que fazia, Swedenborg encontrava-se sozinho e, à noite, jantando numa hospedaria, quando, saído das sombras, um tipo espectral apareceu e anunciou-lhe que era chegado o “momento da revelação”: ele seria o porta-voz do sentido interno ou espiritual da Bíblia, até então oculto. Dali em diante, fazia experiências de viagens às dimensões espirituais, aos diversos mundos do além e contatos com o mundo dos mortos. Para Emmanuel Swedenborg, “o mundo espiritual é formado por esferas diferentes, para onde os espíritos vão de acordo com a luminosidade e a espiritualidade da sua condição no momento da morte. O resultado da sua condição após a morte é uma decorrência da totalidade dos atos de sua vida, da globalidade da vida humana, não adiantando o arrependimento de último momento”.³⁸

Os escritos do místico sueco influenciaram personalidades diversas, como Baudelaire, Balzac, Helen Keller, Jorge Luís Borges, entre outros.

³⁶ SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo – 1850-1930**. 1997. Disponível em <<http://unicamp.br/~elmoura/0%20Espiritualismo%20nos%20S%20E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em: 10 set. 2004. Professora da Unicamp, vinculada ao departamento de História, Moura tem diversos trabalhos sobre o assunto e faz, nesse texto, um interessante mapeamento e discussões metodológicas das várias vertentes espiritualistas contemporâneas.

³⁷ Dados bibliográficos deste enigmático sueco podem ser encontrados num site brasileira de uma fundação que leva seu nome: <www.swedenborg.com.br/> Acesso: 07 out. 2005.

³⁸ SILVA, Eliane. Op.cit., pp.5-7.

O músico, pastor protestante e teólogo suíço Johann Kasper Lavater (1741/1801) ganhou notoriedade com suas teorias fisiognomonistas – suposto que vem desde Aristóteles -,³⁹ sobre a possibilidade de julgamento do caráter de acordo com a configuração e a expressão do rosto, a fisionomia. Embora sejam rechaçadas pela moderna psicologia, essas teorias foram aceitas e difundidas por séculos.

Esse calvinista suíço acreditava na imortalidade da alma, na existência de diferentes planos de existência, assim como na possibilidade objetiva de comunicação entre os planos material e espiritual, mundo dos vivos e mundo dos mortos. No *imaginário* contido em várias referências da doutrina espírita, Lavater teria sido Eurípedes Barsanulfo em outra reencarnação.⁴⁰

1.2 – As Mesas Girantes em Paris

O caso das irmãs Fox, paradigma do moderno espiritismo, ganhou repercussão e logo extrapolaria as fronteiras estadunidenses. A família ficou abalada com o fenômeno, efeito atribuído às irmãs; afastadas de casa, morando com o irmão David Fox, os mesmos ruídos eram ouvidos. Embora fossem feitos esforços para que o público ignorasse essas manifestações, elas tornaram-se conhecidas. E quando as meninas viajavam, o fenômeno as acompanhava nas casas em que se hospedavam. Com o tempo, foi estabelecido um sistema de códigos para compreender cada letra de acordo com o número de batidas.

O pesquisador do espiritismo e o principal biógrafo brasileiro de Allan Kardec, Zeus Wantuil assim descreve o encontro das irmãs com intelectuais e religiosos:⁴¹

³⁹ GOMES, Mário Enrique de Jesus. **O Estudo Científico das diferenças interindividuais**. <<http://www.educare.pt/BibliotecaDigitalPE/Relatorio>>, acesso: 12 jul. 2005. Em seu tratado *De Anima* (século IV a.C.), assim escreveu o filósofo grego: “Provavelmente, todas as afeições da alma – angústia, benignidade, medo, piedade, valor, alegria, amor e ódio – estão associadas com o corpo, pois quando aparecem, o corpo também é afectado”. Idem, p.3.

⁴⁰ Entre outros, BACCELLI, Carlos A. [psicografia de FERREIRA, Inácio]. **Do Outro Lado do Espelho**. 5.ed. Votuporanga: Casa Espírita “Pierre-Paul Didier”, 2003.

⁴¹ WANTUIL, Zêus. Op. Cit., p.8-9.

[...] Numa Sessão realizada em Nova Iorque, em 1850, sentados ao redor de uma mesa, vemos o Ver. Griswold, o novelista Fenimore Cooper, o historiador J. Bancroft, o Dr. Hawks, os doutores J.W. Francis e Marcy, o poeta quaker Willis, o poeta Bryant, o general Lyman e o periodista Bigelow, do *Evening Post*. Todos eles se manifestaram satisfeitos com a sessão, e declararam: ‘As maneiras e a conduta das jovens (isto é, das irmãs Fox) são tais que tudo se inclina a favor delas.

O movimento espiritualista nos Estados Unidos avançou rapidamente, numa interação com o protestantismo de diferentes grupos e seitas por intermédio de enfoques educacionais, tendo diversas publicações e grupos de estudo.⁴² A primeira organização espírita regular foi constituída em Nova Iorque, em 10 de junho de 1854, sendo denominada “Sociedade para a difusão do Conhecimento Espírita”, entre cujos membros, contava com um Juiz, Edmonds, e o governador de Wisconsin, Tallmadge.⁴³

Poucos anos após os acontecimentos de Hydesville, as mesas girantes se tornaram um modismo na Europa, sensação nas reuniões dos círculos abastados da sociedade, sobretudo, em Paris e Lyon. Os jornais anunciavam esses fenômenos estranhos sem, contudo, indagar suas causas.

A “mesa girante” consistia num móvel redondo com três pés, à qual os participantes invocavam a manifestação de forças sobrenaturais. Com a suposta presença, a mesa dava saltos e girava, indicando as letras do alfabeto de acordo com os códigos estabelecidos.

O pensamento positivista estava em voga na Europa do século XIX e poucos atribuíam tais efeitos à manifestação demoníaca, ainda que o Santo Ofício condenasse as mesas em 1856, alegando que havia interferências do hipnotismo ou do magnetismo.

De fato, os magnetistas acreditavam que os fenômenos das mesas girantes poderiam ser causados por fluidos elétricos ou magnéticos, ou ainda, por algum outro tipo de manifestação desconhecida, porém similar. O fundador dessa filosofia – o magnetismo animal,

⁴² SILVA, Eliane Moura. Op. Cit., p.8.

⁴³ DOYLE, Arthur Conan. Op. Cit., p.129.

também chamado de mesmerismo – foi o médico e filósofo austríaco Franz Anton Mesmer.⁴⁴ Para esse estudioso, que freqüentava círculos ocultistas e alquímicos em seu país, seguindo a linha do famoso místico Paracelsus, haveria correspondência entre o mundo exterior – o macrocosmo – e as diferentes partes do organismo – o microcosmo.

A tese de formatura de Mesmer em Medicina descrevia a influência planetária por intermédio de um fluido magnético universal com poderes sobre a matéria viva. Haveria ainda, o magnetismo animal que existiria em duas formas antagônicas, emanando nos lados direito e esquerdo do corpo humano. A cura das enfermidades ocorreria pela restauração do equilíbrio entre os fluidos. Baseado nessas premissas, elaborou uma terapia que consistia na fixação dos olhos e na aplicação de passes magnéticos com o uso das mãos.

O pedagogo Hippolyte-Léon Denizard Rivail, adepto de Mesmer, fazia parte da Sociedade de Magnetismo de Paris. E, a propósito, compartilhava da mesma opinião do Santo Ofício na condenação das mesas girantes.

1.3 – O druida Celta

O século XIX foi, por excelência, marcado pela evolução científica em todas as áreas, embalado pela esteira do desenvolvimento do capitalismo europeu, fruto das revoluções burguesas e, principalmente, da Revolução Industrial, que exigia o avanço do saber. Naquele contexto, a Biologia, a Física, a Química, e mesmo as chamadas ciências humanas tiveram um impulso notável.⁴⁵

Evidentemente, nenhum pensamento é descolado de seu contexto histórico e o *cientificismo*, propalado por autores díspares, como, entre outros, Augusto Comte, e a filosofia *positivista* ou o *evolucionismo* proposto por pensadores de diferentes matizes, como Spencer

⁴⁴ DARNTON, Robert. **O Lado Oculto da Revolução**: Mesmer e o final do Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ou Charles Darwin, era a tônica do século da Segunda Revolução Industrial e tinha suas digitais no ideário e na metodologia de Kardec.

Nascido em Lyon, no ano em que Napoleão convocara plebiscito para ser alçado à condição de Imperador, consolidando, assim, a Revolução Francesa, em 1804, Hippolyte Rivail era filho de um juiz, Jean-Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Louise Duhamel, uma comum família de orientação católica.⁴⁶

No item 2 deste capítulo (“De Denizard Rivail a Allan Kardec – uma análise biográfica”), trazemos uma exposição da trajetória intelectual desse célebre pensador francês; por ora, seguindo essa linha de discussão acerca das origens do espiritismo, relatamos o contato de Kardec com as mesas girantes.

Supõe-se que o pedagogo militante das atividades educacionais tenha entrado em contato com o magnetismo animal em 1823.⁴⁷ Nos anos seguintes, observaria e estudaria alguns fenômenos, entre os quais, o sonambulismo.

Foi uma sonâmbula (estudiosos do magnetismo acreditavam que os sonâmbulos eram capazes de prever a evolução de doenças e prescrever o tratamento adequado), por volta de 1853, que o curou de um processo de perda de visão em 3 meses – após um médico amigo ter-lhe diagnosticado a irreversibilidade da degeneração.⁴⁸

Um velho amigo de Rivail, um certo Fortier, lhe falara acerca das “mesas falantes” no final de 1854, fenômeno difundido, mas não explicado. Segundo o relato, os artefatos eram capazes de emitir respostas coerentes a seus interlocutores por meio de códigos. O experiente pedagogo, estudioso de várias ciências, permanecia incrédulo quanto a essas possibilidades. Entretanto, outros relatos deixaram-no intrigado, como no início de 1855, quando outro amigo de muitos anos, o Sr. Carlotti, fez outros comentários similares das tais mesas e sessões.

⁴⁶ INCONTRI, Dora. **Para entender Allan Kardec**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

⁴⁷ WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**. 5.ed., vol.1, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999, pp.78-83.

⁴⁸ Id.Ib., pp.82-3.

Em maio de 1855, finalmente, Rivail acompanhou o amigo Fortier a uma reunião – na residência da senhora Plainemaison. Seu ceticismo foi abalado quando viu mesas saltarem, baterem contra o chão, respondendo a perguntas de modo lógico e racional. No ano seguinte, passou a freqüentar assiduamente as reuniões na casa dos Baudin, em sessões seletas, mas numerosas.

A adoção do pseudônimo, pelo qual ficaria conhecido na posteridade, é um notório indicativo da nova fase do velho pedagogo e ocorreu depois que, numa das sessões espíritas, um médium lhe contou que, em vidas passadas, ele teria sido um druida – denominação dos sacerdotes celtas – de nome Allan Kardec.⁴⁹

Na obra “O que é o espiritismo”, Kardec elucida o que o levou a estudar cientificamente esses novos fenômenos:⁵⁰

Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refolhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma, sem lhe conhecer o como e o porquê.

1.4 – Fundamentos da Filosofia Espírita

Embasado pela observação, comparação e verificação dos fatos, Denizard Rivail concluíra que ali estavam mesmo espíritos dos desencarnados. Um curioso paradoxo num século caracterizado pelo materialismo alemão, pelo positivismo francês, e pelo ceticismo; um dedicado discípulo do notável Pestalozzi aplicava os métodos científicos empíricos no desvendamento e análise do mundo dos mortos.

A chamada doutrina espírita, sistematizada pelo pedagogo, já sob o pseudônimo de Allan Kardec, tem seu alicerce nos cinco livros publicados por ele que, reunidos, formam o pentatêuco kardequiano. Por intermédio dos médiuns, conduzia perguntas aos espíritos, que eram analisadas, comparadas e sistematizadas. O resultado dessa pesquisa foi “O Livro dos

⁴⁹ DENIS, Léon. **O Gênio Céltico e o Mundo Invisível**. 2.ed., Rio de Janeiro: Edições CELD, 2001, pp.17-9.

⁵⁰ KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. 53.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2003, p.47.

Espíritos”, publicado, pela primeira vez, em 1857, contendo 1018 perguntas e respostas sobre temas e questões que tangenciam a doutrina espírita. Posteriormente, outras obras seriam editadas: “O Livro dos Médiuns” (1861); “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864); “O Céu e o Inferno” (1865); e “A Gênese” (1868). Em 1864, seria lançado um resumo da doutrina em “O que é o Espiritismo”, e, após sua morte, foi compilada “Obras Póstumas” (1890). Kardec lançou e dirigiu, ainda, a “Revue Spirite”, difundida sob sua responsabilidade por 11 anos, e fundou a “Société Parisienne d’Étude Spirites”, fatos que redundaram na forte expansão do movimento espírita francês, que logo atingiria nosso país (abordado no 2º Capítulo da presente, “Apropriação e disseminação do espiritismo no Brasil”).

Essa ampla expansão não pode ser descolada do turbilhão de crenças e filosofias que conviviam com o cientificismo europeu pelo viés do neocolonialismo. Noções como *carma*, *corpo astral*, *reencarnação* e outras similares vinham das colônias orientais da Inglaterra e da França. Mesmo na antigüidade, o conceito *metempsicose* – crença de que uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, de homens, animais ou vegetais –, agregado por filósofos como Pitágoras ou Platão, estava presente nos textos *Upanishadas*, da milenar Índia.⁵¹ Todavia Kardec refutava a idéia de transmigração da alma de homens para animais; com uma perspectiva *evolucionista*, entendia que o *espírito* poderia estacionar, nunca retroceder ou degenerar.

O espiritismo, delimitado e designado no Brasil como *kardecismo*, pode ser compreendido como sistema complexo de pensamento, abarcando princípios filosóficos, científicos e religiosos. Seu eixo central é a idéia milenar baseada na doutrina hinduísta da reencarnação – com a diferença já assinalada – e a possibilidade concreta de comunicação entre os mortos – classificados, genericamente, como “espíritos desencarnados” – realizada por intermédio de pessoas dotadas de capacidade para o transe psíquico, os *médiuns*, durante a

⁵¹ **Revista das Religiões – o mundo da fé.** N.º 15, São Paulo: Editora Abril, nov. 2004, pp.16-23.

sessão espírita (chamada de “mesa branca”, num contraponto às crenças afro-brasileiras, discriminadas como “baixo espiritismo”).⁵²

Num processo de sincretismo doutrinário, é acrescentado à lógica estrutural oriental da reencarnação o elemento essencial do cristianismo contido nos Evangelhos: a ética da caridade. Jesus Cristo é considerado a maior entidade já encarnada e governador espiritual do planeta, e Kardec entendeu que o maior mandamento é o amor ao próximo, considerado a virtude suprema.⁵³

Sucintamente, apresentamos um esboço do pensamento de Kardec exposto pelo autor ao longo de suas obras – o pentatêuco, além do “O que é o Espiritismo” e “As Obras Póstumas”. O espiritismo é uma ciência, compreendendo duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. A verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos espíritos, e a aprendizagem ocorre por um estudo sério e continuado, feito no silêncio e recolhimento.⁵⁴

A rigor, os espíritos não são nem bons nem maus por natureza; são eles próprios que se melhoram, transitando de uma ordem inferior para uma superior. Assim, o aperfeiçoamento do espírito é o fruto de seu próprio trabalho e processo contínuo de educação, não podendo, numa única existência corpórea, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais necessárias à condução do objetivo – a purificação, alcançada por uma sucessão de vidas, em cada uma adquirindo elementos no caminho do progresso⁵⁵

“A encarnação não é imposta ao espírito, no princípio, como punição; ela é necessária ao cumprimento das ordens de Deus (...)”, enfatiza Kardec. “Os espíritos encarnados constituem a humanidade, que não é circunscrita à Terra, mas que povoa todos os mundos

⁵² HELLERN, Victor, et.al. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.289-91.

⁵³ Máxima kardequiana: “Fora da caridade não há salvação”. Só no **Evangelho Segundo o Espiritismo** (Op.cit.); são 28 citações e referências sobre essa ética.

⁵⁴ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 130.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2000, p.40.

⁵⁵ KARDEC Allan. Id.ib., passim.; KARDEC, Allan. **O que é Espiritismo**. Op.cit., passim.

disseminados no espaço(...)”. A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é transitória e passageira.⁵⁶

O esquecimento de existências anteriores é uma dádiva divina, sendo os homens poupados de lembranças, na maioria das vezes, dolorosas e penosas; por outro lado, a diversidade das aptidões inatas é a prova de que a alma já vivera.⁵⁷ “Nenhum espírito está nas condições de não se melhorar nunca; de outro modo, estaria fatalmente destinado a uma eterna inferioridade, e escaparia da lei do progresso que rege, providencialmente, todas as criaturas”⁵⁸

Outra categoria essencial à compreensão do pensamento *kardequiano* é a noção do livre arbítrio, preconizado nos primórdios do cristianismo por Santo Agostinho (354/430 d.C.):⁵⁹

Deus, sendo soberanamente justo, deve considerar igualmente todos os seus filhos; é por isso que dá a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir* [grifo do autor]; todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência, uma injustiça. Mas a encarnação não é, para todos os Espíritos senão um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõem, na sua entrada na vida, como primeira prova que farão do seu livre arbítrio.⁶⁰

Na condição de movimento religioso, Kardec frisava que o espiritismo, longe de negar o Cristianismo e o Evangelho, os esclarecia e difundia à luz das novas revelações acerca do que o Cristo fez e disse.

[o espiritismo] traz a luz sobre os pontos obscuros de seus ensinamentos, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem, sem esforço, com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; vêem melhor a sua importância, e podem separar a realidade da alegoria; o Cristo lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino [grifo do autor].⁶¹

Uma plêiade de intelectuais diversos aderiram, em algum momento, às idéias apresentadas por Kardec, numa lista extensa, que inclui, entre outros, figuras como o

⁵⁶ KARDEC, Allan. Id.Ib., passim.

⁵⁷ KARDEC, Allan. Id. Ib, pp.166-7.

⁵⁸ KARDEC, Allan. **Céu e Inferno**. 26.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001, p.83.

⁵⁹ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 2004. (Os Pensadores, v.4).

⁶⁰ KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 271.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001, p.68.

⁶¹ KARDEC, Allan. **A Gênese**. 27.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001, p.31.

astrônomo Camille Flammarion, o escritor Léon Denis, o antropólogo italiano Ernesto Bozzano, o escritor inglês Arthur Conan Doyle, imortalizado pelo clássico detetive Sherlock Holmes; Alexandre Dumas, outra celebridade da literatura universal; o médico italiano César Lombroso, psiquiatra forense, que se notabilizou pelos estudos no campo das relações físicas e mentais, que, mais tarde seriam, conhecidos como antropologia criminal.⁶²

Evidentemente, o espiritismo não ficaria imune a contestações e repressões. Apenas para ilustrar, dois episódios são notórios nesse meio. Em 1862, o padre Lepeyre, da Companhia de Jesus, chegou a afirmar que era mesmo possível o contato com os mortos, mas que os bons espíritos só se manifestavam dentro das igrejas e que, ademais, fora daquele ambiente só almas demoníacas surgiriam. Outro fato foi o denominado “auto-de-fé de Barcelona”, quando um livreiro francês, radicado na Espanha, Maurice Lachâtre, encomendou a Kardec seus livros para divulgá-los. Entretanto, não contava com a intolerância do bispo da cidade, que ordenou a apreensão e a incineração dos livros numa grande fogueira. Decerto, o gesto do clérigo, o último ato da inquisição espanhola, teve enorme eco na imprensa local e internacional, servindo para atizar as curiosidades e divulgar o termo espiritismo.⁶³ Mesmo no Brasil, certo padre, Oscar Quevedo, vem ganhando notoriedade, há décadas, no esforço de desmistificar os fenômenos espíritas pela vertente da parapsicologia.

⁶² MALGRAS, J. **Pioneiros do Espiritismo**. São Paulo: DPL, 2002; BOZZANO, Ernesto, **Povos Primitivos e Manifestações Supranormais**. São Paulo: Editora Jornalística FE, 1997; FLAMMARION, Camille. **Urânia**. 8.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. DOYLE, Arhur C. Op.cit.; entre outras referências.

⁶³ NUNES, Beatriz Helena P. Costa, et.al. **Em torno de Rivail**. Bragança Paulista: Lâchatre, 2004.

2 – De Denizard Rivail a Allan Kardec – uma análise biográfica

2.1 – O discípulo de Pestalozzi – Hippolyte-Léon Denizard Rivail

Como exposto no item 1.4 - O Druida Celta -, Rivail viera ao mundo num berço confortável, filho de Jean-Baptiste Antonine Rivail, um respeitado juiz, descendente de família de longa tradição da magistratura de Lyon.

Com a idade de 10 anos, seria mandado para o Instituto Yverdon, na cidade suíça do cantão de Vaud, fundada e dirigida por Henrique Pestalozzi – mestre que contribuiria sobremaneira na formação moral e intelectual do jovem Rivail e cuja visão e abrangência pedagógica já se revelaram em Neuhof, Stans e Berthoud.

Yverdon era o que existia de mais avançado em ensino na Europa. Funcionando num castelo, construído em 1135 pelo duque de Zähringen, Pestalozzi pôde ali aplicar toda a sua metodologia e sistemática de trabalho com os professores – os quais se reunia duas vezes por semana para a discussão e avaliação do trabalho.⁶⁴ “Corpo são e mente sã” era o lema de Yverdon, que aliava o trabalho aos exercícios físicos. A escola se tornou célebre, recebendo alunos como o alemão Froebel - que se tornaria um dos grandes nomes do pensamento pedagógico moderno – e sendo respeitada e destacada por personalidades como o rei Carlos IV, da Espanha, o czar Alexandre, da Rússia, o rei Frederico Guilherme III, da Prússia; ou ainda dos escritores Goethe e Madame de Staël.⁶⁵

Em 1815, pouco após a derrota de Napoleão em Waterloo, o menino Denizard Rivail chegou ao instituto suíço. Foi um momento difícil na vida de Pestalozzi; pois nesse mesmo ano, o mestre perdeu sua companheira, Anna Schulthess, e ainda enfrentou problemas de disputa pelo poder em sua escola.

Contudo os anos de convivência com o mestre deixariam marcas indeléveis no jovem francês; ilustrando essa afirmação, quando, mais tarde, Rivail, como diretor de escola da

⁶⁴ ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na “Era das Revoluções”** – uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2000.

⁶⁵ WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. Op.cit., pp.32-36.

Academia de Paris, publicou um “Plano proposto para a melhoria da Educação Pública”, em cuja capa, lia-se: “... por H.-L.-D. RIVAIL / Discípulo de Pestalozzi...”.⁶⁶

Certo aluno de Yverdon, Roger Guimps registrou algumas passagens que assinalam o ambiente saudável vivido no Instituto:⁶⁷

Os alunos gozavam de grande liberdade; as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família simples, e as crianças quase não se prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem [...].

Nos tempos do menino Rivail, estudavam ali 150 crianças de etnias, línguas e culturas diferentes. A maioria dos estudantes era composta por internos, com a estadia paga pelos pais abastados, o que gerava recursos para o instituto. Uma pequena parte era de estudantes suíços pobres, que estudavam gratuitamente.

Inicialmente, Yverdon tinha principalmente alunos alemães. Após a queda de Napoleão I, muitos franceses passaram a freqüentá-lo, o que levou Pestalozzi a contratar professores franceses, como Alexandre-Antoine Boniface, especialista em gramática e literatura francesas, que, admitido pelo próprio Hippolyte-Léon, foi um de seus primeiros mestres.

Problemas pessoais envolvendo os professores e a diretoria da instituição culminaram com a saída de diversos mestres da instituição, por volta de 1817. Pestalozzi combinou seu método com o ensino mútuo, técnica onde os alunos mais adiantados ou capazes, atuavam como monitores dos demais. Foi nesse contexto que o jovem Rivail teve sua primeira experiência efetiva na pedagogia.

Esses desentendimentos diversos, muitas vezes, não passavam despercebidos pelos alunos e afetavam a vida escolar. O número de internos, isto é, aqueles que pagavam pensão e sustentavam as finanças da escola, diminuiu bastante. Previsivelmente, o Instituto entrava em

⁶⁶ RIVAIL, H.L.D. **Textos Pedagógicos**. 2.ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 1999.

⁶⁷ WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. Op.cit., p.37.

decadência. Em 1825, Pestalozzi anunciou sua decisão de deixar Yverdon, partindo para Neuhof, onde viveria seus últimos dias, vindo a falecer dois anos depois.

Não se sabe ao certo quantos anos Rivail permaneceu na Suíça. Provavelmente, por volta de 1822, retornou a Lyon, de onde não demorou a partir para Paris (ou talvez tivesse ido direto à capital francesa).⁶⁸

Com amplo domínio do inglês, do alemão, do espanhol, do italiano e conhecendo razoavelmente o holandês, Hippolyte-Léon começou sua carreira trabalhando como professor, na rue de la Harpe, onde funcionava o Liceu Saint-Louis, e tradutor nas horas vagas.⁶⁹ Em fevereiro de 1823, foi publicado na “Bibliographie de la France” – espécie de revista literária – um prospecto sobre o seu livro, “Cours pratique et théorique D’ARITHMÉTIQUE, d’après les principes de Pestalozzi, avec des modifications”, resumindo o que seria a obra que, ainda em dezembro daquele ano, chegaria às lojas. Com apenas 18 anos, já publicara um manual assentado em bases pestalozzianas para professores e mães que quisessem iniciar os filhos pelo caminho da aritmética.

Dispensado pelo exército em 1825, aos 20 anos, por sua atividade como professor, tornou-se, em meados daquele ano, diretor de sua própria instituição de ensino, a “Escola de Primeiro Grau”, em Paris. É desconhecido o tempo exato em que o colégio funcionou. Foi nesse período que ele entrou em contato com o já citado magnetismo animal, ou o mesmerismo. À época, ainda que tais assuntos lhe suscitasse curiosidades, seu principal foco era a pedagogia.

No ano seguinte, fundou a Instituição Rivail, educandário simples, que funcionava de acordo com os princípios de Pestalozzi, voltado para os pobres, onde ele exercia uma influência paternal sobre os alunos. Em 1828, na vigência do governo Carlos X, lançou ainda um “Plano proposto para a melhoria da Educação Pública”, em cujo subtítulo afirmava: “Os

⁶⁸ WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. Op.cit. p.78.

⁶⁹ **Grandes Líderes da História** [Edição sobre Allan Kardec]. Ano I, n.6., São Paulo: Arte Antiga Editora, p.8.

meios próprios para se educar a juventude são uma ciência bem distinta que se deveria estudar para ser educador, como se estuda a medicina para ser médico”.

Em 1832, casou-se com a professora de letras e belas artes Amélie-Gabrielle Boudet; coincidência dupla, pois, assim como a senhora Pestalozzi, era mais velha que o marido e o auxiliou em suas tarefas educacionais. E desafios, decerto, não faltariam.

Fora um tio de Kardec que investiu o capital na organização da Instituição Rivail. Mas, viciado em jogos e envolvido em apostas em casas de Spa e Aix-la-Chapelle, Bélgica e Alemanha, respectivamente, perdeu alto volume de dinheiro e se arruinou, comprometendo também o sócio. A escola foi fechada em 1824, a sociedade foi desfeita e sobraram, para cada um, 45 mil francos. A um amigo da família de sua esposa, Rivail confiou os recursos para serem aplicados em algum negócio lucrativo; mas o negociante faliu, arrastando Rivail e Amélie.

Os infaustos acontecimentos que resultaram na bancarrota do casal não redundaram no desânimo, e com muito trabalho reergueram-se diante do insucesso. Rivail empregou-se como contabilista de três casas comerciais, o que, de acordo com um biógrafo clássico, Henri Sausse, lhe rendia cerca de 7.000 francos por ano.⁷⁰

À noite, elaborava livros didáticos, traduzia obras inglesas e alemãs e preparava os cursos que ele juntamente com o Prof.º Lévi-Alvarès davam a alunos de ambos os sexos no Faubourg de Saint-Germain. Pessoalmente, Rivail lutara contra a segregação das meninas nas instituições de ensino na França.

Assim como Pestalozzi em Yverdon, organizou e ministrou, em sua própria casa, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, Fisiologia, Anatomia comparada entre outras ciências. Como o mestre, Rivail acreditava na educação como superação das misérias do mundo.

⁷⁰ WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. Op.cit., p.136.

Em Obras Póstumas,⁷¹ já com a assinatura Allan Kardec, enfatizara:

A Questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano. (...) O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão pode fortalecer, nunca destruir. *É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a humanidade.* [grifo nosso]

Ao longo da carreira, antes de adotar o nome Allan Kardec, Hippolyte-Léon publicou mais de 20 livros didáticos em diversas áreas: Gramática, Aritmética e, sobretudo, Pedagogia. Por muitos anos, lutara ao lado dos padres contra o monopólio da educação pelas universidades. Após a Revolução de 1848, o partido clerical vitorioso, no entanto, transferia para si o monopólio, e a partir da Lei Falloux, de 1850, as congregações passaram a ter o poder de ensinar. Nesse mesmo ano, por insatisfações com o modelo educacional da França, decepcionado e contando com uma tranquilidade financeira, afastou-se do magistério e se dedicaria aos estudos do magnetismo e, posteriormente, às mesas girantes. O homem Allan Kardec logo surgiria.

2.2 – O codificador da Doutrina dos Espíritos – Allan Kardec

Como foi abordado, após os fenômenos de Hydesville, as mesas girantes tornaram-se uma febre na Europa, embalando as divertidas reuniões da sociedade parisiense; os fenômenos eram badalados em jornais, sem, no entanto, ocorrer questionamentos sobre seus porquês. Instigado por amigos, o experiente e cético pedagogo se impressionou com o que viu diante de si, nos idos de 1855, na residência da senhora Plainemaison. A vida de Rivail, que há anos já se interessara pelo magnetismo animal lançado pelo austríaco Mesmer, em seus 50 anos, tomaria

⁷¹ KARDEC, Alan. **Obras Póstumas**. 5.ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2000.

outro rumo. E o nome Allan Kardec, alusão a uma suposta vida como sacerdote celta,⁷² foi o símbolo dessa guinada.

Foi na Rua Lamartine, em reuniões seletas na casa dos Baudin, já no ano seguinte à revelação, que os contatos entre Kardec e o mundo dos mortos ficariam mais sistemáticos. Foi ali que começou a nascer o “Livro dos Espíritos” - que teve sua primeira edição em 1857 -; nas formulações de perguntas aos *desencarnados* sobre uma série de problemas. A comunicação já não ocorria por pancadas, através de alguns *médiuns* – espécie de ‘ponte’ entre o mundo invisível e o material - eram utilizados outros mecanismos para a obtenção das respostas, como a psicografia por meio de uma “cesta-de-bico”.⁷³

No ideário espírita, foi a 30 de abril de 1856 que Kardec recebia a missão de codificar as bases da Doutrina. Na casa do Sr. Roustan, uma jovem médium recebeu a comunicação do “Espírito da Verdade”, que incumbira o velho professor de trazer a “terceira revelação” (as anteriores teriam sido de Moisés e de Jesus Cristo, respectivamente).⁷⁴ Rivail aceitara a missão e, à medida que se aprofundava no trabalho, percebia que aqueles ditos espíritos não eram nada comuns, e a grandeza das idéias e palavras não decorria simplesmente por suas condições de desencarnados, mas pelo grau de adiantamento – numa perspectiva evolucionista –, categoria fundamental em sua Doutrina, assim como no pensamento social daquele século.⁷⁵

O escopo essencial do pensamento *kardequiano* foi apresentado n’ “O Livro dos Espíritos”, tendo Deus como a causa primeira e permanente e a preponderância da existência

⁷² Em que pese o racionalismo da época, a terra natal de Kardec, Lyon, era permeada por uma aura mística. Fundada em 43 a.C, *Lugdunum*, foi colônia romana e capital gaulesa, região ocupada pelos celtas. O imperador romano Júlio César teria dito: “Em toda a Gália, são tidos em conta e estima os cavaleiros e os druidas. Estes entendem de coisas sagradas, cuidam dos sacrifícios públicos e particulares; explicam as doutrinas e os cerimoniais da religião. Acreditam que as almas não perecem e passam, depois da morte, de uns para outros corpos, e com isso julgam incitar-se principalmente ao valor, desprezando o medo da morte”. (In: **Revista das Religiões – o mundo da fé.**, op.cit. p.19).

⁷³ N’ **O Livro dos Médiuns** (Op.cit., pp.164-6) explica Kardec: “...consiste em adaptar na cesta uma haste de madeira, inclinada, fazendo sair de dez a quinze centímetros de um lado, na posição do mastro da proa de um navio. Por um buraco feito na extremidade dessa haste ou bico, se faz passar um lápis bastante longo para que a ponta repouse sobre o papel. O médium, tendo os dedos sobre as bordas da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve...”

⁷⁴ **Grandes Líderes da História – Allan Kardec.** Op.cit. , pp.4-5.

⁷⁵ O conceito aparece em obras de autores díspares entre si, como Spencer; o filósofo do positivismo Augusto Comte; o pedagogo e fundador da sociologia Emile Durkeim; o naturalista inglês Charles Darwin; entre outros.

espiritual.⁷⁶ Na primeira edição, contava com 176 páginas e continha 501 perguntas dirigidas aos espíritos com as respectivas respostas. A Segunda edição, que superaria todas as expectativas, veio em 1860. Reformulada e ampliada, contava com 1018 indagações, sendo dividida em quatro partes: “As causas Primeiras”, com 75 perguntas versando sobre Deus, o universo, a criação e o espírito vital; o “Mundo Espírita ou dos Espíritos”, em que se analisam a existência dos espíritos, a encarnação e a pluralidade das existências, assim como a intervenção dos espíritos no mundo corporal; as “Leis Morais”, discutindo, entre outros, noções como as leis do trabalho, da reprodução, da sociedade, do progresso e da liberdade; e, por último, “Esperanças e Consolações”, pontuando as penas e gozos terrestres e as penas e gozos futuros.⁷⁷

Em quatro meses, essa nova tiragem já estava esgotada, sendo conhecida em toda a Europa e também nos Estados Unidos.

Kardec e sua esposa, Amélie Gabrielle, nunca tiveram filhos. Juntos, fundaram, em abril de 1858, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e as primeiras reuniões eram realizadas na residência do casal, na rue des Martyrs. Contudo, com o número crescente de frequentadores, foi necessário alugar um local mais amplo. O codificador dava palestras pela França e ainda se correspondia com pessoas de todo o mundo, além de dirigir a já mencionada “Revue Spirite”, em que foi acrescido o subtítulo “Journal d’Études Psychologiques” – uma defesa do caráter científico do espiritismo, como um estudo da alma humana e suas perspectivas variadas.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (posteriormente, chamada “Sociedade Espírita de Paris” ou simplesmente “Sociedade de Paris”) era um grupo restrito, e a admissão de membros não era facilitada – havia uma preocupação em afastar eventuais curiosos. Contava com um presidente, um vice, secretário geral, secretários adjuntos e

⁷⁶ SILVA, Eliane Moura. Op.cit. p.10.

⁷⁷ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Op.cit., passim.

tesoureiro. Cabia aos sócios titulares e livres pagarem uma cota anual para as despesas. Haviam, ainda, dois tipos de reunião, uma administrativa e outra com a presença de assistentes convidados ou ouvintes previamente instruídos e disciplinados.

Em vários momentos, Allan Kardec quis renunciar ao cargo de presidente para dedicar-se a outros projetos, mas era sempre reeleito por unanimidade. Segundo as crenças do movimento espírita, teria, além dele, um “presidente espiritual” da casa, São Luís, a quem Kardec pedia freqüentemente conselhos e auxílio.

No início da década de 1860, o “Espírito da Verdade” já teria comunicado a Kardec que ele não teria muito tempo mais de vida, mas o suficiente para terminar a obra. Seu “canto do cisne” ocorreu em 1869. Quando se preparava para uma mudança da livraria onde morava para uma residência à Avenue et Villa Ségur 39, adquirida anos antes, sofreu um aneurisma enquanto encaixotava os livros e recebia a visita de um caixeiro da loja. Enterrado numa cerimônia simples num cortejo de mais de mil pessoas, foi erguido, em sua memória e homenagem à vida passada e ao nome que o tornaria imortalizado, um sepulcro celta nos moldes daqueles dos druidas que habitaram a Bretanha e a França milenar.

Como desenvolvido nos itens anteriores, Allan Kardec construiu um legado no terreno da educação na França, ainda que essa seja sua face menos conhecida no Brasil, militando em prol de uma educação ampla e popular, uma aspecto tangente no século XIX. E o conjunto de sua obra no campo filosófico na constituição da doutrina espírita é permeado de elementos educacionais e estruturado de forma pedagógica.

Por fim, arrematando a unidade, vale registrar, também, uma contradição dos pesquisadores de Rivail. Para muitos biógrafos, ele teria se formado em direito, seguindo a tradição familiar da magistratura. Não existe nenhum documento ou declaração do próprio Kardec sobre tal caminho – e o manancial de escritos seus é imenso. Outros estudiosos supõem que ele teria sido médico, dados os conhecimentos de anatomia. Segundo Zêus Wantuil, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira e o mais importante biógrafo de Allan Kardec no

país – publicou uma obra em três volumes bem documentados sobre a vida do codificador à qual nos reportamos sobre o assunto –, não apareceu ainda documento que ao menos indique que Rivail freqüentara como ouvinte algum curso de medicina, também não existe referência sua sobre o assunto, e em nenhum momento assinara livro ou artigo antecedido de ‘doutor’.⁷⁸

É como se a condição de homem das leis ou médico doutor agregasse maior valor à sua intelectualidade ou legitimasse as suas proposições doutrinárias, numa diminuição, por certo, das investiduras pedagógicas. Entretanto Hippolyte-Léon Denizard Rivail, ou Allan Kardec, foi, por excelência, educador, *Disciple de Pestalozzi*.

⁷⁸ WANTUIL, Zêus, THIESEN, Francisco, Op.cit., pp.157-160.

3 – Filosofia da pedagogia espírita – os precursores

Em linhas gerais, a *modernidade* é um produto do ocidente-cristão nascido com a própria afirmação do capitalismo mercantil, no século XV, que superou o chamado feudalismo, alicerçado em bases teocêntricas – em desintegração desde o século XIII.

No percurso moderno, enriquecido com contribuições de pensadores ímpares como – apenas citando alguns - Galileu Galilei (1564/1642) e a teoria heliocêntrica; Francis Bacon (1561/1626) e o método experimental; René Descartes (1596/1650) e o racionalismo, fundamento do novo saber científico; Immanuel Kant (1724/1804), pai do criticismo; Montesquieu (1689/1755) teórico da divisão dos poderes, e Rousseau (1712/1778) com a noção de governo da maioria, iluministas franceses cujas reflexões constituem as bases da política e do direito contemporâneo.

Pensar a educação enquanto um projeto político-social amplo, secularizado, articulado em torno da escola e organizado pelo Estado, constitui alguns dos pressupostos mais relevantes da modernidade e mesmo da evolução do capitalismo.

Sintetizando os pilares que assentam as sociedades *modernas* e suas principais características, a razão adquire uma confiança ilimitada, o homem se torna capaz de estender seu domínio à natureza em proveito da evolução da sociedade. A lógica de utilização do racionalismo garantiria um futuro mais próspero, assentado no progresso da humanidade.

Difundido pelo positivismo do século XIX, esse conceito e alicerce caro, o *progresso* – estampado, inclusive, na bandeira do Brasil por influência direta daquela escola francesa -, tem suas origens no Iluminismo do século anterior; autores como Kant, Turgot e Condorcet, secularizam e materializam uma crença inscrita mesmo no cristianismo e suas promessas de um mundo melhor do *além eterno*.

Em suma, *modernidade* significa uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, caracterizada por um interminável processo de rupturas e

fragmentações internas inerentes e baseada no novo.⁷⁹ A salvação humana não viria por uma graça divina, mas pela própria capacidade racional do homem em superar suas barreiras sociais – a união entre razão e liberdade.

Nesse percurso da construção da cultura ocidental e nas elaborações de um projeto de educação, Comenius, Rousseau e Pestalozzi, os focos de nossa análise, são emblemáticos na efetivação de um pensamento pedagógico moderno.

Em tese de doutoramento em filosofia da educação junto à USP, Dora Incontri demonstrou os nexos que perpassam esses autores, em linhas de teoria e ação: o Cristianismo e a visão otimista do ser humano; liberdade, alusão à dispensa de estruturas rígidas de poder; e a esperança e construção de um mundo melhor. Vinculados como “sub-produtos” desses grandes princípios, surgem outras como a crítica ou limitação da propriedade; a não-violência como negação de todo poder coercitivo exercido sobre outro ser humano; e, finalmente, a educação como instrumento amoroso para o despertar das potencialidade da alma.⁸⁰

Incontri enfatiza que...

Essa argumentação vem a propósito para introduzir os três pedagogos cristãos... Comenius, Rousseau e Pestalozzi. Os três só podem ser compreendidos numa linha de Cristianismo não-ortodoxo. Mas suas idéias filosóficas e pedagógicas se sustentam firmemente em valores e conceitos cristãos.⁸¹

Nos próximos tópicos, abordamos em linhas gerais os delineamentos históricos e filosóficos desses célebres intelectuais que embasam a organização contemporânea da educação e contribuíram, sobremaneira, tanto para a formação intelectual de Allan Kardec, quanto para a sistematização de uma abordagem pedagógica espírita.

⁷⁹ HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

⁸⁰ INCONTRI, Dora. **A Pedagogia Espírita** – um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Comenius, 2004, p.123.

⁸¹ Id.Ibdem., p.123.

3.1 – Johann Amos Comenius

Nascido no seio de uma família protestante seguidora da “União dos Irmãos Morávios”, comunidade inspirada em John Huss (1369-1415), antigo reitor da célebre Universidade de Praga e precursor da reforma, queimado pela fogueira mediante a acusação de heresia, Johann Amos comenius (1592-1670) tem seu nome inscrito com raro destaque, tanto na história da pedagogia, quanto na história das idéias sociais, sobretudo, no que tange à aproximação e a afinidade com as causas populares.

Das cinzas da Inquisição medieval ao despertar da modernidade ocidental, de Jan Huss a Comenius, dois baluartes da consciência nacional checa, a velha Europa, berço do capitalismo, experimentava profundas mudanças estruturais naqueles séculos XV ao XVII. Da negação do teocentrismo e dos Valores da Idade Média à afirmação das mentalidades burguesas acentuadas pelo Renascimento e pelo Humanismo; do poder quase ilimitado do papado à Reforma protestante desencadeada por Martinho Lutero que provocaria a quebra do monopólio da fé cristã conduzida pelo catolicismo; a chamada *modernidade* ocidental fincou seus alicerces através de transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas.

Concomitante a esse desenvolvimento, a educação, tema caro ao projeto modernista, apresentava novas configurações com a necessidade de formação do filho do burguês, destinado ao comércio continental e ultramarítimo; do ensino baseado nos valores eclesiásticos do período anterior, os projetos e as experiências educacionais tendiam para a laicização e a secularização do saber. Todavia, tais propósitos eram excludentes, à medida que ignoravam a formação das massas populares e focalizavam o homem do mundo dos negócios mercantis.

Uma das exceções naquele panorama, foi a Reforma, cujos pilares fundamentais são justamente o contato divino direto pelo fiel e a livre interpretação da Bíblia. Lutero (1463-1546), que em certa ocasião dissera “... somos todos hussitas”, em alusão ao mártir checo, e Melanchthon (1497-1560), militaram na Alemanha em defesa da expansão do ensino primário,

cabendo inclusive ao Estado a implementação dessa tarefa.⁸² Na empreitada luterana havia, inegavelmente, interesses de expansão e consolidação de valores religiosos.

Por outro lado, numa época de configuração dos valores burgueses e comerciais, foi Comenius, por excelência, o precursor de um projeto de escola realmente popular, democrático, laico e, sem redundância, para todos de fato:⁸³

... devem ser confiados à escola não só os filhos dos ricos ou das pessoas mais importantes, mas todos em igualdade, de estirpe nobre ou comum, ricos e pobres, meninos e meninas, em todas as cidades, aldeias, povoados, vilarejos.

Refletindo sobre possíveis críticas ou questionamentos quanto às conseqüências da expansão da oferta do ensino a operários, camponeses e jovens mulheres, o pensador argumentou:⁸⁴

Acontecerá que, instruída com meios apropriados essa educação universal da juventude, a ninguém faltará matéria para refletir, para propor-se a perseguir fins, e para agir. Cada um saberá para onde dirigir todas as ações e os desejos da vida, que caminhos trilhar e como conservar o seu próprio lugar.

A espinha dorsal da articulação da pedagogia comeniana é o ideal da transformação social pela educação, propondo ensinar tudo a todos. Ele classificou sua doutrina como *pansofia*, ou, saber universal. Acreditando na essência humana, originalmente boa, e em seu resgate, elevando o mundo à condição de paraíso.

A alma para ele seria composta por três faculdades – correspondentes à Trindade incriada: intelecto, vontade e memória. O intelecto aplica-se à observação da diversidade dos objetos, até as pequenas minúcias; a vontade associa-se à opção, às escolhas das coisas salutares e à repulsa às nocivas; e, finalmente, a memória retém para o uso futuro as questões antes ocupadas pelo intelecto e a vontade, recordando à alma a sua dependência de Deus e suas

⁸² CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, Editora UNESP, 1999, pp.246-9.

⁸³ COMENIUS. **Didática magna**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.89.

⁸⁴ Id.Ib., pp.92-3.

missões – aspecto esse também chamado de consciência. A fim de que essas faculdades possam cumprir bem a sua tarefa, Comenius sustentou que é necessário...⁸⁵

(...) instruí-las nas coisas que iluminam o intelecto, dirigem a vontade, estimulam a consciência: para que o intelecto conheça com agudeza, a vontade escolha sem erros e a consciência anseie por consagrar tudo a Deus. Portanto, assim como essas faculdades (intelecto, vontade, consciência), por constituírem uma só alma, não podem ser separadas, também os três ornamentos da alma (instrução, virtude e piedade) não devem ser separados.

Em *Pampaedia*⁸⁶, Johann Comenius compara os vícios do homem à doenças da alma, esta dirigida pela razão. Portanto, a superação dos vícios é gerada pela alma, e que somente da Virtude emana o verdadeiro bem:

O plantio da Virtude se dá: 1. pelo esclarecimento da inteligência, para que aprenda a diferenciar as coisas e saiba o que é verdadeiro e o que não é, o que é honesto, útil de agradável. Isso se faz pelo ensino. 2. Pelo desejo dos jovens, que deve ser inclinado para o melhor, encontrando gosto em tudo o que traz alegria e não amargura. (...) 3. Pelo exercício da própria virtude. O homem pode ser facilmente formado para a Virtude, se sua vontade for atraída pela natureza do Bem.

A pedagogia comeniana efetivou a divisão da escola em quatro etapas, segundo a idade e o aproveitamento, abarcando a vida do jovem da infância à virilidade, do nascimento aos vinte e quatro anos. Cada período dura seis anos e tem sua escola específica, onde o educando recebe o ensino que tem condição de aprender. As quatro *scholae* são:

1) para a infância, a escola maternal (*schola materna*), a mais importante, a que prepara o terreno da inteligência – “Os ramos principais de uma árvore, por mais numerosos que sejam, despontam do tronco logo nos primeiros anos; depois disso apenas crescem. Do mesmo modo, tudo aquilo em que o homem deve ser instruído, e que lhe será útil durante toda a vida, deverá ser plantado e semeado durante a idade materna...”;⁸⁷

⁸⁵ Id. ib., p.96.

⁸⁶ COMENIUS. *Pampaedia* [trechos traduzidos do latim e do alemão]. In: COVELLO, Sérgio Carlos. **Comenius – A construção da pedagogia**. 3.ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 1999, pp.137-144.

⁸⁷ COMENIUS. **Didática Magna**. Op.cit., p.325.

2) para a meninice, dos seis aos doze anos, a escola nacional ou vernácula (*schola vernacula*). Organizada em seis classes é, além de pública e voltada para os jovens de ambos os sexos, essa escola objetiva o aprendizado que terá utilidade para toda a vida. Além da leitura e da escrita, os jovens devem aprender a Matemática de uso cotidiano, o Canto, o Catecismo, as regras de doutrina moral, noções de economia familiar e de política, bases gerais de História e Cosmografia e artes mecânicas;⁸⁸

3) a escola latina (*schola latina*) ou ginásio para a adolescência, com o currículo dividido em seis classes, cuja missão é de “... esgotar toda a enciclopédia das artes, com o conhecimento de quatro línguas”⁸⁹ - que seriam o vernácula, o latim, o grego e o hebraico. Com boa instrução e orientação, os jovens estariam aptos a se tornarem, de acordo com Comenius, Gramáticos, Dialéticos, Retóricos ou Oradores, Aritméticos, Músicos ou Astrônomos – as chamadas como sete artes liberais, cujo ensino seria exigido do professor de Filosofia; e também os alunos podem tornar-se Físicos, Geógrafos, Cronologistas – alusão ao conhecimento dos períodos da terra -, Historiadores, Éticos ou Teólogos;

4) e a academia (*academia et peregrinationes*) para a juventude, o coroamento da educação, “... o arremate de todas as ciências e de todas as faculdades superiores”⁹⁰. Essa escola universitária, voltada para os alunos mais capazes, visa a sólida erudição, a efetivação de estudos universais, congregando sapiência, virtude e fé. Comenius recomendou, ainda, viagens e excursões às quais o estudante entraria em contato com pessoas e instituições de vários recantos.

Um de seus desejos expressos é que o acesso aos cargos públicos fosse reservado apenas aos que tivessem atingido a essa meta estabelecida, com dignidade e capacidade de ter nas mãos o governo das coisas humanas.

⁸⁸ Id.Ibdem., pp.333-337.

⁸⁹ Id.Ibdem., p.343.

⁹⁰ Id.Ibdem., p.353.

Diversos elementos do cotidiano educacional contemporâneo têm suas raízes nas proposições do pensador checo. Numa época em que o ensino ocorria individualmente, Comenius propunha a instrução simultânea, com um professor ensinando a vários alunos, numa analogia com o sol que não ilumina um objeto isolado, mas toda a terra. Em relação aos livros, recomendava um só livro de ensino de cada matéria, com linguagem simples e de fácil consulta. Para o ensino das ciências, defendia o contato direto do aluno com o objeto da pesquisa, permitindo a percepção de suas especificidades. Somente na impossibilidade disso é que o professor deve recorrer a modelos artificiais, como desenhos ou mapas.⁹¹

De acordo com Comenius, ensinar significa ir do simples para o complexo, do simples para o desconhecido, do próximo para o remoto, do concreto para o abstrato. E tudo o que é ensinado ao aluno deve ser justificado com argumentos.

Compayre classificou Comenius como “o Bacon da pedagogia”, e Michelet lhe chamou de “o Galileu da educação”.⁹² Em sua *Didática Magna*, o protestante Jan Comenius consubstanciou os alicerces da sistematização da moderna pedagogia: a instituição da escola maternal, a organização de uma escola elementar pública e obrigatória, a organização dos livros escolares especializados e ilustrados, a formação moral da juventude, o método concreto das lições das coisas, a educação física e a aplicação das regras de higiene, a educação dos deficientes, a decoração das escolas.⁹³

Seu ideal professado de entendimento entre os povos e a educação ampla para todos, passados três séculos, continuam vivas e atuais. Comenius faleceu aos 78 anos, em 15 de novembro de 1670. Com um legado difundido e reconhecido, a UNESCO estabeleceu o ano de 1992, quarto centenário de seu nascimento, o Ano de Comenius.

⁹¹ COVELLO, Sérgio. **Comenius** – A construção da pedagogia. 3.ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 1999, pp.59-60.

⁹² CHÂTEAU, Jean. **Os Grandes Pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.131.

⁹³ Id.Ibdem., p.131; COMENIUS. Op.cit., passim.

3.2 – Jean-Jacques Rousseau

Muitas vezes, equivocadamente, as proposições de Allan Kardec são vinculadas ao positivismo, alusão ao caráter racional impresso pelo pedagogo aposentado ao estudo da religião, comparativo pretense ao *cientificismo* esboçado pela linha de pensamento do também francês Augusto Comte.

Todavia, assim como a já discutida noção de *progresso*, a preponderância da razão tem suas raízes vinculadas aos mil e setecentos. Numa obra clássica da literatura espírita, “A Caminho da Luz”,⁹⁴ o espírito de Emmanuel através da psicografia de Chico Xavier ressalta a especialidade do Século das Luzes para o desenvolvimento da ciência:

O século XVIII iniciou-se entre lutas igualmente renovadoras, mas elevados Espíritos da Filosofia e da Ciência, reencarnados particularmente na França, iam combater os erros da sociedade e da política, fazendo soçobrar os princípios do direito divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades. Vamos encontrar nessa plêiade de reformadores os vultos veneráveis de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, D’Alembert, Diderot, Quesnay. Suas lições generosas repercutem na América do Norte, como em todo o mundo. Entre cintilações do sentimento e do gênio, foram eles os instrumentos ativos do mundo espiritual, para regeneração das coletividades terrestres.

No campo da Educação, o século XVIII, a rigor, completou o processo de laicização que foi emblemático do mundo moderno, a emancipação de uma concepção de mundo dominado pelo modelo religioso – a Igreja –, e a independência cada vez mais explícita dos poderes supranacionais por parte de povos e Estados. Como efeito desses processos, e com a ampla difusão dos livros, ocorreu a expansão da alfabetização e o amadurecimento de um novo tipo de intelectual, desvinculado do poder religioso e político, caracterizado por mais autonomia e um papel social mais incisivo e libertário.⁹⁵

Nas formulações teóricas dos filósofos Iluministas, a educação surgiu como um importante elemento de reflexão, ao mesmo tempo em que era propagada como bandeira pelo

⁹⁴ XAVIER, Francisco Cândido [psicografia de EMMANUEL]. **A Caminho da Luz**. 32.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

⁹⁵ CAMBI, Franco. Op.cit., pp.323-4.

projeto político burguês. Citando um exemplo clássico, o inglês John Locke, precursor do Iluminismo e do liberalismo, teve também destaque e contribuição no campo da moderna pedagogia.

Preceptor do filho do Lord Ashley – conde de Shaftesbury – Locke elaborou uma teoria pedagógica que pode ser entendida como a proposta burguesa de educação. Suas concepções acerca da mente infantil foram pioneiras e, para ele, é fundamental o papel que o mestre exerce no sentido de propiciar o uso correto da razão. Suas principais contribuições para o pensamento educacional é que o entendimento fica na base de tudo; pensar e entender bem são o essencial; a formação educacional conduz ao bem refletir, ao bom raciocínio. Ler não é acatar todas as verdades, e estudar não quer dizer mera retenção de memória ou um amontoado enciclopédico.

No que tange à educação popular, sustentava a criação das escolas voltadas para o trabalho e defendia o oferecimento de uma educação às classes dominantes superior e diferenciada àquela dada ao povo em geral. Ao mesmo tempo em que condenava os castigos corporais, defendia que as crianças se submetam à vontade do adulto e se tornem dóceis e obedientes.

A linha de pensamento do inglês John Locke e do genebrino radicado na França, Jean-Jacques Rousseau, tem suas similaridades. Entre outros aspectos, ambos se inscrevem na crítica ao Antigo Regime no bojo das grandes transformações que abalam a Europa entre os séculos XVII e XVIII; e o método de análise é o *contratualismo*, tendência dos filósofos que afirmaram que a origem da sociedade e do Estado está na efetivação de um *contrato* que estabeleceria as normas de um convívio social e subordinação política.⁹⁶

Porém, as proximidades mais relevantes ficam circunstanciadas nesses pontos. Efetivamente, Rousseau foi um dos pensadores mais originais e singulares daqueles anos mil e setecentos. O único pensador da Ilustração que não focalizou a propriedade privada como

⁹⁶ WEFORT, Francisco C (Org.). **Os Clássicos da política**. V.1. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.

direito inalienável, voltou-se contra as injustiças sociais da época e fundamentou a categoria da *vontade geral*, cerne da definição do corpo civil e da constituição da moderna democracia.⁹⁷

Por excelência, seu livro “Emílio, ou, da Educação”⁹⁸ (1762), é um clássico da literatura pedagógica, fundindo sua obra com a “Nova Heloísa” (1761) – texto que teorizava uma reforma da família a partir da ênfase no amor e na virtude⁹⁹ -, e o “Contrato Social” (também de 1762), trabalhos produzidos num espaço de quinze meses. A Política e a Pedagogia estão em conexão estreita no pensamento rousseauiano, uma é o pressuposto e o complemento da outra.

O aspecto central de “Emílio” é o romanceamento do crescimento de um jovem onde Rousseau constrói a aplicação de uma educação considerada ideal do homem natural – e não o homem cidadão corrompido pela sociedade. Afastado do convívio coletivo e acompanhado de um preceptor ideal, a educação deve ocorrer de modo “natural”, possibilitando um retorno às faculdades originais, afastado da escravidão, livre das convenções sociais e hábitos exteriores. Trata-se, dessa forma, na valorização das necessidades espontâneas da criança e do processo livre de crescimento.

O espírito dessas regras está em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo a subordinar seus desejos as suas forças, elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder.¹⁰⁰

Em que pese um aparente distanciamento, a complementaridade entre esse trabalho e o “Contrato Social” é a intervenção alternativa para a reforma ética e política da sociedade. “Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem”.¹⁰¹

⁹⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁹⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁹⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. A Nova Heloísa. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaios Pedagógicos**. Trad. Priscila Grigoletto Nacarato. Bragança Paulista: Comenius, 2004.

¹⁰⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação** Op.cit., p.47.

¹⁰¹ Id.Ibdem., p.15.

No princípio de “Emílio”, Rousseau já focaliza sua preocupação intelectual: “... Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana”. Sua pedagogia remete à integração do homem à sociedade moral e os objetivos propostos da educação são inseparáveis da filosofia, da política e da religião.

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação.¹⁰²

O filósofo genebrino operou uma chamada “revolução copernicana” na pedagogia – analogia com o estudioso polonês Nicolau Copérnico que inverteu o centro de nosso sistema astronômico - ao ressaltar a criança como centro de sua teorização, com suas especificidades essenciais.

(...) a educação começa com a vida, ao nascer, a criança já é discípulo, não do governante e sim da natureza... Nascemos capazes de aprender, mas não sabendo nada, não conhecendo nada. A alma, acorrentada a seus órgãos imperfeitos e semiformados, não tem sequer o sentimento da própria existência.¹⁰³

O historiador da educação Franco Cambi, destacou as três contribuições mais decisivas de Rousseau à pedagogia:¹⁰⁴ 1. a descoberta da infância como idade autônoma dotada de características específicas; 2. o elo entre motivação e aprendizado colocado no centro da formação intelectual do Emílio e que exige a premissa de que no ensino de qualquer noção é necessário a referência precisa à sua experiência concreta; e 3. a atenção do educador quanto o equilíbrio entre liberdade e autoridade, no cuidado para que a aprendizagem “natural” não signifique mero espontaneísmo da criança.

Esse suíço de origem humilde, nascido em 1712, um dos quinze filhos de um relojoeiro, Rousseau enfrentou um caminho tortuoso, ingressando no mundo das letras dominado, em sua

¹⁰² Id.Ibdem., p.9.

¹⁰³ Id.Ibdem., p.44.

¹⁰⁴ CAMBI, Franco. Op.cit., p.346-7.

maioria, por intelectuais como Voltaire, oriundo de abastada família burguesa. Entretanto, mesmo com condição social inferior e avesso às cortes, marcou seu tempo,

Concebo na espécie humana duas formas de desigualdade: uma a que chamarei natural ou física, por que é estabelecida pela natureza e que consiste na diferença de idade, de saúde, de força corporal e de qualidades do espírito ou da alma, outra que se pode chamar desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e porque é estabelecida, ou pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos privilégios de que gozam alguns em prejuízo dos outros, como o ser-se mais rico, mais honrado, mais poderoso que os outros, ou mesmo o fazer-se obedecer por eles.¹⁰⁵

O alcance de “Emílio”, embasado na proposta do modelo da educação libertária e natural, remete para a constituição do *cidadão*, homem ativo e soberano capaz de almejar a liberdade. Por outro lado, é também súdito, na medida em que se submete às leis que ele mesmo contribuiu para a constituição.

3.3 – Johann Heinrich Pestalozzi

26 de Agosto de 1792. Exatamente três anos depois da promulgação pela Assembléia Constituinte da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, redigida a partir de premissas Iluministas em sua face mais popular e abrangente – as convicções de Jean-Jacques Rousseau, o suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) recebia, numa Paris repleta de estampas da nova bandeira tricolor, síntese simbólica dos ideais revolucionários de ‘liberdade, igualdade e fraternidade’, o título de cidadão francês.

No mesmo ano, era redigido pelo deputado Condorcet, um “Plano de Instrução Pública”, que buscava estender a todos os cidadãos o ensino público e gratuito, assim como um saber técnico necessário à profissionalização. O projeto não foi aprovado. No ano seguinte, num governo mais engajado como os setores populares, Lepelletier elaborou um “Plano

¹⁰⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976, p.15.

Nacional de Educação”, encomendado por Robespierre, afinado com o caráter social que a Revolução se propunha com os jacobinos.

Eram tempos de ebulição, e se na época de Comenius e da expansão ultramarítima a *modernidade* fincava seus alicerces, o mundo de Pestalozzi assistia à consolidação plena desse projeto.

Esse espírito da “revolução cultural” entoado pelas vozes mais contestadoras do Iluminismo, como Rousseau ou Kant, assim como o ímpeto revolucionário da Revolução Francesa, articulada à noção de liberdade, consubstanciou uma tendência contra a razão setecentista e sua centralização ao indivíduo. Esse novo contexto cultural, que abarcava terrenos distintos, como a literatura, a filosofia, a arte, a historiografia, a música, entre outros campos, foi qualificada como “romântica”.¹⁰⁶ No bojo desse sentimentalismo que remetia suas raízes à Europa medieval cristã, eram entoadas críticas aos aspectos periféricos da modernização (como o tecnicismo, a massificação e a exclusão).

Na esfera pedagógica, Johann Heinrich Pestalozzi foi o grande mestre da pedagogia romântica, revivendo as lutas travadas pelo ensino – os sonhos, os projetos, a militância – e reativando uma noção espiritual da educação, animada pelo *amor*.

Ainda que pouco estudado e difundido no Brasil, Pestalozzi é o educador e filósofo da educação mais discutido no mundo. Quando da ocasião do primeiro centenário da morte desse gênio suíço, Édouard Claparède contou pacientemente o número de linhas e páginas dedicadas a catorze pedagogistas modernos, em três enciclopédias pedagógicas (Buisson, Rein e Monroe) e de quatro histórias gerais da pedagogia, editadas entre 1910 e 1920. Nesse estudo de Claparède, o nome de Pestalozzi era, de longe, o primeiro em citação, o dobro de Rousseau que o seguia posteriormente.¹⁰⁷

¹⁰⁶ CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Op.cit., p.416.

¹⁰⁷ CHÂTEAU, Jean. **Os Grandes Pedagogistas**. Op.cit., pp.209-10.

Suíço-alemão nascido em Zürich, Pestalozzi ficou notabilizado pela sua atuação como educador, diretor e fundador de escolas, principalmente para crianças pobres. Estudioso de Rousseau e Basedow, fundou, em 1774, em Neuhof, um educandário onde acolheu órfãos, mendigos e pequenos ladrões, tentando recuperá-los, numa avançada concepção que aliava a formação geral e profissional, recorrendo a trabalhos de fiação e tecelagem.¹⁰⁸ Por dificuldades financeiras, a empreitada não durou mais que cinco anos.

Entre 1780, o fim da experiência de Neuhof, até 1798, quando eclodiu a Revolução Suíça e tornou-se redator do jornal “Folha popular helvética”, Pestalozzi escreveu e publicou importantes obras literárias e pedagógicas, como “Crepúsculo de um eremita”, “Leonardo e Gertrudes” e “Minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana”.

Em 1798, dirigiu também um instituto para órfãos em Stans, articulado como uma família e destinado a educar intelectual e moralmente os rapazes afiliados. Aqui, Pestalozzi desenvolve os princípios fundamentais de seu ensino, o *método intuitivo* e o *ensino mútuo*.¹⁰⁹

A experiência de Stans foi interrompida, assim como a escola e seminário de professores, aberto em 1799, no castelo de Burgdorf, foi fechado em 1804. Entretanto, foi em Yverdon, no cantão de Vaud, que Pestalozzi organizou seu método educativo na forma mais completa, com o instituto internacionalizando-se, aglutinando visitantes expressivos, como Fröebel, Madame de Stäel e Hipolyte-Léon Denizard Rivail.

A premissa fundamental de seu pensamento é a existência de uma natureza, uma essência humana, independente da categoria social ou de circunstâncias externas.¹¹⁰ Na trilha do contratualismo de Rousseau, a idéia de uma essência humana que almeja a realização da felicidade possível, permeada pela paz interior que todos anseiam.

¹⁰⁸ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989, p.184.

¹⁰⁹ CAMBI, Franco. *Op.cit.*, p.417.

¹¹⁰ INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipioni, 1997, pp.33-4.

Sistematizando o pensamento pedagógico de Pestalozzi, o historiador Franco Cambi aponta três teorias: 1. a idéia da educação como processo que deve seguir a natureza; sendo a bondade inerente, o homem deve ser acompanhado em seu desenvolvimento de modo a liberar suas faculdades morais e intelectuais; 2. a da formação espiritual do homem como unidade de “coração”, “mente” e “mão” (ou “arte”), que deve ser desenvolvido por meio da educação moral, intelectual e profissional, estreitamente ligadas entre si; e 3. a da instrução, segundo a qual, no ensino, é necessário sempre partir da intuição, do contato direto com as diversas experiências que cada aluno deve concretamente efetivar em seu próprio meio.

Em “Carta sobre educação infantil”, Pestalozzi ressalta sua crença no ser humano e a pureza contida nas crianças:¹¹¹

Em minha última carta expus minha sincera convicção de que na criança se dá uma disposição que, com a ajuda divina, pode capacitá-la a cumprir - e não com o objetivo de distinguir-se com isso entre as demais pessoas - o máximo mandamento de seu Criador, isto é: caminhar sob a luz da fé, com o coração pleno daquela caridade sobre a qual está escrito que ‘tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará’ (I Coríntios, 13,7-8). A esta disposição, tal como se manifesta no primeiro estágio da vida humana, eu a tenho chamado de capacidade de amor e de fé.

A educação verdadeira, para o educador suíço-alemão, é a educação segundo a natureza, que conduz por sua essência a aspiração à perfeição, à realização das faculdades humanas.

Ainda nessa obra dedicada à educação infantil, Pestalozzi ressalta sua crença no papel da educação para a busca da felicidade:¹¹²

Se passamos a considerar o homem como ser individual, há que se afirmar que a educação deveria fazê-lo *feliz*. O sentimento de felicidade não nasce de circunstâncias externas; é um estado de alma caracterizado pela consciência de harmonia entre o mundo interior e o exterior. Impõe aos desejos os limites que lhes correspondem e assinala às faculdades do homem os objetivos mais elevados. Pois feliz o é aquele que é capaz de acomodar suas necessidades aos meios de que dispõe e de renunciar aos desejos pessoais e egoístas sem perder por isso sua alegria e sua paz (...).

¹¹¹ PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Carta sobre educación infantil**. Madri: Editorial Tecnos, 1988, p.26.

¹¹² PESTALOZZI, Johann Heinrich. Id.Ibdem., pp.131-2.

Escritor com vasta produção filosófica e literária, publicou, em 1801, “Como Gertrudes ensina a seus filhos”, uma de suas principais obras pedagógicas, organizada em forma de cartas. Nesses escritos, Pestalozzi focaliza o papel da mãe na vida da criança, enfatizando que o amor à humanidade é aprendido com o aconchego materno, que deposita em seu coração os germens do amor por todo o ser humano.¹¹³

No “Canto do cisne”, último desabafo do militante incansável pela educação popular, Pestalozzi.¹¹⁴

Meu caráter juvenil era, como já disse, sentimental, poderosamente afetado pela impressão dos acontecimentos de cada instante; e isto me levava a trabalhar com precipitação e irreflexão. Eu vim ao mundo unicamente desde as limitações do lugar de minha mãe e as limitações não menores da vida em minha escola; a vida real das pessoas eram, para mim, quase tão estranhas como se eu não vivesse no mundo em que vivia. Acreditava que todas as pessoas eram tão bondosas e confiáveis ao menos como eu mesmo; como o qual, naturalmente, desde meus ternos anos fui a vítima de todos aqueles que quiseram me fazer objeto de suas artimanhas.

Em 1651, o príncipe Georges Rakoczy, da Transilvânia, desejando reformar as escolas da Hungria, encomendou a Comenius um plano para aplicá-lo na escola de Patak, da qual lhe confiou a direção. Mas Jan Comenius esbarraria na resistência e no conservadorismo social. A rigor, depois dele, Basedow, Froebel, Pestalozzi, Hypollite-Léon, promotores de reformas pedagógicas seriam obstaculizados, colecionariam mais fracassos do que vitórias. Comenius atribuiu as barreiras para que alcançasse os êxitos, sobretudo, dos professores, que não “(...) tinham nem vontade bastante de aplicar os métodos novos, nem autoridade bastante para lutar contra a preguiça e indisciplina dos alunos”.¹¹⁵

Até em nossos dias, mesmo no Brasil, pensadores e ativistas como Eurípedes Barsanulfo ou Anália Franco, no território do espiritismo; Paulo Freire, Anísio Teixeira ou Darcy Ribeiro, na teorização e articulação de políticas educacionais de qualidade direcionadas

¹¹³ ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na “Era das Revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

¹¹⁴ PESTALOZZI. **El canto del cisne**. Barcelona: Laertes, S.A. de Ediciones, 2003, p.229.

¹¹⁵ CHÂTEAU, Jean. **Os Grandes Pedagogistas**. Op.cit., p.123.

aos pobres, entre muitos outros, esbarram quase sempre na incompreensão e no preconceito generalizado.

Como observou Comenius em Patak, as melhores reformas estarão fadadas ao fracasso se os professores não estiverem aptos e decididos a implementá-las.

CAPÍTULO II

APROPRIAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL

Na quinta-feira que precede o fim de um novenário que se encerra no segundo domingo após o Dia de Reis, dezenas de baianas, vestidas com o figurino típico das celebrações africanas do Candomblé, executam a lavagem com água de cheiro do adro da Igreja do Bonfim, no alto da Colina Sagrada. No dia seguinte, padres mais flexíveis costumam visitar os terreiros e tomar o descarrego, numa demonstração clara do respeito pela diversidade.

Na Bahia de todos os santos e deuses, meio que síntese do Brasil e da brasilidade, terra onde o etnólogo e fotógrafo francês Pierre Verger encantou-se com o sincretismo e a pluralidade, adotando o país como pátria, Iansã virou Santa Bárbara, Iemanjá converteu-se em Nossa Senhora e Xangô transformou-se em São Jerônimo e São Pedro.¹¹⁶

A festa do Bonfim é um dos inúmeros encontros da cultura popular brasileira que arrebatou multidões, numa combinação entre o sagrado e o profano, elementos do catolicismo com as crenças africanas. O Senhor do Bonfim é sincretizado com Oxalá e, como Verger

¹¹⁶ CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. [Verbete: Bonfim]. 10.ed. São Paulo: Global, 2001, pp.75-6.

pontuou, goza de um enorme prestígio e inspira fervorosa devoção entre os habitantes de todas as categorias sociais.¹¹⁷

A matriz africana da composição da brasilidade é, continuamente, vivificada no país. Na lenda dos Orixás, Omolu é filho de Nanã (a mais velha deusa das águas) e Oxalá (pai de todos os deuses); responsável por todas as doenças e possuindo o poder de curar ou fazer adoecer qualquer pessoa, é um dos orixás mais temidos pelos seguidores do Candomblé. No catolicismo, São Lázaro é um dos santos de maior devoção, sobretudo, entre os pobres, personificando todos os excluídos. Sua história é relatada numa parábola do Evangelho de São Lucas, pela qual pobre e doente, caído à porta de um rico insensível ao seu drama, viveu na solidão e no abandono. Após a morte, as posições se inverteram, e Lázaro entrou no reino dos céus.

Também na capital baiana, São Lázaro e Omolu são mesclados e reverenciados por possuírem o dom da cura e, no último domingo de janeiro, milhares de seguidores do Candomblé e do catolicismo saem em procissão homenageando o santo / orixá. Enquanto os fiéis lotam a igreja, seja à espera de cura para alguma doença, ou, simplesmente, aguardando a hora de agradecimento de uma graça alcançada, outros, do lado de fora, banham-se com pipoca num ritual de purificação do corpo.

Num mundo marcado por conflitos interétnicos e intolerância das mais diversas, o Brasil é um país ímpar, plural, com variadas faces e nuances, e o brasileiro, com uma grande diversidade étnica e cultural, incorpora e absorve elementos de suas diferentes raízes, bem traduzido simbolicamente nas páginas de “Macunaíma”¹¹⁸ e do manifesto antropofágico dos modernistas de 1922.

Contava Darcy Ribeiro, um “pajé da brasilidade”¹¹⁹, com seu entusiasmo peculiar, que, em dada ocasião, um padre jesuíta catequizou e converteu os indígenas de uma tribo,

¹¹⁷ VERGER, Pierre. **Orixás, Deuses, Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1997, p.259.

¹¹⁸ ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

¹¹⁹ Tomamos aqui emprestado o título de uma entrevista de Darcy a um jornal: GONÇALVES, Marcos Antônio. O Pajé da brasilidade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 5/2/1995. Revista da Folha.

obtendo a promessa de que os rituais pagãos seriam abandonados. Tempos depois, o clérigo da Companhia de Jesus ali retornou e observou com frustração que os índios insistiam em suas crenças primitivas. - “Calma, seu padre, vamos explicar”, redarguiu o líder: “O Deus do senhor é forte. Os nossos também. Pense com a gente, juntando a força do seu Deus, com os que nos protegem, que são fortes, vamos ficar mais fortes ainda e mais protegidos!”¹²⁰

Decerto, esse caso é um indicativo seguro da resistência cultural do nativo; e as matas do Brasil, ao longo do percurso histórico, encerram milhares de casos, sendo poucos os conhecidos, a maioria encobertos pelo véu do tempo, assim como as muitas histórias das fazendas canavieiras e as senzalas das épocas áureas do açúcar, com os milhões de africanos aqui desembarcados, forjando a alma do brasileiro e a permanência das raízes.

O espiritismo de Allan Kardec é constituído por um sistema complexo de pensamento que funde filosofia, ciência e religião. É indubitável, também, que, no Brasil, diferentemente da França, seu berço, o espiritismo enfatizasse mais sua face religiosa de moralização da conduta¹²¹ - e esses antecedentes históricos e culturais da formação do brasileiro contribuísem sobremaneira para esse fenômeno singular. Nos próximos itens, abarcando discussões da multiplicidade cultural nacional, delineamos a trajetória histórica do kardecismo no Brasil e alguns traços da religiosidade do brasileiro à luz do pensamento social brasileiro.

1 – Trajetória histórica do Espiritismo no Brasil

No campo do espiritualismo popular, ao largo do século XIX, manifestações supra-normais já compunham o imaginário religioso do brasileiro. Antes mesmo do caso das irmãs

¹²⁰ Nos idos de 1989, na campanha presidencial de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, que no início do governo Newton Cardoso (1987/1990) havia sido secretário extraordinário para a construção dos CIEP's em Minas, a famosa escola de tempo integral, projeto que não deslanchou, percorreu o Estado divulgando seu romance “Maíra”, então relacionado para o vestibular da UFMG, e os planos de Brizola para a educação. Na ocasião, como ativista do velho PDT, tive a oportunidade ímpar de acompanhá-lo em algumas palestras e presenciava o entusiasmo do antropólogo e educador desta e muitas histórias da brasilidade. Do velho pajé e do brizolismo, registro aqui em tempo, absorvi a crença na educação como o verdadeiro instrumento de afirmação do ser humano e do povo brasileiro [nota do autor].

¹²¹ HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry & GAARDER, Jostein. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp.290-1.

Fox nos Estados Unidos, já havia registros de reuniões espíritas no Brasil. Em 1967, o Anuário Espírita publicava um fac-símile de um documento procedente da Bahia, onde um juiz do Império, nos idos de 1845, relatava as providências tomadas ao ser informado que, num certo distrito, Mata de São João, eram rotineiras as “...reuniões noturnas em casa certa a pretexto de se ouvirem revelações das almas dos mortos que se fingem aparecer com número crescido de concorrentes...”.

Em tese de doutoramento na Unicamp sobre os espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais oitocentista, a professora Regina Horta descreve magias, apresentações de “espiritismo moderno”, manifestações mediúnicas imbricadas à cultura popular.¹²² Num evento registrado por um periódico de Ouro Preto em 1891, o “Jornal de Minas”, o artista anunciava que o espetáculo e a demonstração do sobrenatural interessaria “...aos homens de ciência e ao clero, pelas questões de física e psicologia”.¹²³

Nesse grande laboratório de mestiçagem biológica e cultural que amalgamou, no terreno religioso, o chamado sincretismo, o Brasil possuía mesmo como uma predisposição cultural a aceitação do espiritismo, enraizada em suas matrizes indígenas e africanas.

No campo do pensamento acerca da imortalidade da alma, destaca-se, também, o eminente político do Império, Marquês de Maricá, cujas reflexões e reuniões filosóficas valeram-lhe diversas prisões ainda no final do século XVIII. Numa de suas indagações, questionava “... De que nos serviria a outra vida se o nosso espírito não conservasse o cabedal de idéias e conhecimentos que adquiriu na primeira, se perdesse a memória da sua identidade individual e intelectual”,¹²⁴ numa clara alusão à reencarnação, postulação essa anterior a Kardec.

¹²² DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses** – Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais do Século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p.174.

¹²³ THEATRO. Jornal de Minas. Ano XIV, n.32. Ouro Preto: 14/02/1891, p.3. *apud* DUARTE, Regina Horta. *Ibidem.*, pp.174-5.

¹²⁴ MARICÁ, Marquês de. **Máximas, Pensamentos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1967.

O fenômeno europeu e estadunidense das mesas girantes chegou ao Brasil em meados de 1853, empolgando salões quase que simultaneamente na Corte do Rio de Janeiro, no Ceará, em Pernambuco e na Bahia.

Foi na capital Imperial que, em 1860, um francês ilustrado, o professor Casimir Lieutaud, diretor-fundador de um colégio onde ensinava a língua francesa e autor de uma gramática com 25 edições até 1957, “Tratado Completo da Conjugação dos Verbos Franceses, Regulares e Irregulares”, publicou a primeira obra de caráter espírita do Brasil, “Les temp sont arrivés” – literalmente, “os tempos chegaram”.¹²⁵ Posteriormente, em português, era publicada uma brochura de Kardec intitulada “O Espiritismo na sua mais simples expressão”, em 1862, com três edições sucessivas impressas em Paris no mesmo ano de lançamento da 1ª edição francesa, fato que chamou a atenção do teórico da doutrina.¹²⁶

E na Bahia, um filho de oficial do exército, Luís Olímpio Teles de Menezes, professor de instrução primária e de latim e também autor de teoria lingüística, a “Ortoépia da Língua Portuguesa”, fundou um grupo familiar de espiritismo, a primeira associação espírita do país, em 1865 e, no ano seguinte, traduziu e publicou em Salvador parte da obra de Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”.

Em julho de 1869, foi lançado, ainda por Teles de Menezes, o primeiro periódico espírita brasileiro, o “Eco d’Além Túmulo”, que trazia, em seu subtítulo, “Monitor do Espiritismo no Brasil”. No informativo, editado em pouco mais de um ano, eram divulgadas matérias locais e reproduzidas páginas e questões publicadas na *Revue Spirite* (Revista Espírita) – órgão francês de Allan Kardec – e em “O Livro dos Espíritos”.¹²⁷

No entanto, a trajetória do espiritismo no país é permeada por querelas com o clero católico. O arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, e também presidente do Instituto Histórico

¹²⁵ WANTUIL, Zêus (Org.). **Grandes Espíritas do Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002, p.564.

¹²⁶ Id.Ibdem., p.564.

¹²⁷ LACERDA FILHO, Licurgo S. de. **A mediunidade na história humana**: Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil. [volume 5]. Araguari: Minas Editora, 2005, pp.35-6.

da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, em 1867, circulou uma pastoral denunciando os “erros perniciosos do espiritismo”, visto como “essencialmente religioso, ou antes, (...) um atentado contra a religião católica”.¹²⁸ Teles de Menezes, membro do mesmo instituto, respondeu com uma carta aberta sustentado a “preexistência, reencarnação e manifestação dos espíritos”.¹²⁹

Quando os integrantes do grupo de Teles de Menezes intentaram a criação de uma “Sociedade Espírita Brasileira”, não obtiveram sucesso justamente pela influência do clero católico. Dois anos depois, em 1873, eles conseguiram fundar uma entidade representativa, a “Associação Espírita [sic] Brasileira”, enquadrada como organização com finalidade científica, para romper a resistência católica.¹³⁰

A segunda associação do espiritismo surgiu no Rio de Janeiro, o “Grupo Espírita Confúcio”, formado por três expoentes do movimento republicano, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio – político, jornalista e alto funcionário público -; Antônio da Silva Neto, engenheiro baiano -; e Joaquim Carlos Travassos – médico e industrial carioca.¹³¹

A sociedade, fundada em 1873, contava com normas de funcionamento e estatuto jurídico, aspecto pioneiro no país, e lançou uma tendência que se tornou tônica no movimento espírita – a assistência médica com tratamentos homeopáticos gratuitos, receitas atribuídas a influências mediúnicas e recebidas por Bittencourt Sampaio.

Assim, o espiritismo disseminava-se pelo Brasil, com a participação expressiva da classe média e camadas dominantes, e vários grupos sucederam-se, fosse pelo aumento dos adeptos ou disputas pelo controle interno. Chocavam-se os que pretendiam imprimir uma conotação científica aos estudos, com experimentos das manifestações controladas, com

¹²⁸ SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo, uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997, p.13.

¹²⁹ Id.Ibdem, p.13

¹³⁰ LACERDA FILHO, Licurgo S. de Op.cit., p.36.

¹³¹ WANTUIL, Zêus (Org.). Op.cit., passim.

aqueles que valorizavam sua dimensão religiosa, preocupando-se com orientações espirituais ligadas ao crescimento moral.¹³²

Foi a ênfase no aspecto religioso da obra de Kardec, de acordo com o prof.º Cândido Procópio Ferreira de Camargo, autor da obra clássica da sociologia nacional “Kardecismo e Umbanda”, que constituiu o traço distintivo do espiritismo brasileiro, “... e, talvez, a causa de seu sucesso entre nós”.¹³³

Nessa perspectiva, outras entidades iam surgindo. Uma importante dissidência do grupo Confúcio foi a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”, liderada por Bittencourt Sampaio. Outras cisões ocorrem; em 1877, foi constituída a “Congregação Espírita Anjo Ismael” e, em 1878, o “Grupo Espírita Caridade” – ambos orientados pelo assistencialismo e pela a prática da caridade, numa discordância às discussões científicas. A “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” prosseguiu suas atividades, apesar das dissensões, mas, em 1880, um grupo capitaneado pelo professor Afonso Torterole conseguiu mudar a denominação da instituição para “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”. Esta decisão provocou a terceira e última cisão, gerando a formação do “Grupo Espírita Fraternidade”, com Bittencourt Sampaio e dois novos participantes, que tiveram importância no movimento espírita brasileiro, Antônio Luis Sayão e Frederico Pereira da Silva Júnior.¹³⁴

As dissensões internas enfraqueciam o movimento e imprimiam um caráter efêmero aos grupos constituídos. Entre as várias vertentes espiritualistas presentes no país, uma bem articulada foi composta pelos adeptos das idéias de Jean Baptiste Roustaing, cuja obra, publicada em 1866, “Os quatro evangelhos”, suscitou oposição rigorosa dos kardecistas brasileiros. Para as duas correntes, Jesus Cristo não é Deus e seria um espírito altamente

¹³² SANTOS, José Luiz, Op.cit., p.17.

¹³³ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda** – Uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961, p.4.

¹³⁴ LACERDA FILHO, Licurgo S. de Op.cit., p.48.

evoluído com uma missão especial entre os homens. Mas, enquanto os seguidores de Kardec acreditam que Cristo viveu como homem na Terra, Roustaing sustentou que não faria sentido um ser perfeito encarnar-se como os homens, sendo que seu corpo seria constituído de fluídos – elemento, segundo os espíritas, intermediário entre a matéria e o espírito. Para os kardecistas, essa concepção do corpo de Cristo imprimia um caráter místico e sobrenatural ao espiritismo. Bittencourt Sampaio era um dos expoentes da vertente de Roustaing.¹³⁵

Em 28 de agosto de 1881, a revista “O Cruzeiro” e o “Jornal do Comércio” informavam, em reportagem sobre uma ordem policial proibindo o funcionamento da “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, e mencionavam as sanções penais àqueles que desobedecessem à determinação. No mesmo dia, representantes da “Sociedade” procuraram o Ministro da Justiça que, por sua vez, afirmou que não haveria perseguições religiosas. Todavia, no dia 30 do mesmo mês, um oficial de justiça apresentou-se com uma intimação, vedando as reuniões daquele grupo espírita.¹³⁶

Uma comissão foi montada para verificar a origem do mandato. Um dos membros era o médico e político mato-grossense, Antônio Pinheiro Guedes que, com outras figuras de certo relevo social, procurou o Segundo Delegado de Polícia da Corte, que tinha assinado o mandato. Constatando que a determinação viera de escalões superiores, recorreram ao próprio imperador D. Pedro II, em setembro de 1881, durante a realização do Primeiro Congresso Espírita Brasileiro, e obtiveram a promessa – que fora cumprida – de que não haveria perseguição.¹³⁷

Esses eventos são relevantes para a compreensão da disseminação do espiritismo. Além de um ambiente cultural propício, como exposto, pelas peculiaridades da formação brasileira, engajaram em suas fileiras importantes elementos de classe média e alta. A rigor, numa análise mais abrangente do movimento espiritualista, há uma distinção entre o alto

¹³⁵ SANTOS, José Luiz dos. Op.cit., pp.17-8

¹³⁶ Id.Ibdem. P.50.

¹³⁷ Id.Ibdem., p.51.

espiritismo – também conhecido como “mesa Branca”, em que o kardecismo inscreve-se – e o baixo – com os adeptos da Umbanda e do Candomblé, mais notadamente popular.¹³⁸

As atividades assistenciais de Eurípedes Barsanulfo em Sacramento, objeto desta dissertação, também suscitaram reações, que culminaram na abertura de um inquérito policial e jurídico a partir de Uberaba, por conta de seu suposto exercício ilegal da medicina – ponto que abordaremos no capítulo V - item 1.3 desta dissertação (“O Médium - ou, nos passos de ‘tio Sinhô’ Mariano”). Tal como os precursores do movimento espírita, Eurípedes contaria com a omissão e a ajuda velada de membros do judiciário e da política sacramentana.

O ambiente para os adeptos do espiritismo era hostil, numa época em que o catolicismo predominava. A admissão dessa fragilidade levou os espíritas a articularem a fundação, em 1884, da “Federação Espírita Brasileira (FEB)”, com a expectativa de agregar todos os grupos espíritas, independente de suas divergências.¹³⁹ Sintonizados com um ideal republicano, essencialmente descentralizado, os elementos que constituíram a FEB optaram para uma organização do espiritismo brasileiro numa base federativa, como o próprio nome da entidade sugeria. Definido um congresso realizado no Rio de Janeiro em 1889, o modelo que contemplava o caráter autônomo dos centros espíritas e da idéia de organização nas províncias que se opunham à centralização da monarquia.¹⁴⁰

Um dos nomes de relevo convertido ao espiritismo e que teve um papel agregador no emergente movimento espírita, foi o médico e político cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante (1831-1900). Quando se desligou em definitivo da política, em 1886, passou a dedicar-se integralmente ao espiritismo, escrevendo com o pseudônimo de Max no célebre “O Paiz”, dirigido por Quintino Bocaiúva.¹⁴¹ Presidiu a FEB em dois momentos: o primeiro, em 1889, marcou a decisão do princípio federativo da entidade. Sem preocupar-se com o lado

¹³⁸ HELLERN, Victor et.al. Op.cit., pp. 289-91; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Op.cit., passim.; RIBEIRO, Larissa Brito. O Habitus religioso espírita: uma interpretação sociológica. **Revista de Ciências Humanas**. Vol.3, n.1, Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, jul. 2003, pp.35-42.

¹³⁹ SANTOS, José Luiz dos. Op.cit., p.19.

¹⁴⁰ Id.Ibdem., p.20.

¹⁴¹ KLEIN FILHO, Luciano. **Bezerra de Menezes: Fatos e documentos**. 2.ed. Niterói: Lachâtre, 2001, pp. 143-57.

científico do movimento, vinculava-se às tendências mais religiosas do espiritismo, se aproximando do pensamento de Roustaing. Em decorrência do acirramento das disputas, não completou um ano à frente da FEB, afastando-se da direção do movimento. Entretanto voltou a presidir a entidade entre 1895 e 1900, período em que as características atuais do espiritismo foram consolidadas, assinalando a supremacia do grupo religioso.¹⁴²

O processo de cura e difusão de receitas médicas gratuitas popularizaram o espiritismo e contribuíram com a sua disseminação. Analisando as transformações advindas com a proclamação da República e a desintegração de uma sociedade patriarcal e semi-patriarcal sob o regime do trabalho livre, Gilberto Freyre, em “Ordem e Progresso”, analisou a expansão do movimento espírita à luz dessas mudanças. O sociólogo destacou o caráter beneficente das associações e algumas semelhanças em suas atividades com as confrarias católicas; a fundação da FEB, tendo como um de seus mentores um general de exército, depois marechal Francisco Ewerton Quadros, que fez parte de uma Assistência aos Necessitados ao lado de uma Escola de Médiuns; e, em 1912, fundou-se também no Rio de Janeiro, um hospital espírita para “... pessoas atacadas de alienação mental que quisessem submeter-se ao tratamento pelas correntes fluídicas organizadas pelo astral superior”.¹⁴³

O sentido religioso do espiritismo predominou em superação às tendências científicas, e a FEB marcou uma nova etapa do movimento no Brasil, proporcionando uma maior coerência e homogeneidade na difusão da doutrina. Nas primeiras décadas do século XX, seu crescimento foi notável, extrapolando os limites de Salvador e do Rio de Janeiro, seus pólos originais.

Um elemento também muito importante para a expansão do kardecismo pelo Brasil foi a utilização maciça dos órgãos de imprensa, que atingia os segmentos letrados da população – sua principal faixa social. Após a publicação de “O Eco D’Além Túmulo”, do pioneiro Teles

¹⁴² SANTOS, José Luiz dos. Op. cit., p.27.

¹⁴³ FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 6.ed. São Paulo: Global Editora, 2004, p.790.

de Menezes em Salvador, foi lançado, em 1883, no Rio de Janeiro, o “Reformador”, denominado “mensário religioso do Espiritismo cristão”. Com a fundação da Federação Espírita Brasileira no ano seguinte, esse jornal tornou-se órgão oficial da nova instituição que agregava vários grupos.¹⁴⁴

Passo também importante para a divulgação do espiritismo com ênfase na leitura e no estudo, ainda foi a instalação, em 1897, de uma editora especializada pela FEB, que vem funcionando até hoje, com a publicação de obras de autores brasileiros e estrangeiros.

A República, por outro lado, endurecera a posição contra as atividades espíritas, numa tentativa, talvez, de apaziguar as relações com a Igreja, estremecidas com o desatrelamento com o Estado. O Código Penal de 1890 era enfático: “É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancia (...), inculcar curas de moléstia (...) e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100 a 500\$”.¹⁴⁵ O “Reformador” denunciava em suas páginas a repressão policial contra o movimento, que chegava ao cúmulo de espancamento físico e apedrejamento aos recintos singelos pelo país afora.¹⁴⁶

Porém surgiam inúmeros expoentes da doutrina e grupos espíritas que irradiavam a religião em todas as regiões do Brasil.

Em São Paulo, o líder pioneiro foi um português nascido no interior lusitano, Antônio Gonçalves da Silva Batuira (1839-1909). Filho de humildes camponeses, tendo completado apenas a educação primária, veio com cerca de 11 anos para o Brasil, aportando, inicialmente, no Rio de Janeiro, mudando para Campinas e depois São Paulo. Como entregador de jornais, aprendeu a arte tipográfica e, com as economias reunidas, montou um pequeno teatro, que

¹⁴⁴ COLOMBO, Cleuza Beraldi. Op.cit., pp.56-7.

¹⁴⁵ LACERDA FILHO, Licurgo S. Op.cit., p.63.

¹⁴⁶ COLOMBO, Cleuza Beraldi. Op.cit., p.59.

funcionou entre 1860 e 1870, no qual encenava diversas peças, muitas vezes, com a lotação máxima de duzentas pessoas.¹⁴⁷

O pobre português prosperou na vida, comprando terrenos numa região desabitada, o Lavapés, que logo, diante do avanço da cidade, se valorizaria. Consta que inúmeras vezes acolheu escravos fugidos, e que, quando descobertos, envidava todos os esforços para comprá-los a liberdade.¹⁴⁸ A descoberta do espiritismo ocorreu quando uma tragédia repentina o desestabilizou, o falecimento do filho único de sua segunda esposa, D. Maria das Dores Coutinho, um menino de apenas doze anos. A dor seria logo reconfortada pelo contato com a doutrina espírita da qual Bатуíra tornou-se um entusiasmado divulgador.

Foi com a sua dedicação que surgiu em São Paulo um importante núcleo espírita, o primeiro com sede própria na América do Sul, construída na rua Lavapés, n.º 4, contando com a divulgação pela “Revista Verdade e Luz”, cujo primeiro número foi lançado em 20 de maio de 1890. Bатуíra praticava a homeopatia e era considerado médium curador.

Numa sintonia com a trajetória e as postulações de Allan Kardec, o terreno da educação também foi profícuo para o desenvolvimento da doutrina e a fundamentação de uma denominada pedagogia espírita. Nomes como Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo e Herculano Pires foram essenciais a essa gestação.

Figura proeminente na história paulistana do início do século XX, Anália Franco (1856-1919) foi uma mulher além de seu tempo – professora, teatróloga e jornalista, tendo também ideais feministas, republicanos e abolicionistas. Nascida em Resende, no interior fluminense, trabalhou como assistente de sua mãe, educadora primária. Em São Paulo, formou-se como normalista, em 1876, e teve uma atuação ímpar no campo educacional.¹⁴⁹

À ocasião da promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, várias crianças negras filhas de escravas eram expulsas da fazenda e o destino, na maioria das vezes, era a *roda* da

¹⁴⁷ WANTUIL, Zêus. Op.cit., pp.208-24.

¹⁴⁸ Id. Ibidem., pp.214-5.

¹⁴⁹ MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco** – A grande dama da educação brasileira. São Paulo: Maldras, 2004.

Santa Casa de Misericórdia – dispositivo discreto, que permitia o depósito anônimo de bebês rejeitados pelo muro da instituição. Quando tomou conhecimento da situação, Anália Franco fez um apelo às fazendeiras e pretendeu transferi-las de São Paulo para o interior.

Uma proprietária rural cedeu-lhe uma casa para a instalação de uma escola primária, sob a condição de não misturar crianças brancas e negras. Diante da imposição e do impasse, Anália fez questão de pagar o aluguel, o que comprometia a metade dos seus ganhos. Mas, nos dizeres da fazendeira, a escola tornou-se um “albergue de negrinhos”, removendo logo a professora de sua propriedade.¹⁵⁰

Por volta de 1887, em Taubaté - SP, ela fundou o primeiro abrigo de órfãos e crianças abandonadas, criando a primeira Casa Maternal. Repudiada por escravocratas e oligarcas locais, contou, no entanto, com o precioso auxílio de abolicionistas, disseminando escolas maternais pelo interior paulista. Na capital, fundou uma revista denominada “Álbum de Meninas”, cujo subtítulo frisava: “Revista Literária e educativa dedicada às jovens brasileiras”, em 1898¹⁵¹, e, com um grupo de senhoras de todos os níveis sociais, lançou a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, em 1901, cuja lista de associados logo chegaria a 2000 signatários. O objetivo da entidade era oferecer a instrução e o amparo a crianças pobres e mães desamparadas.¹⁵²

Seis anos após a fundação, a associação mantinha e orientava, só na capital, 22 escolas maternais e duas noturnas, enquanto no interior funcionavam cinco escolas maternais. Ao todo, cerca de duas mil crianças pobres recebiam a educação. Havia ainda um “Liceu Feminino Noturno”, em São Paulo, com mais de cem alunas, e outro, em Santos.¹⁵³

Nos idos de 1910, a dona Anália Franco, por ocasião da visita de um músico e militar, organizou uma atividade inédita, a primeira banda de música feminina do país, denominada Regente Feijó, formada por suas alunas, e articulou também a formação de um Grupo

¹⁵⁰ COLOMBO, Cleuza Beraldi. Op.cit., pp.66-7.

¹⁵¹ Id.Ibdem., p.66.

¹⁵² MONTEIRO, Eduardo Carvalho. Op.cit., pp.73-5.

¹⁵³ WANTUIL, Zêus. Op.cit., p.78.

Dramático musical. Em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914/1918) e o corte de ajudas voluntárias, a associação atravessou por dificuldades, e a solução encontrada pela dona Anália Franco, para contornar as dificuldades, foi promover excursões da Banda Musical e do Grupo Dramático pelo interior paulista para angariar os recursos necessários.¹⁵⁴

Quanto à conversão de Anália Franco ao espiritismo, não existe, segundo seus pesquisadores, uma indicação precisa sobre essa circunstância. Até 1901, pouco se sabe acerca dessa militante da educação feminina no Brasil. Católica moderada, é provável que, durante uma crise de cegueira momentânea em que estivera recolhida e distante das atividades sociais por volta de 1899, ela teria se aproximado da doutrina espírita.¹⁵⁵ Existem documentos de 1903 demonstrando sua vinculação ao Centro Espírita de São Paulo, no largo do Arouche, onde instalou, de acordo com as atas da entidade, uma escola maternal pela manhã.¹⁵⁶

Eurípedes Barsanulfo foi o grande nome do espiritismo na primeira metade do século XX e sua trajetória a partir de Sacramento, contribuiu decisivamente para a ampliação da doutrina kardecista pelo Triângulo Mineiro e pelos interiores de São Paulo e Goiás. Apenas em linhas gerais – o tema é aprofundado no capítulo V deste trabalho – vale adiantar as circunstâncias de seu engajamento. Um advogado e coronel de Uberaba promovia sessões espíritas domiciliares, e, participando num desses eventos, o empresário espanhol Fernando Peiró¹⁵⁷ converteu-se à doutrina. Seu contador na firma de cal era Mariano da Silva, o “Sinhô”, tio de Barsanulfo. Assustado com os acontecimentos sobrenaturais na Fazenda Santa Maria – pancadas na parede, sons de pedra no telhado, sumiço de objetos –, convidou o espanhol a fim de analisar o fenômeno, e Peiró entendeu que seriam manifestações mediúnicas.

¹⁵⁴ Id. *Ibidem.*, pp.149-50.

¹⁵⁵ MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Op.cit.*, pp-199-200.

¹⁵⁶ Id.*Ibidem.* p.200

¹⁵⁷ Peiró nasceu em Linares, na Espanha. Jovem ainda, emigrou para a Argentina e viveu dois anos em Buenos Aires. Em 1892, mudou-se para Uberaba e nunca saiu do Brasil, vindo a falecer em 1914. Converteu-se ao espiritismo ao presenciar sessões na casa de um advogado, o Cel. Antônio Cesário da Silva, em Uberaba. Sua esposa, a sacramentana Maria Mendonça Resende com quem casou-se em 1902, também era espírita. RIZZINI, Jorge. **Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da caridade**. 9.ed. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal do ABC, 2004.

Mariano abraçou o movimento e dessa adesão surgiu, em 1900, o primeiro centro espírita do interior mineiro, o “Fé e Amor”, na pequena localidade rural de Santa Maria.

Filho de uma humilde, mas emergente família, que prosperava pelo comércio, Eurípedes Barsanulfo era um jovem com muitas atividades, contador da empresa do pai, a “Casa Mógico”, vereador e ainda que autodidata, professor do Lyceu Sacramentano. Era católico fervoroso, mas foi por intermédio do tio que descobrira o espiritismo numa sessão em Santa Maria em que o Bezerra de Menezes e São Vicente de Paulo teriam se manifestado, orientando-o sobre os seus compromissos espirituais.

Seu engajamento ao espiritismo, o ativismo contínuo e perseverante e a fama arrebatada pelas curas e manifestações mediúnicas, bem como as atividades no Collégio Allan Kardec e na farmácia gratuita contribuíram decisivamente para a irradiação do espiritismo e fizeram de Eurípedes um dos ícones da doutrina de Kardec no Brasil.

O legado de Anália Franco e Eurípedes Barsanulfo no campo educacional teria sua sistematização numa linha de reflexão denominada pedagogia espírita, surgida no final dos anos 1940, a partir da articulação e coordenação do intelectual José Herculano Pires (1914/1979). Paulista nascido em Avaré, graduou-se em filosofia pela USP e, numa extensa produção, que inclui poesia, ficção, filosofia, espiritismo e parapsicologia, deixou mais de 80 obras.¹⁵⁸

Em 1948, com a participação de jornalistas e militantes da imprensa paulista, sob a presidência de Herculano Pires, foi fundado o Clube de Jornalistas Espíritas de São Paulo, com estudo sistemático do Livro dos Espíritos. No ano seguinte, o grupo realizou, também em São Paulo, o “Primeiro Congresso Educacional Espírita Paulista”, convocado pela “USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo”, fundada em 1947. Dos debates e teses apresentadas para a fixação das bases da Educação espírita, foi concretizada a criação do Instituto Espírita de Educação em São Paulo contando com sede própria. Em 1951, no

¹⁵⁸ COLOMBO, Cleuza Beraldi. Op.cit., p.73.

“Segundo Congresso”, foi determinada a instalação do “Instituto Educacional Espírita Metropolitano”, dedicado aos estudos e pesquisas pedagógicas.

Na história do espiritismo no Brasil, a religião de Kardec enfrentou a oposição ruidosa do clero católico, rugas com o sistema repressivo e com o judiciário. Certo livro de Xavier Oliveira, em 1931, “Espiritismo e Loucura”, atacou a doutrina, comparando “O Livro dos Médiuns” com a cocaína. Com a efetivação do Estado Novo, a repressão ao movimento foi intensificada. No final dos anos 1930 era a vez dos protestantes distribuírem panfletos no Rio de Janeiro contra o espiritismo.¹⁵⁹

O movimento prosseguiu a jornada, angariando adesões, expandindo os centros e as atividades de cura ganhavam respeito. Em 1939, realizava-se o “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas”, no Rio de Janeiro e, em 1944, surgia a “Cruzada dos Militares Espíritas”. Foi em 1946, no governo de Gaspar Dutra, que a nova Constituição do país assegurava e garantia, finalmente, a ampla liberdade religiosa no país.

2 – Brasil, terra do sincretismo religioso – uma leitura sociológica

A ênfase do espiritismo francês na existência dos espíritos e o acesso ao mundo dos mortos pelos seus adeptos nas sessões, bem como a popularização da idéia de mediunidade asseguraram sua difusão em terras brasileiras. Essas noções têm mesmo seus correlatos na formação cultural da brasilidade em suas matrizes africanas e indígenas.

Eurípedes Barsanulfo era um católico devoto, presidente da irmandade São Vicente de Paulo, e tinha consigo um exemplar da bíblia sagrada emprestada pelo padre, algo raro para os leigos. Quando se converteu à doutrina de Kardec provocou naturalmente muitas estranhezas e reações. O colégio em que lecionava, Lyceu Sacramentano, entrou em crise com o afastamento de professores e o cancelamento de matrículas. Posteriormente, nos anos seguintes, com a

¹⁵⁹ SANTOS, José Luiz dos. Op.cit., p.86.

abertura do Collégio Allan Kardec, a prática do assistencialismo e da cura, tudo leva a crer que a situação acomodou-se e tendeu para a ‘normalidade’.

A Igreja Católica, decerto, mantinha - e mantém – sua hegemonia. Mas é um fato social interessante e um objeto de reflexão e relevo sociológico a coexistência entre o catolicismo e o espiritismo, e, não é raro, seja em Sacramento, no Triângulo Mineiro ou no Brasil, a pessoa freqüentar os rituais católicos e, eventualmente, tomar passes num centro espírita ou recorrer a benzedeadas ou pais-de-santo. Se o espiritismo não superou o catolicismo em Sacramento com a trajetória de Barsanulfo, sua inserção na vida política e social permaneceu inabalada.

Além do kardecismo, no território do espiritualismo, destacam-se também a Umbanda e o Candomblé em suas múltiplas variações – quimbanda, macumba, aruanda, entre outras –, religiões, que, apesar dos rigores da escravidão e da vigilância da Igreja, foram conservadas no Brasil.

E a capacidade do amalgamento religioso desses segmentos foi notável. A expressão sincretismo é comumente utilizada para designar o hibridismo religioso, quando ocorre a mescla de duas ou mais crenças religiosas.

A rigor, o kardecismo francês também é doutrinariamente uma religião sincrética, incorporando elementos hinduístas com a ética da caridade cristã.¹⁶⁰ A própria visão da ordem cósmica e a idéia de evolução, com relevante papel na doutrina espírita, bem como a noção do karma, assemelham o espiritismo kardecista às religiões da Índia.¹⁶¹

A umbanda é uma religião de difícil caracterização. Além de não contar com uma congregação institucional, não possui um corpo doutrinário coerente, ocorrendo uma ampla variação de região para região e mesmo de terreiro para terreiro. Do ponto de vista histórico, os elementos que compõem o sincretismo umbandista são as religiões de origem africana, dos

¹⁶⁰ HELLERN, Victor, et.al. Op.cit., p. 291

¹⁶¹ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Op.cit., pp.24-7.

povos sudanes e banto, que vieram ao Brasil como escravos, com deuses e elementos islâmicos já absorvidos na África; as imagens da idolatria cristã; o espiritismo kardecista; e as religiões indígenas.¹⁶²

Erroneamente confundida com o Candomblé de origem africana, seguramente, a Umbanda é uma religião distinta e peculiar. Surgida no Rio de Janeiro, no início do século XX, a cosmologia umbandista é composta por espíritos desencarnados, que se agrupam em *falanges* de acordo com sua origem terrena e evolução. Caboclos, pretos-velhos, exús e erês – respectivamente, índios brasileiros, escravos africanos deportados para o Brasil, brancos e crianças – dão o tom das sessões, incorporando nos médiuns e oferecendo conselhos de diversas ordens ao público assistente.

Cada falange é composta por *linhas* de espíritos com personalidades e atribuições afins – apenas exemplificando, os caboclos como o “cobra coral”, o “abre mato”; os pretos-velhos “vovô de Aruanda” e a “vovó de Angola”; os exús “Maria Padilha”, o “tranca-rua”, o “Zé Pernambuco”. Negros escravizados humildes, índios com a identidade sobrevivente diante da dilaceração do processo de ocupação do país, prostitutas, coveiros, marinheiros, desempregados, em suma, personagens saídos da cultura popular, que, se buscarmos uma categoria que perpassa por todos, seguramente, apontamos: é a sociedade dos marginalizados, os *excluídos* de todas ordens.¹⁶³

No rol das chamadas religiões afro-brasileiras, um dos cultos mais difundidos no Brasil é o Candomblé. Também conhecido como xangô, em Pernambuco e Alagoas, e tambor de Mina, no Maranhão e no Pará, o Candomblé não é uma religião ética, como o cristianismo. É uma religião mágica e ritual e, nessas crenças, não há a idéia de salvação ou corrupção pelo pecado. O que se busca é a intervenção do sobrenatural neste mundo, diante da interferência

¹⁶² Id.Ibdem., p.8.

¹⁶³ Notas de pesquisa de campo que realizei em 1994 na cadeira Antropologia III, no curso de Ciências Sociais da UFMG, em Belo Horizonte, utilizando o método da *observação participante* na Tenda Umbandista Oriental. A disciplina foi ministrada pelo professor Pierre Sanchi – um francês como Bastide e Verger, que, do mesmo modo que os patrícios, decidiu radicar-se no Brasil após o contato com a cultura baiana e a riqueza do sincretismo religioso do país.

das forças sagradas e divindades, chamadas de orixás.¹⁶⁴ De acordo com o Candomblé e outras religiões africanas, cada pessoa tem o seu orixá, um deus determinado de cuja personalidade herda características, que possui qualidades e defeitos. Por meio do jogo de búzios, conduzido por um babalorixá (pai-de-santo), a pessoa descobre qual o seu orixá.

A mitologia africana foi repensada, muitas vezes, em termos cristãos no novo meio brasileiro. Xangô-Dadá, por exemplo, não baixa no terreiro porque está ligado ao fogo que, se voltasse à terra, esta se incendiaria e seria destruída pelas chamas; e essa crença é correspondente à lenda de São João Batista, que adormece em 24 de julho e não acorda senão depois do fim de sua festa, ato do saber divino, porque, se não dormisse, a terra seria destruída por um enorme fogo.¹⁶⁵

Depois de ter sofrido pelo mundo, Omolu volta para casa com o corpo infestado de chagas e cicatrizes, repetindo para os africanos da Bahia a parábola do filho pródigo.¹⁶⁶

Um dos intelectuais mais respeitados no estudo da inserção do negro na sociedade brasileira e na extensão das fronteiras da pesquisa para as Américas negras e para a África, o francês Roger Bastide experimentou, certamente, o encanto com a pluralidade cultural do país, similar ao outro cientista social da França, Pierre Verger, que registrou, em suas lentes fotográficas e na etnologia, as riquezas e a diversidade cultural do Brasil.

Bastide focaliza a herança negra na flexibilização e na “afetividade” do catolicismo arraigado dos povos latinos, tornando o cristianismo mais sentimental ou irracional e menos dogmático nas terras do novo mundo: “...Foram, se não o único fator, pelo menos um dos fatores mais importantes, capazes de contaminá-los com crenças supersticiosas ou mágicas; até as moças de alta sociedade que freqüentavam colégios de freiras francesas não temiam recorrer às *mandingas*, assim como os políticos à feitiçaria; de modo mais geral, os negros trouxeram

¹⁶⁴ HELLERN, Victor., et.al. Op. cit., pp.293-95.

¹⁶⁵ BASTIDE, Roger. **O Candomblé na Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.245.

¹⁶⁶ Id.Ibdem, p-245; CASCUDO, Câmara. Op.cit. [Verbete Omolu], pp.441-2.

um conjunto de ritos, conjurações, práticas mágicas para o catolicismo de *folk* e para a terapêutica popular”.¹⁶⁷

O encontro de Roger Bastide com a África em território brasileiro ocorrera com a sua primeira viagem ao Nordeste, em 1944, e a descoberta de um “Brasil místico onde sopra o espírito”. Em Recife e em Salvador, cidades que expõem ao viajante as civilizações que ali se encontraram, as igrejas barrocas e as marcas portuguesas, que convivem com o tantã dos negros e o mundo do candomblé.¹⁶⁸ Diante da dualidade do misticismo brasileiro despojado, o estudioso francês dirigiu seu olhar para a matriz africana: diferente do barroco monástico mexicano ou do viés trágico do misticismo espanhol, o caráter do Brasil “...foi adoçado pelo contato com as mucamas, amas-de-leite, as negras e a sensualidade das mulatas”.¹⁶⁹

O contato estreito entre o colonizador lusitano e o dominado, em terras do Brasil, produziu um modelo de colonização singular, sem paralelos mesmo no Império português na África ou na Ásia.

Na formulação de um corpo teórico acerca da idéia de identidade nacional, o pernambucano Gilberto Freyre articulou uma interpretação de Brasil sedimentada no intercâmbio étnico e cultural desencadeado pela diversidade racial da população brasileira, por um lado, e por processos que levaram, não à formação de guetos, mas a um amálgama, numa política de assimilação, por outro lado.¹⁷⁰ Suas análises, constituídas a partir dos anos 1930, significaram uma superação aos constructos biologizantes em voga no século XIX.

Em “Casa Grande & Senzala”,¹⁷¹ clássico da literatura nacional, e em “Interpretação do Brasil”,¹⁷² Freyre focaliza numa tendência similar aos modernistas de 1922 com a idéia da

¹⁶⁷ BASTIDE, Roger. As contribuições culturais dos africanos na América Latina: tentativa de síntese. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. São Paulo (Org.). **Roger Bastide: sociologia** (Grandes Cientistas sociais, n.37). São Paulo: Ática, 1983, pp.156-175.

¹⁶⁸ PEIXOTO, Fernanda Árias. A utopia africana de Roger Bastide. In: BASTIDE, Roger. **O Candomblé na Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.7-13.

¹⁶⁹ Id.Ibdem., p.10.

¹⁷⁰ FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.18-9.

¹⁷¹ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 50.ed. São Paulo: Global, 2005, passim.

¹⁷² FREYRE, Gilberto, Op.cit., passim.

antropofagia, a centralidade na vida sexual para a interpretação da formação nacional: a atração do homem português pela mulher morena, pela negra, pela índia e pela mulata. Reportando às raízes desse desejo singular, é na história de Portugal que se descortina esse homem livre, só e aventureiro, que encontrou na índia e, depois, na negra o ideal de beleza muito presente na cultura lusitana, a moura encantada.

O mulato e o mestiço nascidos dessa aproximação íntima afetiva, forma simbólica expressada pela antropofagia, teriam um outro lugar na Casa Grande e na sociedade brasileira, sendo, muitas vezes, reconhecidos como filhos do senhor – aspecto, aliás, que norteou as reflexões críticas a Freyre. Darcy Ribeiro, por exemplo, destacava que a obra do sociólogo pernambucano tem muito de casa grande e pouco de senzala, ignorando as lutas de resistência e bravura do povo africano.¹⁷³

Nas teorias de Gilberto Freyre sobre os antecedentes da formação do Brasil, já havia, na Península Ibérica, Portugal e Espanha, um relativo equilíbrio de elementos antagônicos, em que o mouro (753/1492) conviveu com o cristão, que conviveu com o judeu. Se existiram períodos de intolerância, também houve os de compreensão e cooperação, constituindo-se nesses períodos de tolerância, um novo tipo histórico, que estabeleceria um padrão de comportamento no Brasil, uma nova raça histórica adaptada ao meio, fruto do encontro das etnias (portugueses, cristãos novos, bantos, tupis, etc.), em determinados momentos violentos, outros momentos cooperativos – eis a grande herança ibérica.¹⁷⁴

Esse passado étnico e cultural do português, um povo indefinido entre a Europa e a África, lembrava Freyre, constantemente, foi o elemento que o predispôs nessa singular colonização híbrida dos trópicos:

A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não

¹⁷³ GONÇALVES, Marcos Antônio. O Pajé da brasilidade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 5/2/1995. Revista da Folha. Entrevista com o antropólogo e senador Darcy Ribeiro, p.3.

¹⁷⁴ Id.Ibdem., pp.24, 57-103.

predominando em região de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja Medieval; tirando os ossos do cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica; à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo.¹⁷⁵

Lendas e costumes medievais lusitanos eram trazidos e mesclados no convívio estreito entre a Casa Grande e a Senzala. Boa parte da bruxaria portuguesa girava em torno do amor. No Brasil, a feitiçaria, dominada pelo negro, era outro elemento que aproximava senhores e escravos, e continuou a girar em motivos amorosos, do interesse na geração e na fecundidade, na proteção à mulher grávida, na criança ameaçada por tantos males.

Das magias e mandingas africanas, nenhuma foi tão popular e difundida quanto o sapo, no apressar da realização de um casamento, no preparo de feitiços sexuais afro-brasileiros, na proteção da mulher infiel, que, para enganar o marido, bastava tomar uma agulha enfiada em retrós verde fazendo o nome da cruz no rosto do indivíduo adormecido e coser, depois, os olhos de um sapo. Para manter o amante, a mulher precisa de viver com um sapo debaixo da cama dentro de uma panela. Essa perícia no preparo de magias sexuais e afrodisíacas dava prestígio a escravos macumbeiros junto a seus senhores, muitas vezes, já velhos e fracos.¹⁷⁶

As correntes místicas portuguesa e africana não se fundiram no Brasil somente para fins amorosos. Também são populares as figuras da mãe-preta, da ama-de-leite, da mãe de criação, da escrava africana. Além da proteção corporal e higiênica, também cabiam à mãe africana os cuidados espirituais contra os quebrantos e o mau-olhado. Os colonos portugueses já traziam tradições, como exemplo, a do cordão umbilical ser atirado ao fogo ou ao rio, sob pena de o comerem os ratos, dando a criança para ladra; a de não se apagar a luz enquanto o

¹⁷⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Op.cit., p.66.

¹⁷⁶ Id.Ibdem., pp.406-10.

menino não fosse batizado para não vir a feiticeira, a bruxa ou o lobisomem chuparem-lhe o sangue no escuro; foram todas aqui modificadas ou enriquecidas pela ama africana.¹⁷⁷

Tanto em Gilberto Freyre quanto em Roger Bastide, por motivos distintos, o elemento indígena, na formação brasileira, não fora devidamente aprofundado e analisado. Darcy Ribeiro, em suas várias obras, ressaltava, insistentemente, o Tupinambá como matriz cultural do povo brasileiro, amalgamado e desaparecido nas sedimentações da cultura nacional, mas até hoje nela presente.¹⁷⁸

Numa passagem célebre dos primeiros contatos entre os europeus e os aborígenes do Brasil, certo viajante alemão, Hans Staden, foi levado três vezes a cerimônias de antropofagia e três vezes os índios se recusaram a comê-lo, porque chorava e se sujava, pedindo clemência – não se comia um covarde.¹⁷⁹

Em seu livro “Viagens e Aventuras no Brasil”, Staden frisou que os Tupinambás acreditavam na imortalidade da alma, em perseguições durante toda a vida por um espírito maligno denominado “Kaagere” e na realização de contatos com o mundo dos espíritos – hoje, denominados pelo espiritismo kardecista como mediúnicos.

Numa dessas situações, a mulher do velho índio a quem o alemão havia sido entregue para matá-lo, vaticinava em transe quando disse ao marido que um espírito de terra estranha perguntara-lhe quando o prisioneiro seria morto. Preocupado, Staden indagou à mulher porque desejava sua morte, visto que não era inimigo: “... [ela respondeu] que eu não devia preocupar-me com isso, pois eram os espíritos estranhos que queriam estar ao par dos fatos que diziam respeito”.¹⁸⁰

¹⁷⁷ Id.Ibdem. pp. 406-10.

¹⁷⁸ SANCHI, Pierre. A Religião dos brasileiros. **Teoria & Sociedade** (Revista dos Departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG). n.4, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, pp.213-245.; RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** – A formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁷⁹ RIBEIRO, Darcy. Id.Ibdem., p.34.

¹⁸⁰ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, pp.173-5.

O contato das missões jesuíticas com os indígenas trouxe também certas peculiaridades, e esse encontro foi certamente um dos elementos de nossa formação nacional. Os primeiros padres da Companhia de Jesus desembarcaram no Brasil em 29 de março de 1549, chefiados por Manoel da Nóbrega e, antes de meio século dessa chegada, todo o litoral desde Pernambuco até São Vicente (atual São Paulo) estava povoado por índios convertidos ao cristianismo.¹⁸¹

Registros dos primeiros viajantes apontam para um personagem misterioso, as lendas dos indígenas sobre um certo “pai Sumé”, homem branco, de barba e cabelos longos, que, antes do descobrimento, teria aparecido entre os indígenas, ensinando-lhes o cultivo da terra e as regras morais. Com seu auxílio, os indígenas plantaram sementes variadas e viram nascer a mandioca, o milho e o feijão. No entanto pai Sumé foi repellido pelos pajés invejosos de seus poderes e, escapando das flechadas, caminhou sobre as águas do mar.¹⁸²

Esse caso, certamente, não era uma novidade para os jesuítas quinhentistas, que já conheciam o caso da pregação de São Tomé Apóstolo na Índia, já divulgado e canonizado, relacionado em numerosas relações medievais com o Oriente, entre as quais, as viagens de Marco Polo. O que pode ter surpreendido foi a extensão do culto, atravessando o oceano, e, logo, associaram o mito ameríndio ao apóstolo de Cristo. Os jesuítas ainda difundiram o mito pelo continente, chegando ao Paraguai - “Pay Tomé” – e, ao Peru, ganhando novos elementos.¹⁸³

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, em “Visão do Paraíso”, esse mito luso-brasileiro significou uma ampla revisão das antigas posições da Igreja, que buscava a

¹⁸¹ MARIA, Júlio, pseud. de Júlio César de Moraes Carneiro, padre. **A Igreja e a República**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

¹⁸² CASCUDO, Câmara. Op.cit. [Verbete: Sumé], pp.647-8.

¹⁸³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000, pp.133-160. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

renovação de suas estruturas ideológicas com uma nova imagem de mundo, descortinada na tentativa de identificação de um herói mítico ancestral dos índios do Brasil.¹⁸⁴

Nas épocas primórdias da colonização, não faltaram argumentos arianos fundados na teoria da supremacia para justificar a relação de dominação e coerção. Manuel Guedes Aranha, Procurador do Estado do Maranhão, dizia em 1654: “... nós [brancos] somos próprios para diferentes coisas; nós [brancos] somos próprios para introduzir a religião entre elles [índios e negros]; e elles adequados para nos servir, caçar para nós, pescar para nós, trabalhar para nós”.¹⁸⁵

Mas, em princípios do XVII, já despontavam pensadores e reflexões sobre a acomodação entre as raças, e o mais célebre foi o Padre Antônio Vieira, jesuíta neto de uma negra. Diante da invasão da colônia por um povo mais branco que o português – os holandeses (1630/1654) -, questionou o grande cronista se “...não éramos tão pretos em respeito delles como os índios em respeito a nós?”. E, relativizando as posições, filosofava: “... [se podia] haver maior inconsideração do entendimento nem maior erro de juízo entre homens, que cuidar eu que hei de ser vosso senhor porque nasci mais longe do sol, e que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes perto?”¹⁸⁶

Outra característica do nosso catolicismo, cujas origens remontam à Península Ibérica, é uma certa aversão do brasileiro pelo ritualismo formal, que permite tratar os santos com uma intimidade, como ocorre com o Menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças. Nas festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, Cristo desce do altar para sambar com o povo.¹⁸⁷ Essa forma de culto tem seus antecedentes em Portugal e também aparece na Europa medieval justamente com a decadência da religião palaciana, superindividual, em que a

¹⁸⁴ Id.Ibdem., p.156.

¹⁸⁵ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: Decadência do patronato rural e desenvolvimento do urbano. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968, pp.XVIII-XIX.

¹⁸⁶ Id.Ibdem., pp. XVIII-XIX.

¹⁸⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp.148-50.

vontade comum se manifestava na edificação dos grandiosos monumentos góticos. Transposto esse período, aflorou um sentimento religioso mais humano e singelo.

A partir dessas linhas analíticas apresentadas, sustentamos que o kardecismo se fez religião no Brasil e se disseminou pelo país em sintonia com uma tendência cultural permeada pelo sincretismo religioso, característico da formação nacional e seus viéses múltiplos amalgamados – a lusitanidade, as várias nações indígenas e africanas. Por outro lado, ainda, apontamos, mesmo não sendo o foco de nossa análise, em que medida, além de uma predisposição cultural do colonizador português, teria ocorrido esse sincretismo e quais suas nuances e implicações.

Analisando a complexidade do sincretismo religioso e mapeando suas tendências de interpretação, o pesquisador maranhense Sérgio Ferreti ¹⁸⁸ destacou cinco fases ou vertentes nesse debate. A primeira linha, a do médico baiano Raymundo Nina Rodrigues, no século XIX, que foi o precursor na abordagem das influências dos cultos afro-brasileiros, numa tendência evolucionista próxima do positivismo europeu e de Spencer. Numa perspectiva evolucionista, denominou o processo como a “ilusão da catequese”. A segunda, com autores como Arthur Ramos e Herskovitz, pode ser definida como culturalista, abordando o sincretismo como aculturação, englobando conflitos, acomodação e assimilação.

Roger Bastide e seus seguidores, por sua vez, na terceira tendência, entendem o sincretismo como uma capacidade do negro de absorver e digerir variados elementos ou africanizar as contribuições sem embranquecer.

Uma quarta, surgida nos anos 1970, e que ainda persiste, tendo o estudioso Peter Fry como um de seus gestores, enfoca a “nagocracia” – predomínio do modelo nagô-ketu – entre os terreiros, sendo o sincretismo uma construção nascida da disputa de poder e prestígio. E a quinta linha, também atual, não aceita o sincretismo como “máscara colonial para escapar à dominação ou estratégia de resistência”, nem, tampouco, a idéia de mera “colcha de retalhos”;

¹⁸⁸ FERRETI, Sérgio F. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP; São Luís: FAPEMA, 1995.

e Sérgio Ferreti aponta a complexidade do termo sincretismo, seus múltiplos sentidos, que se aplicam às religiões afro-brasileiras e às variadas combinações de significados que pode apresentar-se conforme o contexto estudado.

Num terreno diferente das discussões da academia, o campo da arte, é indubitável a mistura de sons e ritmos nas inspirações da produção musical brasileira. Os músicos e compositores do Brasil são perspicazes na captação das múltiplas faces da formação nacional. O mineiro de Ponte Nova João Bosco é um artista que, como poucos, resgata as influências árabes, lusitanas, africanas, indígenas em suas composições e sonoridade. E também como poucos, entende e expressa o sincretismo religioso imbricado na cultura popular, como nesse monólogo inicial da canção “O Ronco da Cuíca”:¹⁸⁹

Quando ele nasceu foi no sufoco gente / Tinha uma vaca, um burro e um louco que recebeu o seu sete / Quando ele nasceu foi de teimoso / Com a manha e a baba do tinhoso / Chovia canivete / Quando ele nasceu, nasceu de birra / Barro ao invés de incenso e mirra / Cordão cortado com gilete, gilete, gilete / Quando ele nasceu sacaram o berro / Venderam faca e ergueram o ferro / E aí exu falou: ninguém se mete, ninguém se mete / Quando ele nasceu tomaram cana / Um partilheiro puxou o samba / Aí exu falou, esse aí promete, promete oxum, exu falou, esse aí promete...¹⁹⁰

A utopia brasileira de Gilberto Freyre, levantada em 1933, a partir da publicação da primeira edição de *Casa Grande & Senzala*,¹⁹¹ ainda suscita fortes reações na academia diante de uma atribuída suavização dos efeitos da escravidão. Apesar das polêmicas, a geração pós-modernismo, que contava também, entre outros, com Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, Freyre foi inovador em suas proposições centradas no intercâmbio étnico e cultural na formação do Brasil.

O aplaudido compositor Chico Buarque de Holanda, decerto, entendeu a mensagem *freyreana*. O Fado não é um produto genuinamente português. Sua origem esteve marcada pelo

¹⁸⁹ BOSCO, João. O Ronco da cuíca. In: **João Bosco ao Vivo**. Rio de Janeiro: BMG Music, 2000. 1 disco compacto (48:52): digital, estéreo. 70711513.

¹⁹⁰ Êxu: “É o representante das potências contrárias ao homem. Os afro-baianos assimilam-no ao demônio dos católicos; mas, o que é interessante, temem-no, respeitam-no (ambivalência) fazendo dele objeto de culto...”. CASCUDO, Câmara. Op.cit. [Verbete Exu], p.220.

¹⁹¹ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933. 2 vols.

lundu afro-americano do Brasil colonial e teria aportado em Lisboa quando a corte de Dom João VI retornou a terras lusitanas, mesclando o batuque do ludu com o lirismo das modinhas portuguesas. Em “Fado tropical”,¹⁹² Chico transita nos dois lados do Atlântico, num amálgama cultural luso-tropical, cerne da teoria de Gilberto Freyre:¹⁹³

Oh, musa do meu fado / Oh, minha mãe gentil / Te deixo consternado / No primeiro abril / Mas não sê tão ingrata / Não esquece quem te amou / E em tua densa mata / Se perdeu e se encontrou / Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

A marca do sensualismo que permeou a interação entre o dominador e as camadas do dominado, ressaltada por Freyre, é destacada:

Com avencas na caatinga / Alecrins no canavial / Licores na moringa / Um vinho tropical / E a linda mulata / Com rendas do Alentejo / Arrebato um beijo / Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

Os árabes deixaram marcas indeléveis na alma portuguesa, como bem detectaram Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, e o último reduto mouro na Península Ibérica foi a região de Nova Granada, retomada pelos espanhóis no último capítulo das guerras da Reconquista. Numa canção ímpar, “Corsário”,¹⁹⁴ João Bosco também compreendeu a via de mão dupla do intercâmbio cultural entre os elementos dominadores e dominados, e registra essa mescla e fusão de valores culturais pela perspectiva do árabe saudoso e nostálgico – e aliás, a propósito, o artista da zona da mata mineira tem essa ascendência:

Meu coração tropical / Está coberto de neve, mas, ferve em seu cofre gelado / E a voz vibra e a mão escreve: mar. / (...) Roseirais! Nova Granada de Espanha! / Por vocês, eu, teu corsário preso / Vou partir a geleira azul da solidão e buscar a mão do mar. Me arrastar até o mar, procurar o mar. / (...) Mesmo que eu mande em garrafas mensagens por todo o mar, / Meu coração tropical partirá esse gelo e irá com as garrafas de

¹⁹² BUARQUE, Chico. Fado Tropical. In: **Chico Canta**, Rio de Janeiro: Polygram, 1973. 1 disco compacto (31:12): digital, estéreo. 61471070.

¹⁹³ MARRAS, Stélio. O fado tropical de Gilberto Freyre. In: **Cult** – Revista Brasileira de Literatura. São Paulo: Lemos Editorial, n.32, mar.2000. PP.38-49.

¹⁹⁴ BOSCO, João. Corsário. In: **João Bosco ao Vivo**. Rio de Janeiro: BMG Music, 2000. 1 disco compacto (48:52): digital, estéreo. 707711622.

Náufrago... / E as rosas partindo o ar! / Nova Granada de Espanha / E as rosas partindo o ar.

Nessa simbiose de povos e culturas, árabes, judeus e libaneses e descendentes coexistem no mesmo espaço, católicos e protestantes freqüentam as mesmas escolas, rituais afro-brasileiros estão mais intactos deste lado do Atlântico do que na África dilacerada pelas disputas políticas e econômicas, a mitologia indígena persiste fundida na cultura brasileira e o espiritismo kardecista tem muito mais abrangência do que na França de Allan Kardec.

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ENTRE O IMPÉRIO E A PRIMEIRA REPÚBLICA

Indubitavelmente, o processo histórico é plural e amplo, e as ações dos atores sociais estão inseridas num contexto objetivo, permeado por fatores políticos, ideológicos, culturais e econômicos. Nosso foco específico, a viabilização de um projeto de organizar e construir uma escola, o Collégio Allan Kardec em questão, ainda que inspirado numa relativamente distante doutrina espiritualista francesa, é balizada por elementos diversos.

Lembrando os historiadores franceses, a propósito sobre a escolha do título dos “Annales d’histoire économique et sociale” (Anais de história econômica e social), Lucien Febvre lembrou que os dois epítetos escolhidos por ele e por Marc Bloch decorreu de seu caráter vago e genérico, que englobava toda a história: “... Não há história econômica e social. Há a história pura e simples em sua unidade. A história que é toda social, por definição”.¹⁹⁵

A partir dessas premissas, no presente capítulo, buscamos abordar as várias faces pelas quais perpassavam o Brasil à época do professor Eurípedes Barsanulfo na emergente Sacramento no Paranaíba Mineiro, cuja escola esteve sob sua direção entre 1907 a 1918. Será pontuado, nos próximos itens o (1) mapeamento dos debates sobre as várias faces das esferas educacionais e da própria discussão que havia da identidade nacional nos quadros do fim do Império e limiar da República brasileira, época de fervilhantes construções teóricas impulsionadas pelo despertar de uma certa *modernidade tardia*.

¹⁹⁵ LE GOFF. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques et.al. **A História Nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 29-37.

E, o liberalismo, formulação fundamental do Iluminismo francês cuja acepção tendeu mais para o debate ideológico numa vinculação à burguesia, é uma noção essencial para a discussão e o desenvolvimento da educação brasileira.

Em seguida, apresentamos (2) apontamentos diversos sobre a história da educação no período e, arrematando a unidade, discussões (3) acerca da organização da Primeira República, cujo desenrolar frustraria as expectativas de seus ativistas mais comprometidos com as transformações sociais, tendo em vista o encastelamento dos cafeicultores nas esferas de poder estaduais e federal.

1 – Liberalismo e Educação no Brasil: do Império ao advento Republicano

Quando o tema é liberalismo ou pensamento liberal, as confusões semânticas que permeiam o assunto no Brasil são notórias, bem como outros conceitos que tangenciam o debate político nacional. Apenas para exemplificar, a própria identidade dos partidos políticos ou, ainda, as noções nascidas da Assembléia Constituinte da Revolução Francesa de *esquerda* e *direita* são fluidas e incertas. E as raízes históricas dessa falta de nitidez conceitual são profundas em nossa formação nacional.

No desenrolar do Segundo Reinado, perguntado, certa vez, sobre as diferenças entre os Partidos Liberal e Conservador - as primeiras agremiações organizadas no país -, o deputado Marquês de Paraná saiu-se com uma tirada que ficaria notabilizada: “...ninguém é mais liberal do que um conservador na oposição; e ninguém é mais conservador do que um liberal no poder.”¹⁹⁶

Noutra passagem, ainda mais distante no tempo - nos conturbados anos do Período Regencial (1831/1840) -, Bernardo Pereira de Vasconcelos, importante quadro do grupo “Regressista”, facção dos Liberais Moderados, justificava suas posições: “Fui liberal. Então a

¹⁹⁶ In: ALENCAR, Chico et.al. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996, p.163.

liberdade era nova para o país, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade, que até então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero servi-la, quero salvá-la, e por isso sou regressista”.¹⁹⁷

Na fala desse eminente deputado, são denotadas, além da justificativa pela mudança de posicionamento partidário-ideológica, a preocupação com a *ordem social* – era um momento histórico tenso com o país sacudido por quatro grandes rebeliões e agitações populares, do Rio Grande do Sul ao Pará – com o liberalismo restringido às lutas pela independência, a democracia e os princípios civis associadas à anarquia e o conservadorismo como antídoto aos males que ameaçavam a nação.

Os termos liberal e liberalismo têm sido erroneamente interpretados ao longo da trajetória brasileira, tanto no passado imperial, com a consolidação do Estado brasileiro, quanto nas discussões atuais e a articulação do conceito à idéia de *neoliberalismo* ou mesmo sua restrição à dicotomia *direita x esquerda*, associando-o ao *direitismo* e à defesa do grande capital.

Afinal, o que vem a ser liberalismo? Poderíamos argumentar que o pensamento liberal, em seu sentido estrito, não tenha sido efetivamente implementado na política e na sociedade brasileira?

Foi no bojo da perspectiva liberal que os debates em torno de um projeto nacional de educação mais se manifestaram. No próximo tópico, discutimos a construção, os fundamentos e as perspectivas desse pensamento, constituído a partir do desenvolvimento histórico do ocidente e da consolidação da burguesia como classe hegemônica.

7.1 – A Modernidade Ocidental Burguesa

¹⁹⁷ Id. *Ibidem.*, p.149.

Em que pesem críticas e questionamentos ao ocidentalismo, como, por exemplo, nos recentes e crescentes acirramentos na geopolítica do Oriente Médio, ou ainda em categorias acadêmicas como o relativismo cultural, esforço metodológico e empírico para a compreensão da multiplicidade de culturas e olhares humanos, não podemos de modo algum refutar as contribuições do processo histórico do capitalismo e da consolidação burguesa no ocidente cristão.

Noções basilares da contemporaneidade como o Estado de direito, cidadania, educação universal, direitos humanos e democracia, difundidas pelo mundo e que configuram a denominada *modernidade*, têm sua gestação, desenvolvimento e consolidação com a própria trajetória histórica do capitalismo e da classe burguesa na superação do antigo regime. O liberalismo, entendido como o conjunto de liberdades do indivíduo, foi o substrato ideológico das transformações de estruturas políticas e sociais tradicionais para a plenificação do modo de produção capitalista. As raízes do liberalismo encontram-se, certamente, na experiência histórica da modernidade.¹⁹⁸

No âmbito político, o pensamento liberal poder ser entendido pelas idéias do sufrágio, da representatividade e da separação dos poderes e, como movimento econômico, pelo não intervencionismo do Estado na economia e a noção do livre mercado. Fosse em seu sentido político ou econômico, procurou proteger o indivíduo que, dentro de seu marco social, afigurava-se pela cobiça em adquirir sua liberdade.

José Guilherme Merquior, um dos principais teóricos brasileiros dessa linha de raciocínio, sustenta que a doutrina liberal clássica consiste em três elementos:¹⁹⁹ a teoria dos direitos humanos; o constitucionalismo; e a economia clássica, ramo inaugurado por Adam Smith e sistematizado por Stuart Mill.

¹⁹⁸ MERQUIOR, José Guilherme. MERQUIOR, José Guilherme. **O Argumento Liberal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

¹⁹⁹ Idem., pp.10-16.

Numa acepção temporal, Norberto Bobbio descreve a transformação da própria concepção de homem, cujo espírito foi se afirmando na Europa em ruptura com a Idade Média, tendo como suas etapas essenciais a *Renascença* e sua concepção antropocêntrica; a *Reforma Protestante*, sobretudo com Calvino, que trouxe a doutrina do livre exame e derrubou o princípio da necessidade de uma hierarquia eclesiástica como órgão de mediação entre o homem e Deus; e o *Racionalismo*, de Descartes ao Iluminismo, cujo ponto de partida fora a defesa da razão em contraposição às tiranias da fé, da Igreja e do Estado.

(...) As origens do Liberalismo coincidem, assim, com a própria formação da 'civilização moderna' (européia), que se constituiu na vitória do imanentismo sobre o transcendentalismo, a liberdade sobre a revelação, da razão sobre a autoridade, da ciência sobre o mito.²⁰⁰

Esse longo processo de tempo, que corresponde à denominada Idade Moderna, corroborou, juridicamente, o paradigma do *Estado de Direito*, denominação dada pelas constituições democrático-liberais ao tipo de organização política que elas configuram, ao preconizar os homens como livres, iguais e proprietários. Nessa larga trajetória pela história, o Liberalismo animou "... o constitucionalismo europeu e norte-americano. Foi a ideologia que atrelou o jusnaturalismo revolucionário dos séculos XVII e XVIII, justificando a *Glorious Revolution*, o puritanismo da Revolução Inglesa, em que triunfou o parlamento, a Independência Americana e a Revolução Francesa".²⁰¹

Rompendo com a tradição absolutista, a imagem de sociedade implícita nesse paradigma surgiu efetivando uma cisão, caracterizada pelo dualismo entre a sociedade civil, representada pela *esfera privada* e a sociedade política, representada pela *esfera pública*, competindo ao Estado assegurar certeza nas relações sociais, compatibilizando os interesses privados de cada um com os interesses de todos os membros da comunidade.

²⁰⁰ BOBBIO, Norberto, et.all. **Dicionário de Política** [Verbete: Liberalismo]. 2.ed., vol. 2. Brasília: Editora UnB, 1992, pp-686-704.

²⁰¹ SOARES, Mário Lúcio Quintão. **Teoria do Estado**. 2.ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2004, pp. 81-91.

Todavia, vale frisar, mais do que um conceito jurídico, o *Estado de direito*, construído pelo *liberalismo*, é um conceito político, que consistiu em instrumento de luta da burguesia contra o Estado absolutista e seus resquícios feudais e estamentais.

No campo educacional, os postulados *liberais* e *iluministas* contribuíram sobremaneira para o processo de laicização do ensino, que foi típico do mundo moderno.

O século XVIII foi profícuo em produções filosóficas, políticas e literárias. Dotado de pensamento emblemático, Rousseau elaborou novas perspectivas que norteariam as reflexões pedagógicas posteriores. Opondo-se ao ideal aristocrático do cortesão ou do gentil-homem, propôs o desenvolvimento livre e espontâneo a partir da existência concreta da criança, gestando um princípio de educação fundamentado na cidadania e na liberdade do indivíduo. Numa linha similar, Kant sustenta a valorização do sujeito como ser autônomo e livre, em que tanto o conhecimento como a conduta, consistem a sua obra.

Para Franco Cambi ²⁰², o *século das Luzes* significou a “...emancipação das condições de vida e de produção de âmbito local...; emancipação de uma concepção do mundo dominado pelo modelo religioso (e pela igreja) e de uma explicação mágica dos eventos...”. Essa tendência individualista, típica do liberalismo, persistiu no século XIX.

No que tange às discussões pedagógicas no Brasil, decerto o conceito ora analisado também suscita interpretações errôneas e distorcidas. Antônio Paim, em sua obra intitulada “O Liberalismo Contemporâneo”, ²⁰³ destaca a relevância da educação liberal, constituída na modernidade e no sistema de ensino criado pelas igrejas protestantes. Denominada no século retrasado como “educação popular”, a transição das escolas confessionais para o sistema público ocorrera mediante embates tanto teóricos quanto de lutas políticas, conduzindo a constituição de legislação, que fixou o caráter do ensino oficial sem interferência na liberdade

²⁰² CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.323.

²⁰³ PAIM, Antônio. **O Liberalismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, pp.113-5.

religiosa. Paim sustenta que “... Somente em nosso século [XX] este sistema de ensino foi batizado de forma adequada. Chamou-se de *educação para a cidadania*” [grifo do autor].²⁰⁴

Apresentados esses enfoques conceituais, essenciais para a compreensão da articulação entre indivíduo e sociedade, elemento caro ao desenvolvimento da educação, passamos a analisar, no tópico seguinte, a pedagogia e as discussões educacionais nos tempos da transição do Império para a República, quando preceito liberal foi essencial tanto para o pensamento do Brasil, como nação em formação, quanto para o despertar dessa consciência nacional em gestação. Os projetos e perspectivas de ampliação do sistema educativo permeavam esse debate.

2 – Pedagogia e Educação nos quadros da República dos Coronéis

2.1 – você sabe com quem está falando?

A rigor, a história nova francesa, como discutido na introdução deste trabalho, arejou e ampliou as noções e disponibilidades de fontes documentais para o estudo histórico. No terreno da *história das instituições escolares*, apenas destacando alguns itens acessíveis ao historiador, são importantes fontes os jornais de época, fotografias, diários de classe, interpretação de estilo arquitetônico, atas diversas – oficiais ou institucionais.

²⁰⁴ Id. *Ibidem.*, p.113.

É sabido e notório – e que insiste em persistir na contemporaneidade - o caráter elitizado do ensino e a verticalização da sociedade brasileira. Ainda mais do que hoje, nos tempos do Império e da Primeira República, tempos de escassa mobilidade social e sem critérios de meritocracia para o ingresso no serviço público, o diploma superior, o status e o nascimento eram fundamentais para a inserção política e social.

Recorrendo à literatura como recurso de análise histórica, buscamos algumas passagens de autores clássicos que realçam esse enfoque.

Machado de Assis, fino intérprete das relações sociais de seu tempo e hábil no desvendar das máscaras sociais, em “Teoria do Medalhão”, dispara:

Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam a primeira sílaba do nosso destino.²⁰⁵ [grifo nosso]

No conto em questão - tecido em diálogo em que o pai, num tom irônico, ensina ao filho as estratégias para o reconhecimento social, que implicam a aderência ao senso comum e à opinião da maioria -, Machado denunciava a sociedade burguesa medíocre e arrogante, que pregava o sucesso a qualquer preço.

Nessa linha de crítica ao utilitarismo da educação e a preponderância do título numa sociedade excludente, o escritor fluminense destaca, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”:

Um grande futuro! (...) Talvez naturalista, literato, arquiteto, arqueólogo, banqueiro, político ou até bispo, - bispo que fosse, - uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. (...) No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso.²⁰⁶

Machado tece as visões e críticas sociais de sua época por intermédio de um defunto, Brás Cubas (“Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem

²⁰⁵ ASSIS, Machado de. Teoria do Medalhão. In: **Contos Escolhidos**. Rio de Janeiro: Klick Editora, 1998, pp.30-8. O conto foi publicado originalmente em “Papéis Avulsos”, coletânea de contos editada em 1882.

²⁰⁶ ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Klick Editora, 1998, pp. 61-2

conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte...” que rememora sua trajetória. Na passagem assinalada, o personagem, mandado para Coimbra a fim de concluir seus estudos superiores (e como castigo por um amor marginal), exaltava muito mais as possibilidades de aventuras na capital da antiga metrópole, do que a formação intelectual em si.

Outro mestre das letras da transição dos séculos XIX para o XX, Lima Barreto, assim como Machado também afrodescendente, denuncia através de seu *alterego*, o pobre protagonista Isaías Caminha, em *Memórias do Escrivão Caminha*²⁰⁷, suas próprias melancolias e dificuldades diante das barreiras sociais, assim como a importância do título de “doutor” para a busca de espaço naqueles tempos:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha cor... Nas dobras *do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora...*[grifo nosso].

A literatura é rica e pródiga em nos oferecer retratos de épocas; e, sobretudo, por meio de penas ímpares como as de Machado ou Barreto, podemos vasculhar as intrincadas cadeias da sociedade e valores diversos –, inclusive temáticas do terreno da *Educação*²⁰⁸ –, tornando um recurso precioso e relevante, sobretudo em períodos de escasso acervo documental.

A rigor, a educação brasileira, nas primeiras três décadas da República, trazia a herança Imperial ao mesmo tempo em que traduzia as estruturas políticas e econômicas vigentes onde a oligarquia cafeeira recusava as renovações no âmbito cultural: caracterizada pelo viés elitista, a educação elementar da época recebia reduzida atenção e a secundária permanecia meramente

²⁰⁷ BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Caminha**. São Paulo: Ática, 1984, pp.5-12.

²⁰⁸ O professor da UFMG, Luciano Mendes de Faria Filho, analisa no artigo “O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX – uma introdução” o leque de fontes acessíveis e pertinentes ao estudo da História da Educação, como a literatura, nosso foco ora em tela, em que destaca as críticas severas de Bernardo Guimarães às instituições da família e da igreja nos romances *O Seminarista* e *O Garimpeiro*; as autobiografias e os diários – ricas fontes inexploradas; e relatórios que tratam da instrução primária. ARAÚJO, José Carlos e GATTI JR. Décio. **Novos Temas em História da Educação: Instituições Escolares e Educação na Imprensa**. Uberlândia: UDUFU, 2002, pp.133-50.

propedêutica, caracterizada como preparatório ao curso superior, restrita aos estratos privilegiados da sociedade.

Em conferência de 1907, Olavo Bilac, autor do livro pioneiro da literatura paradidática no Brasil, que seria publicado em 1910, mencionava alguns dados do panorama educacional brasileiro:²⁰⁹ havia 638.378 alunos matriculados no ensino fundamental, para uma população de 20.215.000 almas, como se dizia. Pelo menos 67% dos brasileiros viviam na zona rural, cujo acesso a escola e livros era muito precário.

Na construção da escolarização do Brasil, o ensino privado desempenhou o papel de implantação de instituições de ensino. Coerente com a lógica *liberal* do *laissez-faire, laissez-passer*, a iniciativa particular esteve totalmente desembaraçada, inclusive, de qualquer interferência governamental.²¹⁰ Em 1823, certa lei declarava em vigor, entre outros atos das *Côrtes Portugêsas* [sic], o decreto de 21 de junho de 1821, que permitia “a qualquer o ter Escola aberta de primeiras letras sem dependência de exame ou de qualquer licença”. A primeira Constituição do país independente, outorgada por Pedro I em 1824, restringia tal liberdade, embora sem posterior efetivação, vedando as instituições que se opusessem “....aos costumes públicos, à segurança e saúde dos cidadãos”.²¹¹

À época, a qualidade do ensino ministrada era demasiadamente baixa e questionável, com professores improvisados e com baixos salários, o que os conduzia à dedicação de outras atividades simultâneas.

Em 1837, com o Brasil governado pela Regência, em decorrência da minoridade do herdeiro do trono, fora fundado o Colégio D. Pedro II, na Côrte, cujo propósito, mais tarde, foi o estabelecimento de um padrão de ensino que, embora fosse da alçada das províncias, esse colégio ficaria sob a jurisdição da coroa, sendo o único autorizado a realizar exames parcelados para conferir grau de bacharel, indispensável para o acesso aos cursos superiores.

²⁰⁹ BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. **Através do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.11-32.

²¹⁰ HAIDAR, Maria de Lourdes M. **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 1972, p.199.

²¹¹ Id. *Ibidem*, p.163.

Tal disposição significou um complicador do quadro educacional do país, fazendo com que o ensino secundário torna-se propedêutico.²¹²

Apenas em 1854, com a reforma Couto Ferraz, foram impostas normas ao exercício de ensinar na capital imperial, ficando o governo autorizado a reformar o ensino primário e secundário no país, criando um organismo técnico-administrativo visando à fiscalização das escolas e estabelecimentos públicos e privados do país.

Contudo, como observa a professora Maria de Lourdes Haidar,²¹³

O maior obstáculo à melhoria do ensino nos estabelecimentos particulares era (...) o desejo geral de percorrer o mais rapidamente possível as disciplinas preparatórias a fim de apressar o ingresso nos cursos superiores (...). A procura de estudos rápidos incentivada pela facilidade de preparatórios gerava, portanto, um sistema de concorrência que desfavorecia os melhores estabelecimentos e premiava a charlatanice.

Obrigados a habilitar-se perante a Inspeção Geral da Instrução Pública, criada pela reforma, mediante a apresentação de provas de capacidade profissional e de moralidade, “...alguns estabelecimentos se fecharam e alguns professôres deixaram de lecionar, cômicos de que não poderiam satisfazer as mais equitativas exigências da lei”, relatou o então Inspetor Geral Eusébio de Queirós, político conservador e magistrado, que seria imortalizado pela lei que proibiu o tráfico de escravos no Brasil.

Todavia, embora em menor número, também havia estabelecimentos particulares reconhecidos pela qualidade, como o célebre Caraça - fundado por padres lazaristas portugueses em 1820 e dirigido, após 1850, pelos lazaristas franceses - reconhecido pela disciplina rígida e severa, com o estudo de humanidades realizado em sete anos; ou, ainda, o Ginásio Baiano, fundado em 1858 pelo futuro Barão de Macahubas, colégio onde Castro Alves e Rui Barbosa realizaram seus estudos preparatórios.

²¹² ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989, pp.189-194.

²¹³ HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op.cit., pp. 169-170.

Entre 1860 a 1890, foram fundados importantes colégios, organizados pela iniciativa particular, alguns protestantes, mas, sobretudo, católicos – entre os quais, os Jesuítas, que retornaram ao Brasil oitenta anos após a expulsão pelo ministro todo-poderoso da corte de D. José, o Marquês de Pombal. Essa tendência de escolarização era oposta à mundial, que trilhava o rumo da laicização; ao contrário, aqui predominava o ensino confessional católico.

O último quarto do século XIX foi marcado por importantes transformações – que desaguiariam na própria proclamação da República – verificadas por certo surto industrial e o conseqüente fortalecimento da burguesia urbana, pela intensificação da política imigratória e a abolição da escravatura, ocorrida após intensa campanha capitaneada por diferentes segmentos sociais.

2.2 - Brasil, a modernidade tardia

Viradas de século sempre são emblemáticas. E o século XX trazia para o Brasil, em seu bojo, aspirações de modernidade e redescoberta. A República superava suas desavenças e a Fase da Espada, alusão aos governos militares de Deodoro e Floriano (1889/1894), era superada numa relativa normalidade institucional – em que pesasse a mancomunação entre as elites cafeeiras de São Paulo e Minas, patenteada nos políticos do *café-com-leite* e na *política dos governadores*, esta última inaugurada por Campos Salles (1898/1902).

Em 1901, Affonso Celso lançava uma obra que se transformaria em best-seller, “Por que me ufano de meu país”, escopo ideológico para as mudanças, busca de uma construção de identidade nacional ou mesmo celebrações de afirmação da nacionalidade – quatrocentos anos de descoberta (1900), centenário da abertura dos portos (1908).

Ainda nesse contexto, mais precisamente em 1910, Olavo Billac e Manoel Bonfim escreveram e publicaram o pioneiro da literatura paradidática no país, “Através do Brasil”, um libelo pela elevação da consciência e da busca da identidade nacional.

Ex-escravos, tropeiros, comerciantes, caixeiros viajantes, que compunham os painéis dos *tipos* da brasilidade, oferecem aos dois protagonistas, os irmãos Carlos e Alfredo, a redescoberta do país mediante o descortinar dos inúmeros cenários geográficos e sociais. Ao percorrerem o Brasil de norte a sul, em busca do pai doente e, posteriormente, dos familiares remanescentes, os irmãos vislumbram uma situação que correspondia, em grande medida, à expectativa de diversos setores que enfocavam, no cerne do debate nacional, a importância da educação e da desanalfabetização como passaporte à cidadania e à modernidade.

É nessa conjuntura efervescente e de ímpetos de modernidade *via educação* que se inscreve o foco de nossa dissertação de mestrado, a escola de Eurípedes Barsanulfo em Sacramento – de 1907 a 1918.

No entanto, é adequado também clarear certos pontos: quais idéias acerca da identidade nacional, dos marcos pedagógicos, permeavam o debate intelectual? Qual era a legislação pertinente? Sobre tais indagações, discutiremos no próximo item.

2.3 – “O otimismo pedagógico e o entusiasmo pela educação”

Desde fins do Império, positivistas como Benjamin Constant, Miguel Lemos e Luís Pereira Barreto intensificaram, no campo educacional, a luta pela escola pública, leiga e gratuita. Corroborando com as premissas da escola filosófica de Augusto Comte - que tanto influenciaram a construção da República - a *Reforma Leônicio de Carvalho*, em 1879, sustentava a liberdade de ensino, freqüência e de credo religioso.

O *positivismo*, assim como seu parente próximo o *evolucionismo*, ofereciam os substratos teóricos e ideológicos que permeavam tanto as discussões educacionais como os debates acerca da busca pela identidade nacional. O paraense José Veríssimo – jornalista,

escritor, educador, político nacionalista, republicano histórico – publicaria no Pará, em 1890, primeiro ano de funcionamento da República, “A Educação Nacional”, escrito sob o impacto da transformação. Sobre a importância do processo educacional na construção da nação, esclarecia suas convicções:²¹⁴

(...) É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é à nação que cumpre corrigir [sic] e reformar se quisermos realize a República as bem fundadas e auspiciosas esperanças que alvoreceu nos corações brasileiros. Para reformar e restaurar um povo um só meio se conhece, quando não infalível, certo e seguro: *é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada acepção desta palavra.* Nenhum mais propício que este para tentar esse meio, que não querem adiado os interesses da pátria. [Grifo nosso]

Veríssimo inscreve-se numa geração cujo grande paradigma fora Silvio Romero, crítico literário, que contribuiu notadamente para a constituição de reflexões sobre o país e da emergente nação. Romero, ao lado de Euclides da Cunha e do médico baiano Raymundo Nina Rodrigues, considerados os precursores das Ciências Sociais do Brasil e também chamados de “racistas históricos”, interpretaram a realidade do Brasil a partir das categorias de meio e raça, chegando a combinar aos efeitos da mestiçagem a indolência e a ignorância do povo²¹⁵.

Essa visão determinista, em voga no final do século retrasado, engendrou aquilo que o antropólogo Roberto da Matta chamaria de “fábula das três raças”,²¹⁶ que se fundiram nos “laboratórios das selvas tropicais”, inserindo o negro na problemática nacional.

O *evolucionismo* expresso, sobretudo, por Spencer – que oferece o arcabouço teórico para tal linha de pensamento – apresenta o suposto de que as diferentes sociedades humanas, ao longo da história, evoluem naturalmente de estágios “simples” (povos primitivos) para os mais “complexos” (sociedades ocidentais). Politicamente, possibilitava à elite europeia a tomada de consciência de seu poderio consolidado com a expansão do capitalismo mundial.

É nítida a percepção de José Veríssimo, corroborando os citados autores de sua geração, da importância dos fatores étnicos e geográficos na explicação de nosso atraso. Para ele, os

²¹⁴ VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, p.9.

²¹⁵ ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003, pp.13-27.

²¹⁶ DA MATTA, Roberto. **Relativizando**, uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981, p.58.

princípios de disciplina e o hábito do trabalho programado e sistemático – “contra o qual teriam atuado tanto a *nossa formação mestiça quanto a herança portuguesa* do trato fácil com a terra que tudo oferecia” [grifo nosso] – são, por isso, a base da “Educação Nacional”.

Em conferência proferida na Escola normal de São Paulo em agosto de 1916, o pernambucano Carneiro Leão ²¹⁷, outro expoente do pensamento educacional brasileiro, analisou o papel da educação numa perspectiva nacionalista, mais sintonizado com o modernismo da década de 1920 ou o pensamento social de Freyre e Caio Prado Jr., que viriam nos anos 1930.

A idéia de *progresso* é latente na retórica de Leão. Sobre a importância de São Paulo – desde o fim da monarquia o estado, política e economicamente, mais pujante do país, enfatizava:

Falar em São Paulo, que tem sido o mentor alviçareiro da nossa civilização e desta Escola, de onde há de vir o espírito revigorado da nossa nacionalidade – porque é della que sahirão os mestres modernos, os professores cultos, os bellos espíritos que vão emprehender um Brazil forte, um Brazil grandioso, *pela obra prodigiosa da educação*. [grifo nosso]²¹⁸.

Leão criticava a educação literária e humanista (“...[que] só nos habilita para as carreiras públicas, só nos cria o gosto e o interesse pelas funções burocráticas!”) e destacava a necessidade de uma educação prática voltada para o sentido do trabalho.

Correlacionando o desenvolvimento capitalista econômico e industrial ao processo educacional, sustentava comparativamente:

Não há grande povo sem um processo sério de educação. ... Quaes os povos mais victoriosos e mais felizes? – Aquelles que têm uma educação mais generalizada e perfeita. ... Veja a Inglaterra, os

²¹⁷ CARNEIRO LEÃO, A. **O Brasil e a educação popular**. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commércio, 1917, p.14.

²¹⁸ Id. *Ibidem.*, pp.16-7.

Estados Unidos, a Alemanha, a Suíça, a Escandinávia, o Japão... foi a educação que os fez grandes. (...) Se a educação é o desenvolvimento, o aperfeiçoamento das aptidões físicas, intelectuais e morais do indivíduo, claro que está que mais educado será aquele, que melhor desenvolver essas aptidões e a maior nação a que tiver maior número de cidadãos assim feitos.²¹⁹

As mudanças nas primeiras décadas do século eram latentes. Urbanização, industrialização, florescimento de uma classe média e desenvolvimento de um proletariado urbano. Nesse quadro, as teorias racistas foram se tornando obsoletas e, talvez, a melhor síntese dessa nova tendência viria mais tarde, nos anos 1930 e na Era Vargas, com a publicação de *Casa Grande & Senzala*²²⁰, de Gilberto Freyre, inaugurando uma linha de reflexão, que a citação de Florestan Fernandes bem a sintetizaria: “...o brasileiro tem preconceito de não ter preconceito”²²¹. Era o mito da democracia racial.

Os anos 1910 foram muito profícuos no desenvolvimento de doutrinas nacionalistas, e, sobretudo, a Primeira Grande Guerra (1914/1918) forneceria os componentes para o estabelecimento do nacionalismo como corpo de idéias e primeiras estratégias de ação. As campanhas de Olavo Bilac desencadearam a formação da Liga de Defesa Nacional²²² (7/9/1916), cujas teses, apresentadas em conferência aos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, transitavam pela crítica ao sistema eleitoral vigente, a condição de ignorância das massas populares até a influência da cultura européia, que ameaçava a língua e os costumes nacionais. No campo da educação escolar, tais manifestações buscavam efetivar uma ampla difusão de livros didáticos de conteúdo moral e cívico e nítido enfoque patriótico.

Além do perigo externo – ameaça da integridade territorial pelo avançar da grande guerra, efetivada em certa medida pela cobiça expansionista das potências do velho mundo –, os nacionalistas denunciavam o perigo interno advindo pela falta de instrução e, fazendo frente a essas ameaças, suas pregações enfocavam a formação da consciência nacional, com teses,

²¹⁹ Id. *Ibidem.*, p.17.

²²⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 50.ed. São Paulo: Global, 2005.

²²¹ FERNANDES, Florestan. *O Negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

²²² NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p.65.

pensamentos e princípios que sustentavam a “inexistência de povos irremediavelmente fracos” e demonstrar a falsidade de determinadas afirmações pseudo-científicas, segundo as quais a mestiçagem torna as raças incapazes”, como afirmava Bilac em 1917.²²³

Ainda que gradativamente, ocorria a transição de uma sociedade agrário-exportadora para uma urbano-industrial, as estruturas políticas e econômicas do país ainda eram, porém, arcaicas e contraditórias. A República, definitivamente, não cumpria os propósitos de seus elementos mais ideológicos do processo de ruptura com o Império.

As políticas que visavam à modernização do sistema educacional, discurso presente à época da Proclamação, refletem o grau de instabilidade do próprio regime. Entre 1889 e 1920, quatro reformas²²⁴, de Benjamim a Maximiliano, se sucederam, alternando a dicotomia *centralização x descentralização* típicas da ordem política instalada.

A primeira delas, a mais ampla, que, no entanto, não chegou a efetivar-se integralmente, ocorrera pouco antes da promulgação da nova Constituição - em 1890 -, a de *Benjamin Constant*, republicano histórico e ministro da “Instrução Pública, Correios e Telégrafos”. Tentou aperfeiçoar o currículo, com a introdução de disciplinas científicas, consagrou o ensino seriado, aboliu os exames parcelados dos preparatórios e introduziu o exames de madureza para a verificação da cultura intelectual dos alunos e seu ingresso nos cursos superiores. Essa reforma careceu, decerto, de infra-estrutura adequada no país para a sua implementação.

Em 1901, o governo do presidente Campos Salles (1898/1902), promulgava o Decreto 3.890 (1º de janeiro), a chamada *Reforma Epitácio Pessoa*, e complementar a esse código o *Regulamento do Ginásio Nacional* (Decreto 3.914, de 26 de janeiro de 1901). O regime de equiparação - sujeito à fiscalização ampla - foi consolidado e aplicado genericamente aos estabelecimentos estaduais, municipais e particulares e se constituiu como importante

²²³ Id. *Ibidem*, p.67.

²²⁴ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 28.ed. Petrópolis: Vozes, 2003; NAGLE, Jorge. *Op.cit.*, passim.

mecanismo de ação do governo central. Nessa reforma, também, os exames de madureza foram mantidos e programada a implantação de estudos seriados a partir do curso ginasial – substituindo os exames parcelados de preparatórios. Sem acarretar nenhuma mudança substancial ao sistema, outras reformas se sucediam...

Portanto, vale focalizar, o Collégio Allan Kardec foi fundado em 1907 – no bojo da *Reforma Epiácio Pessoa*. Nossa abordagem acompanha sua trajetória com Barsanulfo à frente do educandário, até seu falecimento, em 1918, atravessando ainda outras duas reformas, descritas a seguir.

Em 1911, no governo do marechal Hermes da Fonseca, foi aprovada a *Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental*, proposta encaminhada pelo ministro Rivadávia Correa, a terceira do período republicano.

Retrocedendo na evolução do sistema, concedeu ampla liberdade e autonomia aos educandários, quase suprimindo seu caráter oficial. Eliminando as prerrogativas das escolas secundárias, como a emissão das cartas de bacharel e pelos certificados de exames ginasiais ou de preparatórios conferidos pelo Ginásio Nacional ou estabelecimentos equiparados para que os estudantes ingressassem legalmente no ensino superior. Conseqüentemente, instituiu o vestibular – ou “exame de entrada” - para a admissão em escolas superiores, sem a necessidade de apresentação de qualquer atestado de estudos secundários. Seus impactos, decerto, foram desastrosos, e nova reforma fez-se necessária.

Na presidência do mineiro Venceslau Brás, ocorreu a quarta reforma republicana, por meio de decreto de 18 de março de 1915, que ficaria conhecida como *Lei Carlos Maximiliano* (1915/1925).

Acerca da ingerência do Estado em assuntos de instrução, essa reforma significou um meio-termo entre as anteriores. Reoficializou o ensino, cabendo ao governo federal a tarefa de disciplinar a instrução secundária, e o Colégio D.Pedro II foi reformado, voltando à função de estabelecimento-modelo. No entanto, restaurou a tradição imperial dos exames preparatórios e

da *Lei Rivadávia* manteve o exame de ingresso no curso superior, que eliminava os privilégios escolares.

Apesar das desorganizações nítidas na República Oligárquica, as transformações na infra-estrutura econômica – industrialização, urbanização, substituição de importações – começariam a produzir um conjunto de mudanças sociais e políticas na história brasileira dos anos 1920 – “Semana de Arte Moderna”, “Tenentismo”, emergência de setores sociais urbanos –, que terminaram por desaguar na “Revolução de 1930”, movimento de caráter burguês, caracterizado, em boa parte da historiografia brasileira, como “modernização conservadora”.

Jorge Nagle, em seu reconhecido “Educação e Sociedade na Primeira República”²²⁵, demonstra a evolução do ensino no país nos quadros daquele regime, focalizando a ruptura do modelo agrário-exportador e a emergência e consolidação do padrão urbano-industrial, transição tangenciada por uma tomada de consciência de significativos setores da sociedade acerca da relevância histórica da educação e da necessidade da “desanalfabetização” da população brasileira. Interpretando esse período de nossa história, o professor Nagle articulou duas categorias analíticas, o *otimismo pedagógico* e o *entusiasmo pela educação*, que, conjugadas, permitem clarear o entendimento acerca da notável expansão do ensino, almejada e incentivada pela movimentação da sociedade civil e verificada mais nitidamente nos anos 1920.

Com efeito, na *Reforma Rocha Vaz*, em 1925, sob o governo do também mineiro Arthur Bernardes, possibilitava, pela primeira vez, o acordo entre União e Estados visando ao incremento da educação primária, a eliminação dos exames preparatórios e parcelados, herdados do Império, e finalmente, a seriação do curso secundário.

3 – “Essa não é a República de nossos sonhos” – o Brasil à época de Barsanulfo

²²⁵ NAGLE, Jorge. Op. cit., Passim.

Quando o antigo professor do Liceu Sacramentano e médico prático Eurípedes Barsanulpho inaugurava o primeiro educandário do mundo fundamentado nos pressupostos do codificador da doutrina espírita, Allan Kardec, em 1907, na pequenina e jovem “Cidade do Sacramento” – município do Alto do Paranaíba mineiro, que, à época, não contava com mais de dez mil almas –, vivia o Brasil tempos de acomodação dos entreveros e rusgas que a República experimentara nos primeiros anos, e, ainda, diante das expectativas de *modernização* - plataforma e retórica arejadas pelos mesmos ventos e promessas que catapultaram o regime republicano ao cenário político da história do país.

Efetivava-se, naquela época, o governo de Afonso Pena, eleito e empossado no ano anterior (1906/1909), presidente que inaugurava o ciclo de Minas no jogo do café-com-leite, pérfida aliança das oligarquias paulista e mineira para o controle da política nacional. Nessas elites, a força dos cafeicultores, embalados pela preponderância do ‘ouro negro’ na pauta de exportações do país. A República cristalizava sua face mais reacionária, traíndo as convicções de seus ativistas mais articulados, como Aristides Lobo ou Silva Jardim.

Em que pesasse a popularidade e a notória probidade de D. Pedro II, a monarquia agonizou em suas últimas duas décadas. Subtraída do poder numa aliança que agregava setores descontentes com os rumos do trono – militares, fazendeiros do café historicamente do oeste paulista, e com a abolição da escravatura, sentença de morte do Império, os cafeicultores do Vale do Paraíba, e a intelectualidade urbana –, a monarquia morreu quietamente, deixando o Brasil como se não tivesse existido. Na madrugada de 17 de novembro de 1889, menos de 48 horas do ocaso do velho regime, o bom imperador, acompanhado de familiares e de amigos como André Rebouças, partia para o exílio na Europa.²²⁶

O Governo Provisório, alçado ao poder num golpe militar, recebia enxurrada de telegramas de monarquistas notórios que juravam ser intimamente republicanos. E a imprensa

²²⁶ AGUIAR, Luiz Antônio. **Antônio da Silva Jardim** – O herói da proclamação da República. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997, p.101.

– obviamente vinculada ao novo regime – noticiava o êxtase popular diante das mudanças: o órgão “A Província de São Paulo” (o atual Estadão) realçava o *júbilo* das ruas e que “nunca uma república foi proclamada com tanto brilhantismo e em tanta paz”.²²⁷

Porém o insuspeito Aristides Lobo, em carta ao “Diário Popular” de São Paulo, denunciava o golpe em frase que se tornaria clássica: “... o povo assistia a tudo bestializado”,²²⁸ julgando que o movimento de Deodoro fosse uma parada militar. Como diria Lima Barreto, “o Brasil não tem povo, tem público”, e, numa análise daqueles acontecimentos, o professor e historiador José Murilo de Carvalho²²⁹ observou que a massa popular estava sendo admitida numa história em que não entrou e uma identidade que do mesmo modo não era sua.

Os primeiros anos republicanos foram pontilhados por crises, e o período de 1889 até 1894 – governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto – seria caracterizado pela historiografia como a “Fase da Espada”, alusão às suas patentes de marechal.

Após a promulgação da primeira constituição (1891) – que, entre outras medidas, promoveu a separação entre a Igreja e o Estado, pondo fim ao “Padroado” –, o Congresso elegeu indiretamente em sessão tensa e agitada, Deodoro e Floriano, presidente e vice respectivamente. Não sendo ligado às oligarquias mais poderosas, o presidente ainda tentaria um golpe que, falho, levou à sua renúncia. Floriano Peixoto, que viria a ser apelidado de “o marechal de ferro”, assumiu e ainda enfrentaria uma guerra civil nos pampas gaúchos – a “Revolução Federalista”, liderada pelo caudilho positivista Júlio de Castilho, que apoiara o golpe de Deodoro -, e a “Revolta da Armada” em que a Marinha enfrentou Floriano a partir da Baía da Guanabara e ameaçou bombardear a cidade do Rio com 15 navios. Num rompante patético, o presidente chegou a alardear que receberia ingleses e franceses “a bala”, caso tentassem algum desembarque para a proteção de seus súditos.

²²⁷ ALENCAR, Chico et.all. Op.cit., p.231.

²²⁸ CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados** – O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp.9-10.

²²⁹ Id. Ibidem., pp.140-2.

Com as primeiras eleições presidenciais diretas – que, no entanto, de acordo com os dispositivos constitucionais impedia o direito do voto aos analfabetos, às mulheres, dos membros de ordens religiosas e dos soldados –, venceu o representante do Partido Republicano paulista, o cafeicultor Prudente de Moraes. Era a escalada da burguesia do café e a consolidação da face oligárquica da república, arranjo que duraria até 1930, com a chegada de Vargas ao poder pela via revolucionária.

O sistema eleitoral que vigorava facultava o engendramento entre as elites regionais, garantindo as vitórias da aristocracia. O voto era aberto e declarado e, decerto, havia um forte constrangimento se o eleitor não votasse nos candidatos dos *coronéis* – fazendeiros locais. O sufrágio sob pressão, controlado pelos jagunços, ficou notabilizado como “voto de cabresto”.

Pessoas que já haviam falecido eram inscritas como eleitores, documentos eram falsificados para que analfabetos ou menores votassem ou mesmo candidatassem, e a apuração, do mesmo modo era tendenciosa, ocorrendo mesmo rasuras grosseiras nos mapas de votação – “a eleição a bico-de-pena”. Conseqüentemente, os mesmos grupos ou alianças permaneciam ou se alternavam no poder regional e nacional.²³⁰

Dos onze presidentes da República Velha, quatro eram paulistas e três mineiros; e todos os mandatários eram vinculados ao café – produtores ou apoiados pelos cafeicultores.

Líder das exportações do país desde o Segundo Reinado, a cafeicultura respondia por mais de 50% das exportações, e o Brasil chegou a abastecer dois terços do mercado mundial do produto.

Demonstrando a força da categoria, os cafeicultores firmaram, em 1906, o célebre “Convênio de Taubaté” em que os governos estaduais comprariam o excedente da produção a fim de manter um equilíbrio entre a oferta e a demanda. Como o governo não dispunha de

²³⁰ FAUSTO, Boris. Op.cit., pp.263-5.

capital suficiente para a compra de todo o estoque, o financiamento era possibilitado com os empréstimos externos, desse modo, a cotação do café foi estabilizada artificialmente.²³¹

Por outro lado, foi pelo capital acumulado com o café que a ala progressista do setor agrário investiu na produção industrial no país. Com as dificuldades de importação geradas pela Primeira Guerra e a depreciação da moeda brasileira, ocorreu gradativamente uma substituição das importações e São Paulo – onde moravam os principais produtores de café – se tornaria o principal centro da industrialização do país.

E a indústria foi o propulsor das importantes mudanças do perfil sócio-econômico da população, ocorrendo uma concentração urbana no país. Entre 1890 e 1920, as cidades saltaram de 1.200.000 habitantes (de um total de 14.300.000) para mais de 3.000.000 (em 30.600.000), aumentando duas vezes e meia. Ainda que a proporção não tenha sido alterada, o aspecto relevante é o incremento da população urbana.²³²

Essas mudanças alterariam as relações e perspectivas sociais do Brasil, como salienta Jorge Nagle:²³³

O urbanismo e suas concomitantes mudanças socioculturais vão fornecer novas perspectivas para pensar o “novo” Brasil, desligado dos componentes do mito fisiocrata. O deslumbramento com os novos engenhos humanos produzidos pela ciência e pela tecnologia, que constituem os novos valores introduzidos pelo ambiente citadino, dá origem, tanto ao otimismo com que se antecipa a futura civilização brasileira, como vai apurar os quadros do pensamento social.

Progresso, Civilização, velocidade eram lemas que figuravam o período, marcado pela euforia e pelo otimismo. Nesse processo de efervescência social e cultural, uma novidade embalava as fantasias da elite brasileira, o automóvel. Havia 83 carros em São Paulo, em 1904.

A 9 de outubro de 1868, era inaugurado, no Rio de Janeiro, o pioneiro serviço de bondes, operado pela Cia. de Ferro Carril do Jardim Botânico, ligando o largo do Machado à

²³¹ PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976, pp.230-5.

²³² NAGLE, Jorge. Op.cit. pp.38-9.

²³³ Id.Ibdem., p.39.

rua Gonçalves Dias, sendo cortado e seguido por outras linhas, redefinindo o espaço da sociabilidade da velha capital.²³⁴

Na pacata Sacramento, quatro décadas depois, Eurípedes Barsanulfo integrou uma comissão de cidadãos para efetivar a construção do primeiro bonde rural da América do Sul, em 1913, movido à eletricidade gerada pela usina Cajuru, em que tanto o maquinário quanto as linhas arquitetônicas da estação inicial eram alemães²³⁵ (tema que abordaremos no capítulo sobre a história local, Capítulo IV, item 1.4, “Os Trilhos da Mogiana e os bondes caipiras de Sacramento”).

Em 1897, no Rio de Janeiro, foi instalado o primeiro cinema do Brasil, e os gramofones reproduziam as primeiras músicas gravadas, o que ocorreu no país em 1902. Em 1906, foi um brasileiro, Alberto Santos Dumont, que fez voar um aparelho mais pesado que o ar, “o 14 Bis” em Paris, que, mais tarde, especificamente na Primeira Grande Guerra (1914/1918) se converteria em mortífera arma de guerra.

No modismo, o francesismo predominava tanto nos tempos do Império quanto na fase inicial da República, assim como a *art nouveau* ditava a arquitetura, e qualquer estudante de ginásio compreendia o idioma francês.

Data de 1907 a publicação do clássico “Capítulos de história colonial”, de Capistrano de Abreu e o jornal “O Estado de São Paulo” noticiava: “O cinematógrafo é um aparelho que reproduz num alvo cenas variadas dando-lhes realce e cunho de vida, o que valeu a este processo de fotografia o nome de fotografia animada”²³⁶. Em setembro era inaugurado, também na capital federal, o cinematógrafo *Pathé*. São Paulo, na rua São João, abria sua primeira casa de exibição, o *Bijou Salão*, depois, viriam o *Mignon*, o *Paris*, o *Palace*.

²³⁴ COSTA, Angela Marques e SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914** – No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.55-61.

²³⁵ CERCHI, Carlos Alberto. **Os Bondes de Sacramento** – História dos Meios de Transporte no Triângulo Mineiro e a História de Sacramento. Uberaba: Pinti Editora, 1991.

²³⁶ COSTA, Angela Marques e SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op.cit., p.81.

Num país rural, a modernidade apresentava seus mais claros sinais nos grandes centros. A elite paulistana, apenas para ilustrar, apreciava o teatro lírico, e as pessoas com alto poder aquisitivo iam assistir às encenações usando um bonde exclusivo, forrado com cetim branco.

Por outro lado, no campo e na cidade, fervilhavam agitações populares contrárias à exclusão e à opressão. Nas cidades, a modernidade tão propalada pelos positivistas, decerto, não atingia as periferias. A engenharia e a medicina tratavam a administração pública como problema higienista, concepções de limpeza e higiene, partindo da premissa de um suposto atraso popular.

Em 1904, eclodiu a “Revolta da Vacina”, movimento eminentemente popular que representou o descontentamento das camadas populares contra a insensibilidade governamental no trato das relações civis. Com a capital federal infestada por doenças como a febre amarela, a varíola e a malária, o médico sanitarista Oswaldo Cruz, nos tempos do governo Rodrigues Alves, impôs o extermínio de mosquitos e ratos da cidade, assim como a vacinação obrigatória, sem uma prévia campanha educativa acerca de seus objetivos. A revolta popular explodiu. Trilhos de bondes arrancados e, nas ruas do Rio de Janeiro, foram erguidas verdadeiras barricadas. A repressão agiu com rigor, e a revolução, apoiada por militares florianistas oportunistas, foi contida.

No nordeste, bandos denominados de “cangaceiros” –, que constituíam aquilo que Eric Hobsbawn chamaria de banditismo social – espalhava o terror em ataques e assaltos a fazendeiros. Em 1912, na região conhecida como *Contestado*, entre Santa Catarina e Paraná, pequenos agricultores expulsos de suas terras e desempregados de uma empresa estadunidense, que construiu uma estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, uniram-se em torno de um certo monge José Maria num movimento envolto numa aura messiânica – mescla de proposições políticas e visões religiosas - em prol da igualdade social, denominado de “Revolta do Contestado”.

O tão propalado *progresso* decididamente não chegara na marinha. Apesar da aquisição de *modernos* navios e cruzadores ingleses, as relações com a marujada – em sua maioria, negros - eram demasiadamente arcaicas, prevalecendo até mesmo chicotadas para punir os ditos descuidos. Os marinheiros, por sua vez, liderados por um certo João Cândido, rebelaram-se, tomaram os navios, ameaçaram bombardear os bairros nobres do Rio, e o governo recuou, atenuando as degradadas condições de trabalho. Todavia, após o retorno da normalidade, centenas de marinheiros foram punidos, presos ou expulsos. Pelo menos, a chibata se encerrava.

Vale destacar, também, que, no período em questão, fervilhavam as levas de imigrantes que tentavam a sorte no Brasil. Num contexto internacional pesado e incerto, agravado principalmente em decorrência da Primeira Grande Guerra (1914/1918), mas que já apresentava sinais evidentes de instabilidade desde 1875, vieram os *italianos*, que, além dos cafezais, rumavam para as indústrias emergentes; os *portugueses*, que se aventuravam em pequenos negócios comerciais; os *espanhóis*, que rumaram para o interior paulista; os *japoneses*, do Pará, no cultivo da castanha, ou São Paulo, na cultura dos cafezais; e até os *judeus* vindos da Europa central e oriental. Decerto, em que pesem os trabalhos braçais enfrentados, os imigrantes eram pessoas instruídas, contribuindo sobremaneira para a construção da cultura brasileira.

Em 1917, embalados justamente pelos agitadores anarquistas italianos, ocorreu a primeira greve geral do país, em que dezenas de milhares de trabalhadores das fábricas, dos transportes e do comércio paralisaram o país em suas principais cidades. Isso numa época que ficaria bem patenteada, posteriormente, pelo último presidente da República Velha, Washington Luís (1926/1930), que teria dito: “... a questão social é caso de polícia”.

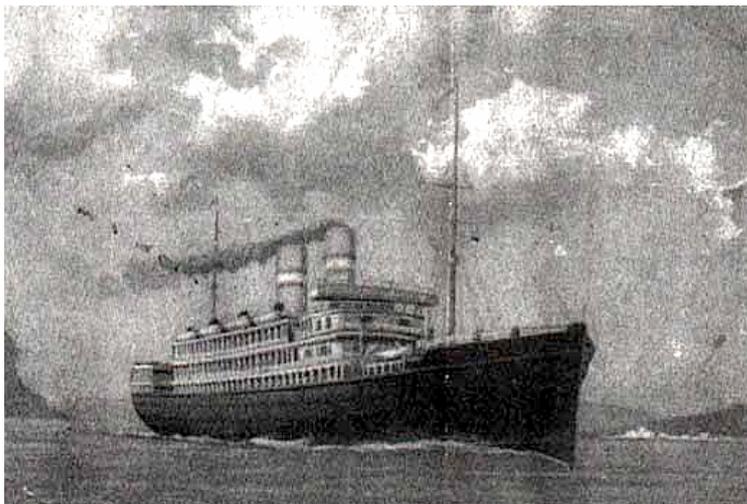


FIGURA 1 – Cartão postal de 1923 do Vapore Alacrita, navio da "Navegazione Italo Brasiliniana", que trazia imigrantes para o Brasil, partindo de Gênova com destino ao Rio de Janeiro, onde levas de trabalhadores seguiriam para Sacramento, Minas Gerais. Tradicionais famílias do Triângulo Mineiro, hoje, efetuaram essa jornada – como os Manzan, Guardieiro, Cherulli, Constantin, entre outros. Fonte: Acervo de Maria Helena Manzan.



FIGURA 2: Pioneiro bonde rural que ligava a sede de Sacramento à estação da Mogiana. Dentro do bonde, da direita para esquerda, Eurípedes Barsanulfo, um dos protagonistas do empreendimento. Fonte: Memorial Eurípedes Barsanulfo, Centro Espírita Esperança e Caridade.



FIGURA 3 – A educação e a cultura ganhavam relevo no Brasil no limiar da República. A foto principal, do início do século XX, é dos meninos que compunham a banda do maestro Simplicio, em Sacramento. No detalhe, contrastando com a fardinha que procurava denotar certa imponência, algumas crianças com os pés descalços... retratos de um país ainda rural e arcaico. Fonte: coleção de Virgínia Dolabela.



CAPÍTULO IV

SACRAMENTO, CIDADE ERGUIDA SOB A ÉGIDE DA RELIGIOSIDADE

1 – As muitas histórias das terras de Maria Ausente

Distante 180 km de Uberlândia e 453 km da capital mineira, Sacramento é uma aprazível cidade da microrregião do Planalto de Araxá, fronteira com o Estado de São Paulo, com os chapadões do Bugre e da Zagaia fazendo caprichosamente a separação dos importantes rios Grande e Paranaíba²³⁷. Suas terras de campo e cerrado – com 2.972 quilômetros de área são consideradas de grande porte – engloba uma parte do Parque Nacional da Serra da Canastra.

Percorrendo a região, em 1819, em direção à nascente do São Francisco, Auguste de Saint-Hilaire, botânico francês e viajante a serviço da corte de D.João VI, do alto da Canastra, descrevia enfaticamente²³⁸: “Em toda a extensão do seu cume, a serra apresenta um vasto planalto irregular que os habitantes da região chamam de chapadão... Dali pude descortinar a

²³⁷ **Municípios Mineiros**. Sacramento. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa de Minas Gerais, Instituto Integrado de Desenvolvimento de Minas Gerais, 2005. Disponível em: <www.almg.gov.br/index.asp?grupo=estado&diretorio=munmg&arquivo=municipios> Acesso: 16.jan.2006.

²³⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 197, pp.107-8.

mais vasta extensão de terras que os meus olhos já viram desde que nasci. Num lado, a serra de Pium-i limitava o horizonte, mas em todo o resto unicamente a fraqueza dos meus olhos restringia o meu campo de visão...”.

Das vastas regiões inexploradas avistadas por Auguste de Saint-Hilaire, as alterações mais intensas ocorrem na atualidade, com o agronegócio embalando a economia local, com destaque para a produção de cereais como o milho, a soja e o arroz, e a população do município vem crescendo gradativamente, com quase 22.000 habitantes em 2005.²³⁹

Apesar da aparência interiorana e o suave relevo com campos verdejantes que circundam o núcleo da sede urbana, o município de Sacramento é um dos mais antigos de Minas Gerais e, seguramente, tem muitas histórias a revelar, memórias que surpreenderiam um recente viajante desavisado, ricos enredos que substanciaríamos diferentes trabalhos acadêmicos.

Eurípedes Barsanulfo foi um baluarte na disseminação do espiritismo nas terras do Triângulo, e o singular Collégio Allan Kardec talvez seja o primeiro educandário do mundo fundamentado no espiritismo francês. Foi na fazenda de Santa Maria, hoje distrito que divide Sacramento da cidade de Conquista pelo ribeirão Lajeado, que o “Sinhô” Mariano, tio de Eurípedes, fundou, em 1900 o primeiro centro espírita do interior mineiro, o “Fé e Amor”, atraindo, por muitos anos, numerosa e diversificada audiência ávida pelas manifestações públicas do sobrenatural e da mediunidade.

Em 1743, os bandeirantes paulistas fundaram à margem do Rio das Velhas uma capela, a Nossa Senhora do Desterro, que se transformaria no Julgado do Desemboque, o primeiro núcleo populacional do Brasil Central. A primeira estação da célebre linha férrea da Companhia Mogiana construída em Minas Gerais foi a Jaguará, em 1888, e a ponte metálica sobre o Rio Grande, divisa de São Paulo, foi, por muitos anos, considerada o maior viaduto em extensão do Brasil. Ligando a estação do Cipó à cidade, outro pioneirismo – como citado

²³⁹ **Município Mineiros.** Sacramento. Op.cit.

anteriormente - um bonde rural movido à eletricidade gerada pela Usina Cajuru foi construído com tecnologia alemã em 1913 e, provavelmente, foi o único do gênero no Brasil.

Nascida em Sacramento em 1914, a escritora Carolina Maria de Jesus – que, inclusive, fora aluna do Colégio Allan Kardec em meados dos anos 20 – autora de “Quarto de Despejo” e “Casa de Alvenaria”, entre outros - vem ganhando destaque na esteira do reconhecimento da cultura popular e afro-brasileira em círculos acadêmicos no Brasil e no exterior, tendo livros publicados em treze idiomas.²⁴⁰

Sacramentano ilustre e contemporâneo de Barsanulfo, o padre redentorista Vítor Coelho (1899/1987) ganhou notoriedade e foi o grande divulgador do culto à Nossa Senhora Aparecida. Fundou a Rádio Aparecida, em cujas ondas divulgou por décadas a evangelização católico-cristã. Na cidade da padroeira nacional, na Basílica Velha, foi instalado um memorial em sua homenagem, e a Congregação a que era vinculado abriu um processo de canonização no Brasil desse padre, e os papéis já estão sendo analisados em Roma.

O atual nome da região, outrora conhecida como “Sertão da Farinha Podre”, teria sido difundido a partir da toponímia de um jornal de Sacramento, “O Triângulo Mineiro”, fundado em 1887, que teve uma duração efêmera e circulou até 1889.

As duas principais cidades da região, situação que invariavelmente nutre rivalidades, eram Uberaba e Sacramento. O importante historiador uberabense Borges Sampaio ²⁴¹, referência ao lado de Hildebrando Pontes ²⁴² sobre a formação histórica do Brasil Central, sustentou que outro órgão de imprensa sacramentano, “O Jaguará”, fundado em 1884, não tardou a acirrar polêmica com os jornais da cidade vizinha sobre a diretriz da Estrada de Ferro Mogiana, aparecendo eventualmente a expressão “triângulo” mineiro, alusão à bifurcação dos

²⁴⁰ CAMARGO, Oswaldo de. A Glória de Carolina Maria de Jesus. **Destaque** – Revista Cultural de Sacramento e Região. Ano 11, n.63. Sacramento: maio/junho de 2005, pp.16-21.

²⁴¹ SAMPAIO, Antônio Borges. **Uberaba: História, Fatos e Homens**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2001. pp.130-3.

²⁴² PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

ramais da linha férrea vinda de São Paulo à Minas. Com a fundação do referido jornal, “O Triângulo Mineiro”, essa denominação se estenderia a toda a região compreendida entre os rios Grande e Paranaíba.

1.1 – As raízes

A rigor, a ocupação da região central do Brasil vinculou-se à expansão da atividade mineradora, tendo o bandeirismo paulista sua força propulsora, tanto o predador de índios ou o prospector de metais e pedras preciosas, que abriu caminhos, explorou a terra, repeliu as vanguardas da colonização espanhola concorrente. A partir dos últimos anos do século XVII, com a descoberta de ouro, os bandeirantes fixaram núcleos estáveis no coração do continente – Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso.²⁴³

Formado em torno da região das lavras, desenvolvimento característico das povoações de Minas, o Arraial do Desemboque tem sua origem em meados do século XVIII, cujo ano preciso é ainda controverso e certamente pela relevância merece estudos oportunos e aprofundados.²⁴⁴ Estudo da fundação Cultural de Uberaba, coordenado por Jorge Alberto Nabut, sustenta que, por volta, de 1737 era fundada na vertente leste da Serra da Canastra, à margem esquerda do rio das Abelhas, um arraial mineiro, o “Descoberto do Rio das Abelhas”, cujo povoamento efetivo, no entanto, não fora tarefa simples, dada a presença de quilombos e índios Caiapó e araxá, que obstaculizavam a jornada dos exploradores.²⁴⁵

²⁴³ PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**: Colônia. São Paulo: Brasiliense / Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro), p.49.

²⁴⁴ Esse tema é decerto controverso e muito da documentação pertinente ou foi perdida, ou está encoberta pelo tempo. Distante de ser o foco desta dissertação, podemos sustentar, procurando contribuir com o debate, que existem bons indícios que sugerem o pioneirismo deste hoje minúsculo povoado sufocado pelo crescimento de outras cidades da região. Em Desemboque, existem referências de que o início da construção de sua Matriz foi em 1743 e num mapa histórico de 1780 da coleção do Itamaraty no Rio de Janeiro, e o Arquivo Público de Sacramento conta com uma reprodução, consta apenas aquele núcleo em toda a região (ROCHA, José Joaquim. **Mostrace neste mapa o Julgado das Cabeceiras do Rio das Velhas e parte da Capitania de Minas Geraes com a deviza de ambas as capitánias. 1780**”), apenas citando as fontes primárias.

²⁴⁵ NABUT, Jorge Alberto (Coord.). **Desemboque – Documentário Histórico e Cultural**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1986, pp.19-22.

Teria sido com a expedição do Guarda-Mor Feliciano Cardoso de Camargo que partindo do arraial do Tamanduá – atual Itapeçerica –, em 1736, em companhia de alguns sertanistas em direção aos cantões da Serra da Canastra, onde começam os chapadões, que descobriram ouro em abundância e assentou os primeiros alicerces da povoação a que denominou de Tabuleiro.²⁴⁶

Pouco depois, no entanto, o local foi destruído pelos índios Caiapó. Escapando, o Guarda-Mor ainda voltaria à região, fundando uma nova povoação, denominada Nossa Senhora do Desterro das Cabeceiras do Rio das Abelhas que convergindo os caminhos de Ouro Preto e São Paulo próximo ao rio, conhecido em outras épocas por Alto Paranaíba, veio a chamar-se Desemboque do Rio Grande ou, simplesmente, Desemboque.

O Arraial prosperou - até 1781, oficialmente, foram extraídas dali mais de cem arrobas do precioso metal - de lá partiram diversas expedições rumo à nova região descoberta, o Sertão da Farinha Podre ou, atual Triângulo Mineiro; e chegou a ser Cabeça de Comarca, espécie de capital dos vastos sertões. Mas, em fins do século XVIII, as minas foram se esgotando rapidamente, e Desemboque foi perdendo a importância, sendo substituída pelas mais estáveis atividades rurais.²⁴⁷

Distante dos grandes centros mineradores, onde era exercido um rígido controle sobre a extração aurífera, o arraial passou a abrigar aventureiros, que usavam a povoação como entroncamento nas rotas de contrabando e comércio para São Paulo, Goiás e até mesmo para as colônias espanholas. Em 1789, uma ordem do governador de São Paulo, José de Lorena, proibia a utilização da “Picada do Desemboque”, antes utilizada apenas para o carregamento de

²⁴⁶ CERCHI, Carlos Alberto. **Os Bondes de Sacramento** – História dos Meios de Transportes no Triângulo Mineiro e a História de Sacramento. Uberaba: Pinti Editora, 1991, p.19.

²⁴⁷ Id.Ibdem., pp.20-1.

gêneros pelos viajantes, que, desviando-se do registro do Rio das Velhas, iam ao Desemboque e ali forjavam guias falsas e seguiam para Goiás.²⁴⁸

Embora hoje reduzida a distrito de Sacramento, o percurso original ocorreu no sentido oposto: foi em uma bandeira exploratória ao Sertão da Farinha Podre, que partiu, em 1808, o vigário do Desemboque, o Padre Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick, que ao atingir as margens do ribeirão Borá, a expedição encontrou um número razoável de garimpeiros e mineradores, estabelecendo o primeiro núcleo de sua atual sede.

²⁴⁸ BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1995, pp.160-1.



FIGURA 4 - Igreja de N. Sr.ª do Desterro, em Desemboque, construída a partir de 1743. Foto aproximadamente de 1918. Fonte: coleção do professor Carlos Alberto Cerchi.



FIGURA 5 - Barão de Rifaina, célebre político do Império, em desenho à lápis por volta de 1890. Fonte: acervo do Museu Corália Venites Maluf



FIGURA 6 - Importante para a ocupação do Triângulo Mineiro, foi a utilização das tropas de animais como meio de transporte. Na foto são retratados caixeiros-viajantes preparando-se para uma viagem, tendo o Sr. Franklin Vieira à frente com uma caderneta. Foto do início do século XX. Fonte: coleção de Virgínia Dolabela.



FIGURA 7 – Coronel José Affonso de Almeida (1863/1941), destacado vereador e Agente Municipal, entre 1905 a 1921. Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. Memória Fotográfica de Sacramento. Op.cit., p.49.

1.2 – As terras de Maria Ausente

Indubitavelmente, a história de Sacramento está imbricada, desde as origens, à atmosfera religiosa. O cônego desbravador reuniu os sertanejos que tentavam a sorte na mineração do Borá, levantou um cruzeiro onde celebrou uma missa, e, no retorno da exploração da região, construiu no mesmo lugar um pequeno oratório dedicado ao Santíssimo Sacramento sob o Patrocínio de Virgem Maria. As terras seriam adquiridas pelo seu pai em leilão, o influente capitão Manuel Ferreira de Araújo, e ficavam no ponto divisor de distância entre a Matriz de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque e a Capela de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, onde Brunswick e seus auxiliares ministravam os sacramentos.²⁴⁹ Ainda hoje, pelas novas estradas, a distância de Sacramento ao Desemboque é de 70 Km, e para Uberaba é de 76 Km.

Entre Desemboque e Uberaba, surgiam fazendas e propriedades de portes diversos, habitadas por pessoas que, esgotado o garimpo, buscavam novos meios de vida, sobretudo na atividade rural, e a vivência religiosa ia ficando distante.

Além de padre, Hermógenes Brunswick era um homem culto, jurisconsulto, profundo conhecedor das leis – ao longo da vida adquirira muitos pontos de garimpo e terras devolutas. A enorme gleba em questão às margens do Borá pertencia a uma órfã desaparecida chamada Maria, cuja história ele conhecia, bem como o interesse dos parentes dela em obter o patrimônio ou o seu valor.²⁵⁰

Retornando ao Desemboque, o cônego requereu a D. João VI a permissão para erguer naquele ponto uma capela, e a provisão régia de 17 de dezembro de 1819 concedeu a licença para que a erguesse “...com o orago do Santíssimo Sacramento, apresentado pelo patrocínio de

²⁴⁹ JACÓB, Amir Salomão. **A Matriz da Vila**. Uberaba: Rios Editora e Gráfica, 1998, pp.11-4.

²⁵⁰ JACÓB, Amir Salomão. **As Terras de Maria Ausente** – Fundação da Cidade de Sacramento. Uberaba: Rios Editora e Gráfica, 2003, pp.41-4.

Maria, à margem esquerda do Borá” e o Bispo de Goiaz, D. Francisco Pereira de Azevedo, autorizou o padre Hermógenes a levantar e benzer a pedra fundamental do edifício católico.²⁵¹

Com a permissão do prelado, o cônego Brunswick necessitou ainda mais de regularizar as terras da ausente e, como representante do Juízo Eclesiástico, forçou o Provedor das Fazendas dos Defuntos e Ausentes a apressar a venda das terras que foram levadas à praça, naquele ano de 1819, e arrematadas por seu velho pai, o Capitão Ferreira.

“Aos vinte e quatro dias de agosto do dito anno n’este lugar de terras duadas pelo Capitão Manuel Ferreira de Araújo e Souza sua mulher D. Joaquina Rosa Sant’anna, à margem do ribeirão Borá e dentro d’este Oratório...” – registrava a ata de fundação (ou “Auto de assignação do Lugar”) em 24 de agosto de 1820 na instalação de Oratório, que se transformaria em capela curada. A área cedida pelo Capitão Ferreira foi de 214 alqueires de campo e cultura, adquiridos por 115.000\$145 (cento e quinze contos de réis, cento e quarenta e cinco réis).²⁵²

Foi em torno do Oratório, que virou Capela, que casas e casebres iam sendo construídos, quase todos pertencentes àqueles que tinham esperança em garimpos do Borá, e, posteriormente, habitadas por pessoas dedicadas à agricultura e à pecuária. À medida que o Desemboque declinava, famílias tradicionais como os Goulart, os Françaes, os Araújoos transferiam-se para o lugar que prosperava.²⁵³

Em 13 de setembro de 1870, a Lei Provincial nº. 1870 criava a Vila do Santíssimo Sacramento, desmembrada do município de Araxá e com a mesma denominação foi elevada à categoria de cidade pela Lei 2.216 e 3 de junho de 1876.²⁵⁴

²⁵¹ JACÓB, Amir Salomão. **A Matriz da Vila**. Op.cit., pp. 11-4.

²⁵² JACÓB, Amir Salomão. **As terras de Maria Ausente**. Op.cit., pp.41-4.

²⁵³ Id. *Ibidem.*, p.44.

²⁵⁴ CERCHI, Carlos Alberto. Op.cit. , p.20.



FIGURA 8 - Ponte da Cia. Mogiana de Estrada de Ferro, inaugurada em 1888. Fotografia tirada do Estado de São Paulo na década de 1940. Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**. Op. cit., p.88.



FIGURA 9 – Os Carros de bois constituíam um dos principais meios de transporte de carga no país. Foto da antiga rua 6 de Novembro, atual Clemente de Araújo, em Sacramento no tempo de Eurípedes. Fonte: coleção do professor Carlos Alberto Cerchi.

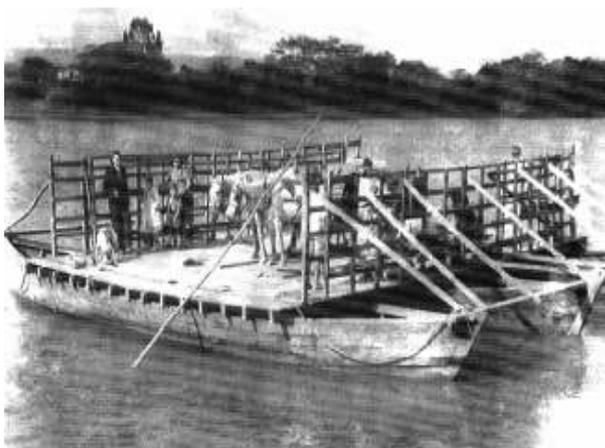


FIGURA 10 - Balsa no antigo porto do Desemboque, depois porto da Rifaina, desativada em 1956. Fonte: CERCHI, Carlos Alberto. **Memória Fotográfica de Sacramento**. Op.cit., p.80.



FIGURA 11 - A Casa Mógico, comércio de utilidades gerais do pai de Barsanulfo, o sr. Hermógenes Ernesto, nos anos 40. Fonte: coleção do professor Carlos Alberto Cerchi.

1.3 – O Cônego e o legado: notas acerca do fundador de Sacramento

A saga do Padre Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick continuaria vinculada ao desenvolvimento da região. Entre 1847 a 1860, o cônego, insistentemente, intercedeu para a construção da primeira ponte sobre o Jaguara, ligada à “Estrada do Goyazes”, devendo “...esta ser o complemento da estrada que de Santos por São Paulo dirige às referidas províncias”.

Em carta ao Conselheiro do Império João de Almeida Pereira Filho, datada de 20 de fevereiro de 1860,²⁵⁵ na ocasião do retorno de uma viagem com D. Pedro II ao norte do país, o cônego cobrava a promessa feita a ele da efetivação da obra:

(...) Quando tive a honra de me despedir de V.Excia. no dia 11 de setembro do anno passado, ai pedi a graça de tomar em sua alta consideração a construção da Ponte em o Rio Grande na caxoeira do Jauguara entre esse municipio e o da Franca do Imperador e V.Excia. assegurando-me que prestaria sua atenção ponderou-me que estando próximo a partir para o Norte não seria possível antes examinar todos os papéis relativos a essa obra...

Arrogando sua proximidade com o conselheiro, Hermógenes arrematava enfaticamente:

(...) A vista pois de tudo exposto fica evidente que a construção da Ponte só depende da vontade de V.Excia. e eu espero que v. excia só não há de esquecer da promessa que me fez em minha despedida e terá V.Excia. a gloria e eternizar o seu nome bem fazejo construir uma obra tão interessante como necessária. (...) Desemboque 20 de Fevereiro de 1860 – D.V. Excia. Amigo muito Af. Estdo. Hermógenes Casimiro de Araújo Bruonswick.

A passagem de Franca (SP) para Minas Gerais seria estabelecida pela construção da ponte de madeira em 1861, consolidando o caminho dos pioneiros – a estrada que, de Santos a São Paulo, em direção ao interior, atravessando o Rio Grande e Paranaíba rumo a Goiás na direção leste-oeste, foi aberta pelo célebre bandeirante Anhanguera, denominando-a Estrada dos Goyases. Em março de 1888, inaugurava-se uma ponte metálica, a Jaguara, sobre o Rio

²⁵⁵ Acervo do professor Carlos Alberto Cerchi.

Grande, o maior viaduto do Brasil da época, e o ramal ferroviário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, estrada que ligava São Paulo ao Brasil Central.²⁵⁶

Brunswick era, sem dúvida, um homem influente, erudito. Um aspecto pitoresco de sua vida é que o padre tivera nove filhos com três mulheres diferentes e reconheceu a todos.²⁵⁷ O pai de Eurípedes Barsanulfo, o Sr. Hermógenes Ernesto era sobrinho-neto do cônego, portanto o professor espírita tinha descendência dos fundadores de Sacramento.

Nascido na histórica Freguesia de N. Sra. da Conceição do Mato Dentro do Sêro do Frio, hoje, cidade do Serro, era Tenente Coronel da Guarda Nacional e Comandante do Batalhão do Desemboque, exercendo os cargos de Vereador, curador geral de órfãos e advogado provisionado. Foi eleito, em diversas legislaturas, Deputado à Assembléia Geral e às cortes de Lisboa, mas não chegou a tomar posse devido à proclamação da Independência do Brasil.²⁵⁸

Vinculada à educação, foi diretor de instrução Pública do círculo literário e professor gratuito de Latim, Teologia e Moral. Foi a partir de uma bandeira organizada pelo Major Eustáquio, que saindo do Desemboque e embrenhando pelo Sertão da Farinha Podre, da qual participou efetivamente, que se formou o núcleo de povoação do Córrego do Lageado – hoje, a destacada cidade de Uberaba.²⁵⁹

Aos 76 anos – a 26 de setembro de 1861 – veio a falecer, em sua fazenda Nova Suécia, próxima ao Desemboque, e o seu legado, certamente, tem relevo na história do Triângulo Mineiro.

²⁵⁶ CERCHI, Carlos Alberto. Op.cit., pp.32-3.

²⁵⁷ MELLO, Ármilon Ribeiro. Relato da História de Santa Maria prestado ao Instituto Cultural Leopoldina Geovana de Araújo. Sacramento: Julho/2004.

²⁵⁸ NABUT, Jorge Alberto (coord.). Op.cit., p.171.

²⁵⁹ Id.Ibdem., pp.171-2.

1.4 – Os trilhos da Mogiana e os Bondes Caipiras de Sacramento

Foi sob o reinado de Pedro II, permeado pela égide do progresso brasileiro, que a locomotiva deu novo rumo cultural ao espectro do desenvolvimento. A navegação regular do alto Amazonas por barcos a vapor, a iluminação a gás na corte e nas principais cidades do Império; a comunicação do Brasil com a Europa pelo cabo submarino, a construção de estradas de ferro que cortavam a paisagem brasileira; a modernização do transporte urbano com a introdução do “tram-car”, chamado entre nós por bonde, entre outros, concorreram para a democratização da vida nacional.²⁶⁰

Na segunda metade do século XIX, na esteira do desenvolvimento mundial, impulsionado pela Revolução Industrial em sua fase do aço e da eletricidade, o Brasil experimentou importantes avanços, e, seguramente, a melhor síntese dessa prosperidade foi o conjunto de ações do empresário empreendedor Irineu Evangelista de Souza (1813/1889) – que adquiriu o título de Barão de Mauá. De caixeiro num armazém no ano em que o país proclamava a Independência – 1822 – a banqueiro e armador de navios em Niterói (RJ), o gaúcho de origem pobre criou a nossa primeira ferrovia – entre Petrópolis e o Rio de Janeiro -, montou uma companhia de gás para a iluminação da capital, participou da instalação dos primeiros cabos telegráficos submarinos entre o Brasil e a Europa, entre outros notáveis feitos.²⁶¹

Sacramento também experimentou uma espécie de “Era Mauá” no despontar do XX, o papel do “barão” coube ao seu Agente Municipal, o coronel José Affonso de Almeida,²⁶² e Eurípedes Barsanulfo, então como jovem vereador²⁶³, foi um destacado personagem daquela

²⁶⁰ FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 6.ed. São Paulo: Global, 2004, p.361.

²⁶¹ CALDEIRA, Jorge. **Mauá** – O Empresário do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, passim.

²⁶² Nascido em Araxá na Fazenda Perdizes, em 1863, de origem humilde, não frequentou escolas mas foi alfabetizado pela própria mãe. Chegou a Sacramento em 1891 e, em 1896, foi eleito vereador. Político do Partido Republicano Mineiro, entre 1905 até 1921 – cinco legislaturas – sendo o Agente Municipal. Em 1915, foi eleito, ainda, deputado no Congresso Mineiro. Faleceu em 1941, consequência de uma queda que sofreu num Hotel da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. CREMA, Linda de Melo. O Coronel José Affonso. In: **Destaque** – Revista Cultural de Sacramento e Região. Sacramento, ano 11, n.65, Setembro/Outubro de 2005, pp.23-4.

²⁶³ Barsanulfo foi vereador por duas legislaturas, o triênio entre 1905 e 1908 e uma reeleição até 1911. Acerca de sua atuação como parlamentar, discutiremos alguns aspectos no capítulo V, item 1.2 - “O Ativista Político”.

saga do sertão. A cidade capitalizava os dividendos da expansão da economia cafeeira e, nos sucessivos governos do chefe político local, conhecido como Zeca Affonso - homem viajado e freqüentador constante de São Paulo e do Rio de Janeiro²⁶⁴ -, a modernidade trazia novos ares, com a eletrificação do município garantida pela implantação da Usina Cajuru e pela criação da Empresa Elétrica de Força e Luz; a execução do saneamento básico; a implantação do telefone em todo o município e na ligação entre os distritos; a construção, em 1921, do Grupo Escolar Afonso Pena Júnior; ligação de ônibus entre Sacramento a Araxá – numa menção a algumas das principais realizações.

Estratégico componente que traria o progresso não somente a Sacramento, mas, sobretudo, para o desenvolvimento do Brasil Central, foi a extensão da histórica Estrada de Ferro da Companhia Mogiana, garantindo a ligação da região com a próspera São Paulo. Fundada no início da década de 1870, a empresa obteve a concessão para construir o trecho Campinas-Mogi-Mirim com ramal para Amparo, tendo bitola de um metro, com prolongamento até as margens do Rio Grande.²⁶⁵

Em fins do século XIX, quando estava sendo decidida a construção do ramal Catalão (GO), ficou definido que a primeira parada em Minas seria Uberaba; entretanto, por meio da intercessão de diversos políticos e pela decisão do Barão de Camargos, no governo do Estado de Minas, em não aprovar o projeto se não houvesse uma estação em Sacramento,²⁶⁶ a cidade recebeu a importante ligação férrea atravessando o Rio Grande sobre um majestoso viaduto de ferro – numa reformulação feita pela empresa sobre a ponte efetivada anteriormente a pedido do cônego Brunswick. A Mogiana ainda construiria quatro estações no território do município – Ponte do Jaguará – a pioneira, inaugurada em 1888 - Cipó, Conquista e Engenheiro Lisboa, implantadas em 1889.

²⁶⁴ CREMA, Linda de Melo. Op.cit., p.23.

²⁶⁵ RODRIGUES, Maura Afonso. **Fagulhas de História do Triângulo Mineiro**. Uberlândia: ABC-SABE, 1998, pp.19-21.

²⁶⁶ SILVA, Antônio Pereira da. Os bondes caipiras de Sacramento. **Leitura** [Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado S.A. – IMESP]. São Paulo: 12/01/1994, p.2

Nos anos seguintes, a marcha sobre o oeste prosseguiria, e, em 21 de dezembro de 1895, os trilhos chegaram à atual cidade de Uberlândia, e no ano seguinte – a 15 de novembro de 1896 –, foi construída a estação de Araguari.²⁶⁷

Em Sacramento, todavia, pela diferença de altitude entre a sede e a Serra do Cipó – passagem do leito da ferrovia -, era inviável, pelos altos custos, a instalação de uma estação em seu núcleo urbano. Vencendo a distância de 14 Km e com o nítido propósito de não perder os benefícios da estrada – sobretudo o escoamento do café -, a municipalidade construiu em 1894 uma estrada de rodagem utilizada por carros de bois. Interessante salientar que, a mesma Lei n.14 também autorizava o executivo a receber 300 imigrantes italianos numa situação semelhante à paulista, em que os estrangeiros teriam uma “hospedaria” onde ficariam até o encontro do emprego – caso singular do Triângulo e Alto Paranaíba. Importantes famílias da região, hoje - inclusive de Uberlândia - vieram nessa jornada de riscos e trabalho árduo – como, apenas para ilustrar, os Crosara, Manzan, Zago, Constantin, Guardiero, Cherulli, entre outros,²⁶⁸ que, certamente, trouxeram novas técnicas e mentalidades do velho mundo...

Em 1907, a Comissão de Finanças e Redação da Câmara Municipal de Sacramento apresentava o projeto de iluminação pública para a cidade – e o vereador Eurípedes Barsanulfo era um dos três membros desse importante grupo. Em ata – redigida por ele -, era registrado na ordem do dia o parecer oficial favorável: “... A comissão entende que deve ser elle convertido em lei com as emendas que offerece. Ao artigo 1.º - A electricidade que se necessita para a instalação da luz deve ser constituída de modo a verificar não só esta instalação, como também para motores de vários mecanismos que por ventura se quizer estabelecer...”.²⁶⁹

O projeto foi aprovado por unanimidade, estendendo a eletrificação até o emergente distrito de Conquista, a um custo de 120 contos de réis, pagos em 10 anos com a edilidade

²⁶⁷ CERCHI, Carlos Alberto. Op.cit., pp.28-30.

²⁶⁸ RODRIGUES, Maura Afonso. Op.cit., p.28.

²⁶⁹ **Atas da Câmara Municipal**. Volume com as atas de 29/03/1900 a 13/01/1904.

garantindo juros de oito por cento ao ano.²⁷⁰ No mesmo ano de 1907, emenda do vereador Orígenes Tormim elevou a quantia em até trezentos e oitenta e cinco contos de réis, sendo “...preferível em primeiro lugar uma linha de bondes” da cidade até o ponto mais conveniente.

Em 1908, tomava posse a nova Câmara, sendo praticamente reeleitos todos os vereadores, inclusive Eurípedes Barsanulfo, e, em abril, era apresentado também por Orígenes Tormim um projeto de bondes com mais clareza – ligando o município ao “...ponto mais conveniente da estrada de ferro Mogiana”²⁷¹. Em 1909, um certo engenheiro, Joaquim Carrão, começou os estudos para a viabilidade da via de carris elétricos ²⁷², o projeto convertido em lei foi aprovado em 1910 - contando com o apoio do governo do Estado -, e o local estabelecido foi a Estação do Cipó, 14 Km, até então vencidos em três dias por carros de boi, enquanto que de trem para São Paulo era gasto apenas um dia, e para Uberaba, três horas.²⁷³

No plano internacional, os tempos eram de tensão, e um grande conflito era cada vez mais inevitável, conseqüência das disputas imperiais e econômicas do século anterior²⁷⁴.

Numa mesma página de jornal de época especializado em assuntos ferroviários, o “Brasil Ferro-Carril”, em 19 de janeiro de 1901, vinham estampadas as propagandas de empresas das potências em disputa econômica: “Bromberg & C. Rio de Janeiro – Casa Matriz: Hamburgo – Filiaes nas cidades mais importantes do Brazil...”; “Decauville – société Nouvelle des Etablissements – Paris – Grande stock: Trilhos, Desvios, Wagonetes...”; ou, “Müller & C. – Importadores e Representantes de afamadas fabricas Suissas e Allemãs – Locomotiva fornecida para a Estrada de Ferro Federal Suissa – Locomotivas a vapor e electricas”.²⁷⁵

²⁷⁰ Em 1901 a renda do município era de 35:000\$000 (trinta e cinco contos de réis); em 1910 atingia a 75:415\$000 e em 1911 a quantia seria quadruplicada – 280:615\$000. In: **Coleção de Leis Municipais** – “Pai Adão”. Museu Municipal Corália Vênites Maluf.

²⁷¹ **Atas da Câmara Municipal**. Volume com as atas de 29/03/1900 a 13/01/1904.

²⁷² STIEL, Waldemar Corrêa. **História do Transporte Urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Convênio EBTU/PINI, 1984, p.374.

²⁷³ SILVA, Antônio Pereira da. Os bondes caipiras de Sacramento. **Leitura**. Op.cit., p.2

²⁷⁴ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

²⁷⁵ **Brasil Ferro-Carril**. Rio de Janeiro: 19/10/1901, p.4.

Época de progresso, sem dúvidas. Período de acirramento de concorrência industrial. E a pequena Sacramento, por uma circunstância singular da história, experimentou uma saga que reproduziria, certamente sem a consciência das tramas, um pouco das disputas geopolíticas do velho continente. Por sugestão de Eurípedes Barsanulfo, foi efetuada uma concorrência internacional em que, pela capacidade técnica, a empresa alemã com filial no Rio de Janeiro, a Bromberg & Cia., executaria a construção da estrada e a iluminação pública da cidade. O “Anuário de Minas Geraes”, publicado em Belo Horizonte,²⁷⁶ registrava o acontecimento:

Em 12 de maio de 1910 foi lavrado o contracto com a casa Bromberg & Comp., do Rio, para a construcção de uma estrada de ferro electra, de um metro de bitola... bem como a illuminação electra da referida cidade e povoação de Conquista. (...) Para isso aquella casa se utilizará de uma das cachoeiras do Rio Borá, a dous kilometros de distancia, compromettendo-se a dar uma installação completa para 600 cavallos de força.

O empreendimento foi orçado em 590:000\$000 (quinhentos e noventa contos de réis), com cinco pagamentos semestrais e diante da falta de uma agência bancária financiadora na cidade, a Câmara por intermédio de uma comissão eleita para elaborar a lei sobre os empréstimos e a garantia de juros – e Barsanulfo também era integrante – estabeleceu um sistema de apólices nominais de cem mil réis o par, com ganho de 10% ao ano. As ações da municipalidade foram compradas por dois fazendeiros abastados, entre eles o Cel. José Affonso.²⁷⁷

A assinatura do contrato e a notícia do progresso causaram, naturalmente, otimismo. Carlos Bertolucci, em depoimento em 1991,²⁷⁸ descreveu o clima da cidade:

²⁷⁶ **Anuário de Minas Geraes**. Belo Horizonte: Ano IV, 1911.; **Tribuna de Franca**. n.934. Franca: 04/12/1910.

²⁷⁷ **Atas da Câmara Municipal de Sacramento**. Cópias de atas avulsas entre 1908 a 1914; CERCHI, Carlos Alberto. O bonde elétrico de Sacramento. In: **Cosmovisão** – Revista do Instituto de Cultura Brasil Centro Oeste. Uberaba: ano VI, n.6, 1984, pp.37-45.

²⁷⁸ BERTOLUCCI, Carlos. Depoimento prestado ao professor Carlos Alberto Cerchi. Uberaba: 23 de janeiro de 1991.

Naquele dia a cidade se exultaria com uma grande notícia... Depois de alguns dias na capital paulista, com o objetivo de contratar uma empresa eletricista, apeava do trem na estação de Conquista o Coronel Zeca Afonso... O seu retorno era sinal positivo da sua missão, na execução do projeto da implantação de luz e bondes elétricos... Republicanos esperavam-no a cavalo na entrada da cidade, e uma banda de música já se posicionava no começo da rua principal....

Enquanto senhoras de chapéu e sombrinha nas mãos seguiam seus cavalheiros, o povo exclamava: “... Sacramento vai ter luz! Sacramento vai ter bondes!”

O lançamento da pedra fundamental da construção da estação dos bondes na cidade também foi repleto de festividades, e, no local, fora enterrado um caixote com moedas, papéis e uma edição do Jornal Bonanza, editado na cidade no início do século. Em suas memórias, José Rezende da Cunha ²⁷⁹ assim descreveu o acontecimento – que coincidiu com o dia de seu casamento com a senhora Edalides Millan de Rezende, irmã de Eurípedes:

Chegou o 1º de maio de 1911, o dia mais alegre de minha vida até hoje. Pela madrugada uma grande manifestação: música, foguetes e discursos do professor Eurípedes Barsanulfo que completava o 31º aniversário. Às 9 horas uma multidão para localizar a estação dos bondes, o Seu Mógico foi quem fincou a primeira estaca...

O símbolo da cidade de Sacramento, o ribeirão Borá, forneceu a força hidráulica para a movimentação dos dínamos da *Bergman* e as turbinas e reguladores de água da *Voith*, todos de fabricação germânica. A construção da usina e da linha férrea foi simultânea, e todo o material importado chegou a Sacramento, via Mogiana, vindo do Rio de Janeiro pela estação do Cipó. Até as margens do Borá, o transporte era em carros de boi.²⁸⁰

Em 15 de novembro de 1913, aniversário da República, era inaugurada a estrada, transportando pessoas e cargas. O engenheiro alemão da Bromberg, Frits Mauff, conduziu uma máquina com dois carros reboques a partir de Sacramento; no Cipó, com banda de música, populares e correligionários esperaram o Coronel José Affonso, que vinha de Uberaba pela

²⁷⁹ CUNHA, José Rezende da. Memórias inéditas [datilografadas]. Acervo do professor Carlos Alberto Cerchi.

²⁸⁰ **Tribuna de Franca**. N.1079. Franca: 16/05/1912; CERCHI, Carlos Alberto. O bonde elétrico de Sacramento. Op.Cit., p.41.

Mogiana. No retorno à Sacramento, mais festas, discursos e foguetes, com a estação ornada de flores, arcos de folhas de palmeiras e bandeirinhas entrelaçadas do Brasil e da Alemanha.²⁸¹

Essa estação central, um bonito prédio, que obedeceu às linhas arquitetônicas também germânicas, foi erguido por empreiteiros portugueses, ocorrendo um fato pitoresco. Na entrega das obras, os trabalhadores pediram aos Agentes Executivos de Sacramento e Conquista que a testassem, batendo nas paredes com marretas. Diante da recusa, os próprios construtores efetuaram a prova de resistência.²⁸²

Da cidade, saíam para São Paulo café, arroz, milho, feijão, milho, queijo, toucinho, aguardente e borracha de mangabeira. Vinham produtos manufaturados como ferragens, louças, tecidos, sal e artigos finos e industriais.²⁸³ E, certamente, idéias.

O jornal “Tribuna de Conquista” – o pioneiro da região na impressão gráfica em maquinário próprio – destacava em manchete a 25 de maio de 1913, ainda na fase da construção da linha: “Greve em Sacramento – Operários que se revoltam. Falta de garantias saída precipitada dos engenheiros. Excusa de informações a nossa reportagem”. No corpo da reportagem, descrevia: “Anteontem em Sacramento por ocasião do pagamento aos trabalhadores da linha de bondes em construção naquela cidade, uma das turmas se declarou em greve, allegando não ser justo o desconto de 300 réis que fazia em seus salários quantia esta destinada a médico e remédio...”

A história dos bondes rurais de Sacramento é singular, característica de uma época de otimismo pelo progresso, aspecto que, notoriamente, influenciou a educação e levou à expansão do ensino no país. Em 1989, foi publicado, nos Estados Unidos, o trabalho de um especialista que percorreu o Brasil catalogando as linhas férreas de bonde do país.²⁸⁴ A ousadia dos sacramentanos do início do século mereceu destaque: “..Sacramento in one of the remotest

²⁸¹ SILVA, Antônio Pereira da. Os bondes caipiras de Sacramento. Op.cit., p.2

²⁸² CERCHI, Carlos Alberto. **Os Bondes de Sacramento**. Op.cit., pp..52-3.

²⁸³ SILVA, Antônio Pereira da. Os bondes caipiras de Sacramento. Op.cit., p.2.

²⁸⁴ MORRISON, Allen. **The Tramways of Brazil – A 130 Year Survey**. New York: Bonde Press, 1989, p.87.

tramway cities in Brazil: in a far western corner of Minas Gerais, 500 Km from Belo Horizonte, about halfway between São Paulo and the new federal capital of Brasilia...”²⁸⁵

Enfatizando o empreendedorismo no âmbito regional, Allen Morrison destacou: “Much larger towns in the area – Uberaba, Uberlândia, Ribeirão Preto – planned tramway systems but did not succeed in building even a mulecar line. Sacramento had an electric tramway constructed by German engineers...”²⁸⁶

Em 1929, a quebra da Bolsa de Nova Iorque traria efeitos nefastos à frágil economia do país e a até então promissora Sacramento ficaria abalada e comprometida pelo declínio das exportações do café. A cidade estagnou e perdeu o relevo no âmbito regional.

Na Revolução de 1930, que alçou Vargas ao poder, e na reação paulista de 1932 com a Revolução denominada Constitucionalista, os bondes ainda tiveram importância, na condução de soldados mineiros até as margens do Rio Grande. Mas a retraída do café, a implantação das jardineiras, o consumo de energia elétrica e a necessidade de constantes reparos no maquinário levaram à desativação da linha.

Num país com preservação da memória precária, os bondes foram paralisados na administração de José Ribeiro de Oliveira, o Dr. Juca, amigo pessoal de Vargas e, elevado ao poder pelo interventor no Estado, Benedito Valadares. As atividades do sistema foram encerradas em 1938 e o então prefeito obteve do governador a autorização para a venda dos materiais remanescentes.²⁸⁷ Em 20 de fevereiro de 1939, em São Paulo, um certo Luiz Rangel arrematou em leilão todo o material relativo à linha, inclusive as composições, por 240 contos de réis, e o paradeiro das máquinas é desconhecido.

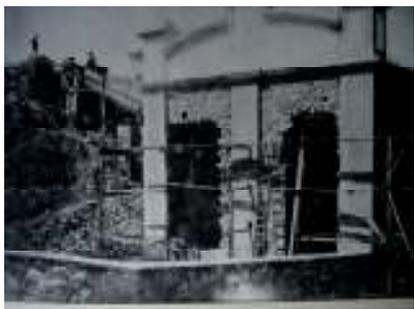
²⁸⁵ “Sacramento é uma das cidades com linha de bondes mais remotas do Brasil, no extremo oeste de Minas Gerais, 500 Km. de Belo Horizonte, aproximadamente a meio caminho entre São Paulo e a nova capital federal, Brasília...” [tradução nossa].

²⁸⁶ “Cidades muito maiores na área – Uberaba, Uberlândia, Ribeirão Preto – planejaram sistemas de linhas de bonde mas que não resultaram sequer numa construção de bondes puxados a mulas. Sacramento teve uma linha de bondes elétricos construídos por engenheiros alemães...” [tradução nossa].

²⁸⁷ CERCHI, Carlos Alberto. **Os Bondes de Sacramento**. Op.cit., pp.128-9.

Nesse mesmo país com planejamento estratégico precário – ou muitas vezes inexistente – a antiga Mogiana, já denominada Fepasa, foi desativada. Em 15 de fevereiro de 1977, sem nenhuma solenidade, partia de Franca o seu último trem de passageiros.²⁸⁸

²⁸⁸ SANTOS, Wanderley dos. A Mogiana. **Comércio de Franca**. Franca: 27/2/1994.



FIGURAS 12 e 13: *Usina Cajuru, no momento da construção, em 1912 (coleção do professor Carlos Alberto Cerchi) e foto atual das turbinas alemãs (coleção do professor Amir Salomão Jacob)*



FIGURA 15: *Propaganda de uma empresa fornecedora de peças ferroviárias. Fonte: Brasil Ferro-Carril. Rio de Janeiro: 19/10/1901.*



FIGURA 14: *Estação da Jaguar, a pioneira da Estrada de Ferro da Mogiana em Minas Gerais, inaugurada em março de 1888. Fonte: Acervo da FEPASA in: CERCHI, Carlos Alberto. Memória Fotográfica de Sacramento. Op.cit., p.86.*



FIGURA 16: *Estação central da linha de bondes, em Sacramento. Prédio construído por pedreiros portugueses e, tal qual a tecnologia do maquinário, as linhas arquitetônicas eram alemãs. Fonte: fotografia do acervo do autor.*